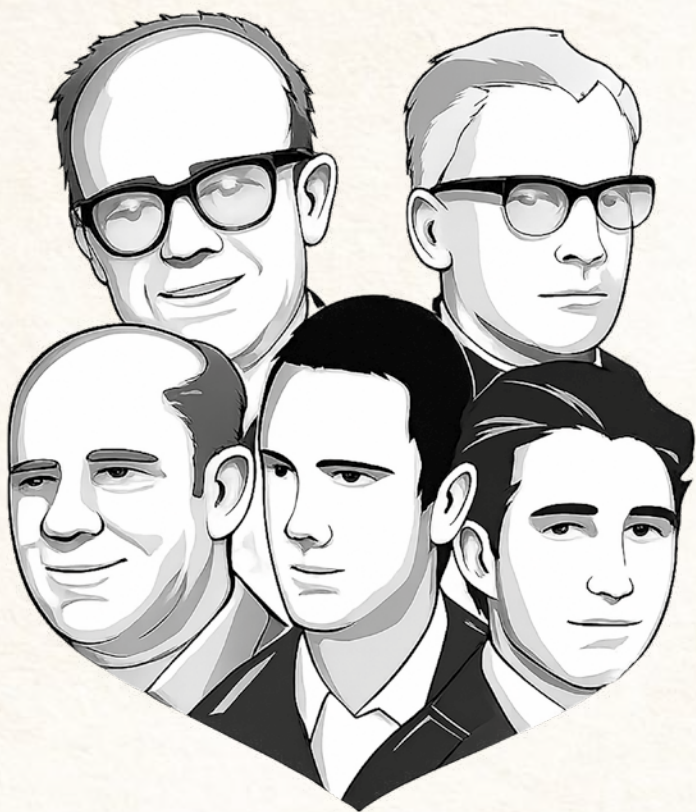


ALOTINA

REVISTA

Ano 83 | nº 1 | Jan-Jun 2026



EDITOR
PE. JUDINEI VANZETO, SAC

**INFORMATIVO DA PROVÍNCIA
NOSSA SENHORA CONQUISTADORA
SANTA MARIA (RS)**

PALOTINA REVISTA



Santa Maria, RS
Jan./Jun. | 2026



EXPEDIENTE

Editor

Pe. Judinei Vanzeto, SAC

Comissão Editorial

Pe. Jadir Zaro, SAC
Pe. Juliano Dutra, SAC

Revisão

Pe. Jerônimo Brixner, SAC
Geonice Hauschildt

Comissão Científica

Pe. Jurandir Goulart Soares, SAC | Pe. Fábio Junior Batistella, SAC
Pe. Mercio José Cauduro, SAC | Pe. Cristiano Parpinelli da Silva, SAC

Diagramação / Capa

Ideias e Mídias Gráficas
Ir. Nelson José Juárez, SAC

Impressão

Gráfica Pallotti (SM)

Periodicidade

Semestral

Tiragem

200 exemplares

INFORMAÇÕES PALOTINAS

Informativo da Província Nossa Senhora Conquistadora,
(abril 1943 | ano 83, nº 1, jan./jun. 2026 | Santa Maria (RS))

Biblos Editora

Rua Padre Alziro Roggia, 115
Patronato | Santa Maria (RS) | **Fone: (55) 3025-2266**

Santa Maria | ano 83, nº 1, jan./jun. 2026

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação – CIP

I43 Informações Palotinas : informativo da Província Nossa Senhora Conquistadora
- Padres e Irmãos Palotinos - v83, n1 (jan./jun. 2026) Santa Maria : Biblos, 2026.

v1, n2 (1943)
Semestral
ISSN 2675-0872

1. Filosofia 2. Igreja 3. Teologia - Periódico 4. Sociedade do Apostolado Católico
5. Padres e Irmãos Palotinos I. Título

CDU 2

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Trilce Morales – CRB 10/2209



SUMÁRIO

- 7** EDITORIAL
- 13** A ASSEMBLEIA GERAL DE 1998
Juliano Dutra
- 35** SABERES AFRICANOS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR:
CONTRIBUIÇÕES DA PALABRE PARA A FORMAÇÃO DOCENTE
E A VISIBILIDADE DE PROFESSORES NEGROS
Jurandir Goulart Soares
Amarildo Luiz Trevisan
- 47** SÃO OS DIREITOS HUMANOS UMA SECULARIZAÇÃO
DO CRISTIANISMO?
Itamar Luís Gelain
Judinei Vanzeto
- 65** AS ETAPAS DA VIDA PRESBITERAL: UM ITINERÁRIO DE
MATURAÇÃO HUMANA, ESPIRITUAL E PASTORAL
Judinei Vanzeto
- 77** MEMÓRIAS DE GRAÇAS ALCANÇADAS:
NOSSA SENHORA DE GUADALUPE
Generice Maria Dallastra Ferri
- 111** PADRE CASIMIRO FACCO, SAC (1942–2026)
- 117** UACBR: ASSEMBLEIA NACIONAL E NOVO CONSELHO (2026–2029)
Daiane da Paz
- 129** A COLABORAÇÃO DAS ENTIDADES E ENTRE AS
ENTIDADES: UMA REFLEXÃO E UMA ESCUTA ABERTA
Daniel Luz Rocchetti
- 141** O PERFIL PALOTINO NO APOSTOLADO
Daniel Luz Rocchetti
- 155** PALLOTTI 65 ANOS: O TEMPO QUE EDUCA,
A HISTÓRIA QUE PERMANECE
Geonice Zago Tonini Hauschildt
Sérgio Lasta, SAC
Mércio Cauduro, SAC
- 159** ATENEO SAN PATRICIO: EL TESTIMONIO DE UNA PARTICIPANTE
Griselda Diaz

- 163** LOS CINCO: SEMILLA DE VIDA PARA LA IGLESIA Y LA SOCIEDAD
Pablo Bocca, SAC
- 167** NUESTROS CINCO HERMANOS PALOTINOS HOY SON LUZ Y VIDA
PARA CADA UNO DE NOSOTROS
Rodolfo Pedro Capalozza
- 179** DISCURSO DO PADRE HELTON LUIZ WACHHOLZ DE SOUZA
AO RECEBER O TÍTULO DE CIDADÃO HONORÁRIO
DE MANAUS – AMAZONAS
Helton Luiz Wachholz de Souza
- 185** DISCURSO DO PADRE JOSÉ BATTISTI AO RECEBER O TÍTULO
DE CIDADÃO HONORÁRIO DE PALOTINA – PARANÁ
José Battisti
- 189** NOTÍCIAS QUE ALARMAM
Rodolfo Pedro Capalozza
- 193** POESIA DESPEDIDA DE PADRE JADIR ZARO DA COMUNIDADE
LOCAL PADRE CAETANO PAGLIUCA
- 199** POESIA EM HOMENAGEM AOS 103 ANOS DA
REVISTA RAINHA DOS APÓSTOLOS



EDITORIAL

“A Inteligência Artificial hoje precisa ser “desarmada”, libertada das lógicas que a transformam em instrumento de dominação, exclusão ou morte.”

Papa Leão XIV

“Os presbíteros não são funcionários nem heróis solitários, mas filhos amados, discípulos humildes e estimados, e pastores amparados pela oração de seu povo.”

Papa Leão XIV

“Se quer consolo, busque sempre a Deus: Deus nos pensamentos, Deus nas palavras, Deus nas obras, Deus nos afetos do coração, Deus, Deus, Deus em tudo.”

São Vicente Pallotti

Com a graça de Deus, seu amor e sua infinita misericórdia, apresentamos esta nova edição da **Revista Palotina** (Informações Palotinas), com o propósito de divulgar pesquisas de confrades e colaboradores.

No momento em que redigimos este editorial, acompanhamos as notícias sobre a primeira encíclica do Papa Leão XIV, **Magnifica Humanitas**, que reflete sobre a Inteligência Artificial, a tecnologia digital e a dignidade da pessoa humana.

Esta edição está organizada em duas seções: a primeira reúne artigos acadêmicos de caráter científico; a segunda, registro de memórias provinciais.

A seção de artigos inicia-se com **O Capítulo Geral 1998**, de autoria do padre Juliano Dutra, que aborda a XVIII Assembleia Geral da Sociedade do Apostolado Católico, realizada em Roma em 1998, destacando a preparação para o Jubileu do Ano 2000 e a elaboração do Estatuto Geral da União do Apostolado Católico. O encontro articulou a avaliação da trajetória da Sociedade com a projeção de ações futuras, em fidelidade ao carisma de São Vicente Pallotti.

Em seguida, o padre Jurandir Goulart Soares, no artigo **Saberes Africanos na Educação Superior: Contribuições da Palabre para a Formação Docente e a Visibilidade de Professores Negros**, destaca a *palabre* africana e a filosofia da sagacidade como referências para uma formação docente mais inclusiva, valorizando a diversidade epistêmica e a presença de professores negros nas universidades.

O terceiro artigo, de Itamar Luís Gelain e do padre Judinei Vanzeto, intitulado **São os Direitos Humanos uma Secularização do Cristianismo?**, analisa a tese, defendida por Luc Ferry e retomada por autores como Bobbio, Tocqueville e Schmitt, segundo a qual os direitos humanos modernos têm raízes na tradição judaico-cristã. Para isso, examina o pensamento grego clássico, a moral cristã presente no Evangelho de Mateus e sua influência na filosofia de Kant.

O padre Judinei Vanzeto também contribui com uma análise bibliográfica intitulada **As Etapas da Vida Presbiteral: Um Itinerário de Maturação Humana, Espiritual e Pastoral**, na qual aborda as etapas do ministério ordenado, evidenciando sua contribuição para a vida religiosa consagrada palotina.

A graduada do Curso de Teologia/EAD da Universidade La Salle (Unilasalle/Fapas), Polo Coronel Vivida-PR, Generice Maria Dallastra Ferri, apresenta seu TCC **Memórias de Graças Alcançadas: Nossa Senhora de Guadalupe**, no qual investiga a devoção a Nossa Senhora de Guadalupe, suas aparições a Juan Diego e a presença de igrejas dedicadas aos seus devotos no Brasil, bem como testemunhos de graças, evidenciando sua forte devoção como Padroeira das Américas.

Na segunda parte compartilhamos **Registro de Memórias Provinciais**.

Abrimos esta seção com a memória póstuma do nosso confrade **Padre Casimiro Facco**, falecido em maio, aos 83 anos, na Comunidade Padre Caetano Pagliuca, em Santa Maria (RS), após 55 anos de ministério sacerdotal, dedicados ao Evangelho, à formação de vocações e à missão *ad gentes*.

Compartilhamos uma síntese da **Assembleia Nacional da União do Apostolado Católico**, realizada em março de 2026, no Seminário Mãe do Divino Amor, em Curitiba (PR), que reuniu 22 participantes, entre membros da Coordenação Nacional, presidentes dos Conselhos Locais, Superiores Maiores e representantes regionais. O encontro, marcado por comunhão, sinodalidade e discernimento, culminou na eleição do novo Conselho Nacional.

No **XV Encontro de Superiores Maiores da Sociedade do Apostolado Católico**, realizado em Friedberg, Alemanha, em abril de 2026, o Padre Daniel Rocchetti destacou que a colaboração entre as entidades palotinas constitui uma expressão concreta da comunhão e da missão compartilhada.

Compartilhamos com nossos leitores um texto do Padre Daniel Rocchetti, apresentado durante a formação online promovida no início de junho pelo Secretariado do Apostolado da Província Nossa Senhora Conquistadora. Em sua reflexão sobre

O Perfil Palotino no Apostolado, o autor destaca que a missão nasce do próprio Deus, Amor Infinito.

Parabéns ao **Colégio Pallotti – Antônio Alves Ramos**, pelos seus **65 anos de história**, que reafirma sua missão educativa e formadora junto a gerações de estudantes. Mais do que uma instituição de ensino, o colégio tornou-se parte da vida de milhares de pessoas, deixando marcas por meio da educação, dos valores humanos e da construção de sonhos que continuam vivos na memória de sua comunidade educativa.

A leiga argentina **Griselda Díaz** e os padres palotinos argentinos **Pablo Boca** e **Rodolfo Pedro Capalozza** refletem sobre o significado dos **50 anos do Massacre de São Patrício**, ocorrido durante a ditadura militar argentina. Cada um, a partir de sua própria perspectiva, oferece uma reflexão que recorda a memória dos cinco palotinos assassinados em 1976 e destaca seu testemunho de fé, compromisso evangélico e defesa da dignidade humana, mantendo viva a lembrança de um dos episódios mais marcantes da história palotina na América Latina, homenageado na capa desta edição.

Também compartilhamos os discursos dos confrades **Padre Helton Luiz Wachholz de Souza**, por ocasião do recebimento do título de Cidadão Honorário de Manaus (AM), e **Padre José Battisti**, ao receber o título de Cidadão Honorário de Palotina (PR). As homenagens reconhecem a dedicação missionária e os relevantes serviços prestados por ambos à Igreja e à sociedade.

Em seu texto **Notícias que Alarmam**, o Padre Rodolfo Pedro Capalozza, reflete sobre os diversos episódios de violência que marcam a sociedade atual, desde tragédias envolvendo crianças e jovens até guerras e discursos de ódio. Diante dessa realidade preocupante, convida à promoção da cultura da paz, do diálogo e do respeito à dignidade humana.

Para concluir esta edição, publicamos duas poesias. A primeira recorda a **despedida do Padre Jadir Zaro**, da Comunidade Padre Caetano Pagliuca, por ocasião de sua transferência para a Casa Provincial após sua eleição como Provincial para o próximo triênio. A segunda, de autoria do Padre Judinei Vanzeto, que celebra os **103 anos da Revista Rainha dos Apóstolos**, destacando sua história e contribuição para a evangelização.

Agradecemos a valiosa contribuição de cada colaborador que nos brindou com seus artigos, textos, reflexões, memórias e poesias. Esta revista é fruto de um trabalho realizado em equipe, em espírito de sinodalidade palotina, no qual cada pessoa oferece seus dons, talentos e tempo para enriquecer cada edição.

Que **Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos e São Vicente Pallotti** intercedam por todos nós, para que possamos concretizar cada vez mais o carisma palotino em nossos corações e na vivência cotidiana da fé, da comunhão e da missão.

Desejamos a você uma proveitosa e inspiradora leitura!

Pe. Judinei Vanzeto, SAC
Editor

A ASSEMBLEIA GERAL DE 1998

THE 1998 GENERAL ASSEMBLY

Juliano Dutra¹

Resumo: O artigo apresenta, em linhas gerais, a preparação e o desenvolvimento da XVIII Assembleia Geral da Sociedade do Apostolado Católico ocorrida em Roma entre setembro e outubro de 1998. A preparação do Grande Jubileu do ano 2000 e a reta final dos trabalhos de elaboração de um Estatuto Geral para a União do Apostolado Católico dominaram as expectativas e os trabalhos da Assembleia. Assim, o evento não foi só balanço do que acontecera até ali na fundação masculina de Pallotti, mas foi também um momento de debates focados em projetos futuros que pretendiam, porém, manter a Sociedade fiel à inspiração e à obra do Fundador.

Palavras-chave: Assembleia Geral. Carisma. Jubileu.

Abstract: This article presents, in broad terms, the preparation and development of the XVIII General Assembly of the Society of the Catholic Apostolate, held in Rome between September

1. Padre Palotino. Professor de História da Igreja na FAPAS (Faculdade Palotina) de Santa Maria/RS e no IFITEO (Instituto de Teologia São João Paulo II) de Cascavel/PR.

and October 1998. The preparation for the Great Jubilee of the Year 2000 and the final stages of drafting a General Statute for the Union of the Catholic Apostolate dominated both the expectations and the work of the Assembly. Thus, the event was not only an assessment of what had taken place up to that point within Pallotti's male foundation, but also a moment of debate focused on future projects that nevertheless sought to keep the Society faithful to the inspiration and work of its Founder.

Keywords: General Assembly. Charism. Jubilee.

Introdução

Para o célebre historiador francês Marc Bloch (2011), as inquietações do passado são estudadas e precisam de respostas porque o presente reclama e reivindica uma tal atitude. Desde essa perspectiva, nós temos a necessidade de estudar o passado porque o presente exige; precisamos de respostas para as nossas questões atuais e, então, voltamo-nos para o passado. Mas ele não é panaceia para todos os males; talvez só a constatação da complexidade das questões discutidas outrora é já um elemento que faz do passado um ponto de observação importante do nosso presente.

Entretanto, se é verdadeira a posição de Bloch e trazendo essa constatação à nossa realidade palotina é, portanto, importante estudarmos novamente a história da obra de São Vicente Pallotti. Uma pergunta a modo de exemplo. Quem de nós já não procurou responder para si ou para os outros que nos interrogam o que é mesmo a União do Apostolado Católico (UAC)? Ou: qual é a relação da UAC com a Sociedade do Apostolado Católico (SAC)? Temos uma resposta convincente? Não parece.

Na verdade, como vimos apresentando, essa preocupação em relação ao carisma de Vicente Pallotti não é nova ao interno da

SAC. Podemos até dizer que ela percorre todo o século XX e, particularmente, na segunda metade desse mesmo século. Primeiro era a questão do processo de canonização que não andava, depois foi a discussão sobre a identidade da fundação palotina no confronto com o Movimento de Schoenstatt, mas no mesmo período tinha também a chamada do Vaticano II sobre a importância da Igreja voltar às fontes das fundações religiosas, nesse caso. Esse contexto determinou o início da publicação dos escritos do Padre Vicente. A partir disso os estudos se multiplicaram, assim como os encontros de partilha e de discussão; documentos a nível geral foram emanados sobre vários aspectos da fundação... até que amadureceu a necessidade de se dar uma estrutura jurídica para a inspiração de Pallotti, a União do Apostolado Católico.

Esse processo mais notadamente jurídico remonta então a meados dos anos 90 do século XX, quando a SAC já estava sob a liderança do Padre Freeman no seu primeiro mandato. Todavia, na Assembleia de 1998, o tema se tornou premente porque a Assembleia precisou dar o seu *placet* para que se procedesse, junto à Santa Sé, a busca da aprovação eclesial do Estatuto da União. Essa opção, em consonância com as demais partes da fundação palotina, exigiu um trabalho ainda mais sério de discussão sobre o tema para que se elaborasse – que na verdade já tinha sido iniciado – com os demais componentes da grande Obra de Pallotti, o Estatuto da UAC.

Mas isso não é tudo. A celebração da XVIII Assembleia Geral (AG) da Sociedade do Apostolado Católico (SAC) esteve também envolta no clima eclesial da celebração do Grande Jubileu do ano 2000. Em 1998, de fato, se celebrava o primeiro de três anos que marcaria a preparação mais imediata desta significativa celebração. Era o ano do Espírito Santo.

Assim, a preparação do grande jubileu era o enquadramento eclesial que pairava sobre aquele momento particular da

SAC. No contexto provincial, naquele momento estavam em ato as tratativas com o bispo de Inhambane, sul de Moçambique, que iriam culminar na abertura da missão no ano seguinte. Poucos meses antes (de 10 a 24 de julho de 1998), de fato, os PP. Gilberto Orsolin e Casimiro Facco tinham ido visitar o bispo Dom Alberto Setele e ver *in loco* os possíveis locais de trabalho pastoral naquele país da costa da África Oriental. É de se anotar ainda, para fazer justiça a essa iniciativa que, nessa abertura missionária *ad gentes* da Província, foi decisiva a influência das Irmãs Palotinas romanas que tinham assumido uma missão no norte da Diocese de Inhambane um ano antes (FACCO, 1998, p. 4-5)².

O nosso percurso neste artigo, portanto, comportará primeiramente discorrer sobre os elementos preparatórios e a própria celebração da Assembleia, depois, partindo das fontes, tentar fazer um balanço da Sociedade no final do século e milênio para, por último, nos dedicarmos a apresentar os elementos provinciais presentes no relatório do Superior da Província de Santa Maria apresentado durante a Assembleia Geral.

1. Elementos preparatórios e a celebração da Assembleia

A convocação para a XVIII Assembleia Geral aconteceu no dia 24 de junho de 1997 com a carta do Padre Geral, Séamus Freeman. Segundo a carta, a Assembleia aconteceria entre setembro e outubro do ano seguinte em Roma, no Centro de Espiritualidade dos Padres Salesianos (ACTA SAC, vol. XIX, p. 12)³.

A carta de convocação assinalava a importância da celebração não só porque era a hora, segundo a Lei da SAC, de esco-

2. C. FACCO. Viagem a Moçambique – África. In: **Informativo Palotino**, ano IX, n. 5, ago./1998, p. 4-5.

3. S. FREEMAN. Lettera di convocazione. In: **Acta Societatis Apostolatus Catholici** (ACTA SAC), vol. XIX (Capitulum Generale - 1992), Romae: Piazza S. Vincenzo Pallotti, [s.d], p. 12.

lher um novo Regime Geral, mas também porque se deveria «examinar o estado da Sociedade, tratar de questões fundamentais do apostolado e da vida dos membros; programar novos objetivos; zelar pela unidade e coesão da Sociedade e emanar decretos e leis» (LSAC, 1984, n. 103⁴).

Além de indicar os temas e o lema da AG, na Carta de convocação, Freeman ressaltava que a Assembleia Geral era um evento eclesial porque a SAC era também Igreja e toda a preocupação e desafios desta eram também os da Fundação de Pallotti; o Padre Geral evidenciava ainda o fato de que a Assembleia eram um «momento privilegiado» para a SAC no contexto da busca de uma fidelidade criativa ao carisma herdado onde cada um dos membros poderia participar da Assembleia, mesmo aqueles que não estivessem fisicamente presentes na Assembleia propriamente dita, pois, participariam no processo e, depois, com a oração durante o evento. A AG era, pois, segundo Freeman, uma expressão da vida em comunidade da Sociedade. Literalmente ele dizia: «L'Assemblea Generale è la più grande espressione di dialogo, di rappresentanza, e di corresponsabilità» (ACTA SAC, vol. XIX, p. 16). Em resumo: a Assembleia, na perspectiva do Padre Geral que findava seu primeiro mandato, era tanto um evento humano com todas as debilidades e oportunidades que esta afirmação comportava, mas era também um acontecimento espiritual.

Quase um ano depois da Carta de convocação, o Geral voltou a escrever a todos os membros participantes da Sociedade recordando a importância do clima espiritual de preparação, elencando os quatro temas que seriam a base das discussões da AG e informando que os dois moderadores não seriam membros delegados da Assembleia para que ninguém tivesse mais de uma função no evento (ACTA SAC, vol. XIX, p. 36-39⁵).

4. LEIS da Sociedade do Apostolado Católico. Porto Alegre: Pallotti, 1984, n.103.

5. S. FREEMAN. Lettera del Rettore Generale. In: **ACTA SAC**, vol. XIX (Capitulum Generale - 1992), Romae: Piazza S. Vincenzo Pallotti, [s.d], p. 36-39.

Seguindo o que definira a Assembleia de 1992 no n. 25 – que tinha tido como tema Na União para evangelizar – e em vista a uma representação mais equitativa, novos critérios foram usados para a escolhas dos delegados das jurisdições: aquelas com até 80 membros, elegiam um delegado; aquelas com membros de consagração perpétua entre 81 e 200, escolhiam dois e, por fim, aquelas jurisdições com mais de 200 membros, tinham o direito de três delegados. Em todos os novos critérios, todavia, o Superior já era de direito membro da Assembleia Geral (LSAC, 1984, n. 102).

Deste modo, no tempo estabelecido, ocorreu a Assembleia. Assim, ela foi celebrada no Centro de Espiritualidade Salesianum, em Roma, entre os dias 16 setembro e 08 de outubro de 1998. O número de participantes com direitos a voto foi de 66 (deveria ser 67, mas o ex-Reitor Geral, Martin Juritsch, por problemas de saúde, não pode participar). Entretanto, o número de participantes efetivos foi maior dado que também participaram alguns peritos segundo o que estabelecia a Lei (n. 364), os moderadores, secretários e tradutores. Assim, eram ao todo 86 os membros envolvidos na organização e celebração da XVIII Assembleia Geral da Sociedade. As maiores representações eram da Polônia e da Alemanha. Da Província Nossa Senhora Conquistadora, além do Pe. Lino Baggio, na época Reitor Provincial e, por isso, membro *ex officio*, também participaram como delegados eleitos pela Assembleia Provincial os PP. Clarindo Redin e Achylle A. Rubin. No grupo dos peritos, como um dos moderadores, mesmo participando pela primeira vez de uma Assembleia Geral, esteve presente o Pe. Dionísio Francisco Costa (1998, p. 4⁶). Os idiomas oficiais da Assembleia Geral foram o inglês, o italiano, o polonês, o alemão e o português.

6. D. F. COSTA. Ser moderador da XVIII Assembleia Geral da SAC. In: **Informativo Palotino**, ano IX, n. 7, out./1998, p. 4.

O Pe. Lino assim relata o início dos trabalhos da Assembleia: «No dia 16 de setembro, com uma celebração eucarística presidida pelo Reitor Geral, na capela do Salesianum, invocamos as luzes do Espírito Santo para empenhar-nos com coragem, unidade e perseverança nos nossos trabalhos de cada dia. Não sei o motivo, mas fui escolhido para junto com o Provincial da Índia para estar ao lado do Reitor Geral, durante a celebração eucarística» (BAGGIO, 1998, p. 10⁷).

Ao longo da Assembleia, no dia 26 de setembro, o Pe. Seá-mus Freeman foi reeleito para um segundo mandato no cargo de Reitor Geral da SAC e, posteriormente, no dia 28 do mesmo mês, foi eleito o restante do Regime Geral, sendo constituído pelo Vigário Geral, o Pe. Francesco Todisco (italiano) e os seguintes consultores: Wolfgang Weiss (alemão), Sérgio M. Schaub (argentino) e Kazimierz Czulak (polonês). Os demais membros do Regime Geral eleitos eram: Jan Korycki (polonês) para a função de Procurador, Geral Dwyer (irlandês) para a tarefa de Ecônomo e o indiano Emmanuel Savariaradimai como Secretário Geral⁸. As eleições foram precedidas por um retiro espiritual orientado pelo jesuíta Maurizio Costa.

No grupo linguístico português-espanhol foi escolhido como presidente o Pe. Clarindo Redin e secretário o Pe. José Elias Fadul. O presidente de cada grupo linguístico e os dois moderadores, juntamente com o Reitor Geral, formavam a Comissão

7. L. BAGGIO. XVIII Assembleia Geral da Sociedade do Apostolado Católico. In: **Informações Palotinas**, ano 55, n. 2 (1998), p. 7-17.

8. Na reunião ordinária do Conselho Geral do dia 03 de outubro do ano 2000, o Pe. Savariaradimai apresentou a sua carta de demissão da função por motivos de saúde; a carta de demissão, entretanto, tinha sido datada no dia 14 de setembro. O Conselho, nas reuniões dos dias 06 e 09 de outubro, avaliou e aceitou a demissão e, no dia 31 de outubro, nomeou o Pe. Jacob Nampudakam – até aquele momento Secretário Geral para a formação – também para função de Secretário Geral; o novo secretário iniciou oficialmente o seu novo encargo no dia 15 de maio de 2001 (ATTI del Regime Generale. Dalle sedute del Regime Generale (1999-2001) [Demissioni e nomina del Segretario Generale della Società]. In: **ACTA SAC**, vol. XX (1999-2001) Romae, [s.d], p. 48-49; 275-277).

de Presidência da Assembleia: «Dela dependiam a elaboração das pautas, a dosagem do trabalho e o seu ritmo, a triagem dos assuntos para a apresentação, discussão, revisão, aprovação e todo o encaminhamento da Agenda». O Pe. Lino foi eleito para analisar, junto com a representação dos demais grupos linguísticos, o relatório do Ecônomo Geral e as demais questões econômicas da SAC e da Assembleia (BAGGIO, 1998, p. 11).

2. Um balanço da Sociedade no final do Segundo Milênio

O tema da Assembleia foi escolhido pelo Conselho Geral, depois de várias consultas e discussões internas, numa reunião no Centro de Espiritualidade de Grottaferrata que aconteceu entre os dias 11 e 13 de fevereiro de 1997. O ponto de partida das discussões e que fundamentou a decisão foi o Documento Final do Congresso Consultivo dos Superiores Maiores acontecido em Carranza entre os dias 03 e 10 de outubro de 1996 e as cartas de convocação das duas últimas Assembleias Gerais (ACTA SAC, vol. XVIII, p. 19⁹; ACTA SAC, vol. XIX, p. 4).

Assim, o lema da Assembleia escolhido foi: *“Fiéis ao futuro... tendo o olhar fixo em Jesus, autor e realizador da Fé”* (Hb 12,2). O lema foi pensado, segundo o Padre Geral, para exprimir o projeto de uma «fedeltà criativa» a Jesus Cristo, nosso amigo (ACTA SAC, vol. XIX, p. 5), mas a sua escolha se inseria também no espírito e nas iniciativas que tinham nascido da celebração do Bicentenário de nascimento de Pallotti (ACTA SAC, vol. XIX, p. 7) e tendo no horizonte toda a celebração jubilar que envolvia a Igreja – e a SAC, por consequência – naquele final de milênio.

Segundo a Carta de convocação do Pe. Freeman, a decisão de convocar uma nova Assembleia Geral acontecera na reunião

9. ATTI del Regime Generale. Dalle sedute del Regime General (1996-1998). In: ACTA SAC, vol. XVIII (1996-1998) Romae, [s.d], p. 19-24.

do Conselho Geral do dia 10 de junho de 1997 (ACTA SAC, vol. XIX, p. 2). A Assembleia foi convocada com antecedência e foram propostos quatro temas que nortearam as Assembleias províncias e regionais em vistas de bem celebrar o maior evento da SAC. Os temas eram os seguintes: rumo ao documento “Fiéis ao futuro”, Estatuto Geral da UAC, Formação permanente e Prioridades para o futuro (BAGGIO, 1998, p. 9).

O tema da AG que deveria ser expresso na sua mensagem final, depois do seu primeiro esboço, foi reformulado pela Assembleia Geral. A mudança principal foi relativa aos destinatários: pensado inicialmente para os de fora («ad extra») foi depois escrita para os membros da SAC («ad intra») com o olhar no novo milênio que se aproximava: o convite era de que os membros fossem fiéis no testemunho da comunhão para serem credíveis aos homens e mulheres do tempo (BAGGIO, 1998, p. 12-13; cf. ACTA SAC, vol. XIX, p. 7).

No dia 06 de outubro os membros tiveram uma audiência com o Papa João Paulo II. O papa exortou a SAC a se inserir no processo da «nova evangelização» que abre as portas do Novo Milênio, movimentava e animava as ações eclesiais no Ano do Espírito Santo. O trabalho com os leigos – inserindo-os na herança carismática e compartilhando com eles este dom divino – era outro apelo forte da mensagem do Santo Padre.

Todavia, a parte mais significativa da mensagem era o apelo para que todos os membros da Sociedade aspirassem a santidade pessoal de vida. Diz textualmente o Papa João Paulo II:

Vivere la fede significa inserirsi nell'esistenza di Cristo. In Gesù ci è dato di scoprire la nostra vera natura e di valorizzare appieno la nostra dignità personale. Annunciare Cristo por condurre ciascuno a recuperare in pienezza l'immagine di Dio è l'obiettivo finale della “nova evangelizzazione”. Voi in modo particolare, chiamati in forza vel vostro carisma a

ravvivare la fede e a riaccendere la carità in ogni ambiente, tenete ben chiara dinanzi a voi l'opzione preferenziale per "l'immagine di Dio" che attende di essere svelata nell'esistenza di ogni fratello e di ogni sorella. Riconoscete in ciascuno il volto di Cristo, valorizando ogni essere umano senza riguardo alla sua condizione o al suo stato» (ACTA SAC, vol. XIX, p. 142¹⁰).

Assim, para o Papa era importante que os membros da SAC não só tivessem um particular empenho na busca pela santificação pessoal que tornava mais credível o anúncio evangélico com o conteúdo sonhado por Vicente Pallotti, mas que também todos se empenhassem efetivamente numa “nova evangelização” seja pelos métodos e meios, mas principalmente pela necessidade de redescobrir a novidade evangélica que o mundo – e em particular a Europa – parecia ter esquecido.

A Assembleia Geral não publicou imediatamente o Documento Final oficial, mas sim esperou para publicá-lo no ano 2000 por ocasião da celebração do Grande Jubileu, mas que era também o jubileu dos 150 anos da morte de Pallotti. No imediato publicou, porém, uma mensagem final onde retomava o tema central “Fiéis ao futuro”, tema da Assembleia (BAGGIO, 1998, p. 8).

Neste contexto eclesial mais amplo, está inserido o relatório do Padre Freeman. Segundo o Pe. Lino, o relatório do Geral foi longo e nele se destacava, apesar de «algumas dificuldades» que «são mais visíveis os sinais de esperança na SAC» (BAGGIO, 1998, p. 14-15). De fato, o relatório do Padre Freeman é um longo texto no qual ele tentou dar uma resposta àquilo que previa a Lei da SAC e às tarefas que a última Assembleia tinha dado ao Regime Geral eleito (ACTA SAC, vol. XIX, p. 399-636¹¹).

10. JOÃO PAULO II. Messaggio del Santo Padre, Giovanni Paolo II, ai partecipanti alla XVIII Assemblea Generale. In: ACTA SAC, vol. XIX (Capitulum Generale - 1992), Romae: Piazza S. Vincenzo Pallotti, [s.d], p. 141-143.

11. S. FREEMAN. Relazione del Rettore Generale. In: ACTA SAC, vol. XIX (Capitulum Generale - 1992), Romae: Piazza S. Vincenzo Pallotti, [s.d], p. 399-636.

O relatório do Padre Geral foi organizado (dividido) em cinco partes: 1) vida e função do Regime Geral; 2) Respostas às tarefas confiadas ao Regime; 3) Tarefas ordinárias da administração do Regime Geral; 4) Desenvolvimentos na SAC e na UAC e, 5) fiéis ao futuro.

Em relação ao primeiro ponto, o Pe. Freeman destacou o modo de governo singular da SAC no qual o Padre Geral participava votando de todas as decisões o que implicava – para de fato fosse um trabalho em comunhão e colaborativo – um número grande de reuniões que deviam ser geridas no contexto das várias visitas canônicas que, por sua vez, também deviam ser feitas pelos membros do Conselho. Entretanto, para colocar em prática esta primeira tarefa o Conselho tinha elaborado um lema «Chiamati ad una Comunione di Fede e di Missione» onde cada palavra tinha um sentido e implicava algumas tarefas e atitudes. «Chamados» tinha um sabor vocacional e sublinhava que o trabalho do Regime Geral não era feito por funcionários, mas irmãos que pretendiam colaborar com Deus; «comunhão» sublinhava a imposição das atividades: «un dialogo profondo, un incontro di menti e di cuori, un reciproco ascolto» de modo que uma tal colaboração e uma tal comunhão expressassem na vida o carisma herdado; na «fé» porque toda a atividade do Regime deveria ser fundada no «rapporto personale com Gesù Cristo» em vista da santidade pessoal e comunitária (neste sentido, tinham sido uma iniciativa do sexênio a adoração eucarística diária – 30 minutos – na Igreja de São Salvador in Onda); e de «missão» porque a fé que não se manifestava em expressões missionárias era morta. Assim se tratou de conjugar as polarizações eclesiais e salvar a integridade da fé (perspectiva da “direita”) e a solicitude para com os pobres e as suas gritantes necessidades (perspectiva da “esquerda”) (ACTA SAC, vol. XIX, p. 405 e ss.).

No que diz respeito às tarefas confiadas ao Regime Geral, existiam aquelas dadas pela última Assembleia Geral Extraordinária e as recomendações ordinárias que se esperavam do Regime em vistas ao melhor governo da Sociedade. A clarificação da relação da SAC com a UAC era uma das tarefas principais. A Assembleia de 1992 tinha sido cautelosa quanto à mudança da Lei. O Conselho Geral preparara um documento – que depois fora assumido pelo Conselho Internacional da UAC – intitulado “Memória e profecia da União do Apostolado Católico”.

Uma outra tarefa dada pela precedente Assembleia era a elaboração de um Estatuto para a UAC. Em constante diálogo com o Conselho Internacional da UAC, com “peritos” e com as diversas “experiências” feitas em diferentes contextos geográficos, o Pe. Hubert Socha preparara um esboço do Estatuto que tinha sido submetido a uma primeira avaliação do Pontifício Conselho para os Leigos. Este esboço estava para ser discutido na Assembleia Geral. O ponto específico a ser discutido era a consonância (ou não) do Estatuto com a Lei da SAC. Refletindo sobre a recomendação da AG de 1992 de que o Conselho Geral aprofundasse o pensamento palotino, Freeman ressaltava a dinamicidade das origens e afirmava:

Le nostre origini non saranno mai definite una volta per tutte. Ci sarà una crescita continua nella profonda comprensione dei tempi, degli eventi e delle parole del nostro Fondatore. Le origini sono, per natura, una continua ipotesi da verificare ed il loro vero significato viene scoperto attraverso la contemplazione e lo studio di coloro che meditano queste cose in cuor loro, e attraverso ciò che affermano le nostre Assemblee (ACTA SAC, vol. XIX, p. 421-422).

Apresentado pelo saudoso Pe. Hubert Socha, o Estatuto da UAC foi motivo de «acalorados debates». Na prática ele já estava em vigor, aprovado *internamente ad experimentum*, há cerca de

um ano. Se, porém, Freeman imaginava que a Assembleia teria a possibilidade de discutir sobre as «esperienze acquisite» (ACTA SAC, vol. XIX, p. 8), não se enganou.

As discussões e questionamentos foram endereçados sobretudo à questão da capacidade jurídica da UAC. A discussão não progrediu de tal maneira que estes elementos não foram aprovados e delegou-se ao novo Conselho Geral eleito para fazer as adequações, providenciar os passos para a sua aplicação e definir as datas da promulgação e da entrada em vigor de tudo isso em colaboração, obviamente, com o Conselho Internacional da UAC (BAGGIO, 1998, p. 13). Tudo porque o que importava era saber se o Estatuto refletia realmente a Lei da SAC (ACTA SAC, vol. XIX, p. 8). Os trabalhos de correções que a Assembleia encarregou o novo Conselho Geral foram levados adiante, num constante diálogo com as instâncias competentes da Santa Sé (ACTA SAC, vol. XX, p. 253-266¹²; BAGGIO, 1998a, p. 2¹³). Na Assembleia, depois desses debates acalorados e em confrontação com a Lei da SAC, o Estatuto foi aprovado *ad experimentum*, mas o Conselho Geral deveria fazer as correções sugeridas e providenciar os passos para a sua aplicação, promulgação e data da entrada em vigor em diálogo com o Conselho Internacional da UAC e Santa Sé (BAGGIO, 1998a, p. 2).

Das tarefas ordinárias, segundo Freeman, competia ao Conselho Geral cuidar principalmente da questão da unidade. A unidade, segundo ele, deveria perpassar as relações com a Igreja (hierarquia universal e bispos locais), com os demais institutos religiosos, com os demais carismas da comunidade eclesial, no processo de reconciliação da humanidade, enfim, a unidade deveria

12. A TUTTI i Superiori Maggiori e a tutti i membri della Società dell’Apostolato Cattolico: Statuto Generale dell’Unione dell’Apostolato Cattolico. In: **Acta Societatis Apostolatus Catholici** (ACTA SAC), vol. XX, Romae: Piazza S. Vincenzo Pallotti, [s.d], p. 253-266.

13. L. BAGGIO. XVIII Assembléia Geral [Editorial]. In: **Informativo Palotino**, ano IX, n. 7, out./1998a, p. 1-3.

ser uma unidade em Cristo (ACTA SAC, vol. XIX, p. 488-496). O moto de tal busca pela unidade era a famosa frase de Pallotti: *«la ragione e l'esperienza dimostrano che il bene che si fa isolatamente è scarso, incerto e di poca durata, e che gli sforzi i più generosi degli uomini non possono riuscire a nulla di grande anche nell'ordine morale, e religioso, se non inquanto sono riuniti e ordinati ad uno scopo comune»* (OOCC, vol. IV, p. 122¹⁴).

Outros elementos e atividades levadas adiante pelo Regime Geral na condução ordinária da vida SAC que o Geral discorreu com pormenores (normalmente dando primeiramente um esboço histórico) ao longo de seu relatório foram: o Congresso Consultivo dos Superiores Maiores, o Instituto Pallotti, o Colégio Internacional, a Biblioteca da Casa Geral, o Arquivo Geral, os diversos secretariados que trabalharam em comunhão com o Regime Geral, os congressos e as várias jornadas de estudo, as bolsas de estudo etc. No seu relatório, Freeman deu também uma breve informação sobre as causas de beatificação de membros da Sociedade e da UAC que estavam em curso. Mas uma parte considerável do seu relatório foi reservada ao tema da UAC. Ele sublinhou o lugar da União na Igreja, as suas relações com a SAC e as várias atividades promovidas (ACTA SAC, vol. XIX, p. 572-579), assim como os desenvolvimentos da SAC durante o sexênio destacando a nova Província polonesa e as missões que se iniciavam, em Moçambique e no México.

Em relação ao quinto aspecto “Fiéis ao futuro”, depois de uma introdução teológico-espiritual e as suas implicações para a SAC que apontavam para a necessidade de ser fiel às fontes iniciais para poder ser fiel no futuro, o Pe. Freeman apontou como prioridades para o futuro (ACTA SAC, vol. XIX, p. 621-631): o

14. PALLOTTI, San Vincenzo. *Manoscritti Giuridici. Appelli e Statuti (1835-1838)* (OOCC), vol. IV, Roma: Curia Generalizia della Società dell'Apostolato Cattolico, 1967, p. 122.

tema da UAC, a colaboração como força animadora da missão da SAC, a formação e o jubileu do ano 2000.

O tema das prioridades foi amplo, mas podia ser resumido a partir de três eixos, a saber: formação, UAC e colaboração (BAGGIO, 1998, p. 14). Freeman já indicava na Carta de convocação que este era um tema novo para a Assembleia. A ideia que movia o Regime Geral era fazer com que as moções e recomendações não fossem somente decisões isoladas, mas que envolvessem e empenhassem toda a Sociedade. Num clima de discernimento espiritual e em espírito colaborativo, todos os membros foram convidados a elencar três ou quatro prioridades para a concretização do carisma na própria situação local; depois disso, a discussão seria ampliada para as províncias/regiões e as respostas deveriam chegar até Roma onde entrariam na pauta da Assembleia e ajudariam a Sociedade a ser fiel criativamente (*«fedeltà creativa»*) a Jesus e a Pallotti, naquele momento e no futuro (ACTA SAC, vol. XIX, p. 10-11).

O Geral apresentou também a situação sobre a recomendação que versava sobre a necessidade de escrever a história da Obra de Pallotti respeitando as diversas jurisdições e ainda sobre outras questões como: as celebrações acontecidas em torno do bicentenário de nascimento de Pallotti (1995), a necessidade de se publicarem as Cartas de Pallotti, a necessidade de se estudar a língua italiana, de se promover encontros continentais, de aprofundar as relações com o Movimento de Schoenstatt etc. Do relatório do Ecônomo, é destacado o fato de que a Sociedade conseguira, depois de uma longa batalha jurídica, a administração do «Hotel Ponte Sisto» e agora se faziam necessárias algumas reformas para colocá-lo em pleno funcionamento (BAGGIO, 1998, p. 14).

O tema da formação permanente foi o mais pacífico e, na visão do Padre Lino, o enfoque foi o de que a conversão, mais que renovação, deveria atingir a vida quotidiana e os trabalhos de

todos os membros (BAGGIO, 1998, p. 13-14). Todo este movimento em redor da formação permanente levava em consideração o desafio que a Exortação Apostólica *Vita Consecrata* do Papa João Paulo II publicada em 1996. O Papa tinha desafiado as Congregações para que elaborassem a sua próprio *Ratio institutionis*, ou seja, o projeto de formação inspirado no carisma e no itinerário proposto pelo respectivo Fundador. Em relação a *Ratio*, entretanto, na SAC, o processo de elaboração já estava em andamento com reuniões, mas também com a recolha daquilo que já se fizera sob certos aspectos como era o caso dos irmãos com os documentos precedentes sobre o lugar destes na Sociedade e na obra de Pallotti como um todo (ACTA SAC, vol. XIX, p. 8-10; ACTA SAC, vol. XVIII, p. 38-39¹⁵). Mas a Assembleia criou oficialmente o secretariado para a formação que se encarregaria de elaborar a *Ratio* (REDIN, 1998, p. 4¹⁶; BAGGIO, 1998, p. 13-14).

Das moções recomendações, o Pe. Lino destacou aquela do Pe. Kevin O'Neill sobre os cinco mártires Palotinos da Argentina; eles foram mortos no dia 04 de julho de 1976 e, depois de diversos esclarecimentos, a Assembleia Geral reconheceu que eles foram «martirizados por causa da justiça e por terem pregado e vivido o Evangelho» (BAGGIO, 1998, p. 15). Hoje, no ano em que celebramos os 50 anos daquele acontecimento trágico, vale a pena retornar a esta decisão da Assembleia de 1998 porque, desde então, oficialmente, a Sociedade reconhece a fidelidade heroica daqueles nossos irmãos e seminaristas ao Evangelho.

15. ATTI del Regime Generale. Dalle sedute del Regime General (1996-1998) [La “Ratio Institutionis”]. In: ACTA SAC, vol. XVIII, Romae: Piazza S. Vincenzo Pallotti, [s.d], p. 38-39.

16. C. REDIN. Notas sobre a XVIII Assembléia Geral. In: In: **Informativo Palotino**, ano IX, n. 7, out./1998, p. 4.

3. Relatório da Província de Santa Maria

No seu relatório provincial apresentado na Assembleia, o Pe. Lino Baggio deu um panorama geral da Província com especial atenção ao tema dos membros (estatística) e aos desafios relacionados a este tema; falou também sobre os principais trabalhos apostólicos da Província (ACTA SAC, vol. XIX, p. 814-824)¹⁷.

Primeiramente, o Reitor Provincial destacou a extensão geográfica da Província que, segundo seu parecer, dificultava a gestão e organização dos membros. As diferentes atividades apostólicas (42 paróquias, destas, 9 em regiões missionárias e outras inúmeras iniciativas das quais se destacava o trabalho ao redor dos centros de formação com, inclusive, uma equipe missionária itinerante) eram sempre mais desafiadoras. Internamente o «envelhecimento, a doença, a perda de entusiasmo apostólico, o cansaço e a acomodação de muitos membros» – ressalte-se o “muitos” – eram uma realidade desafiadora perante a qual o Superior afirmava não ter solução. De outra parte, externamente, podemos dizer, o tema da cultura moderna (ou pós-moderna) com os seus valores – «o subjetivismo, o individualismo, o egoísmo, o materialismo, o consumismo, o hedonismo» – eram desafios à solidariedade e à fraternidade, segundo o Padre Lino (ACTA SAC, vol. XIX, p. 824).

No que se refere à estatística, segundo o Provincial, a província tinha aumentado o número de vocações em comparação com anos anteriores. Objetivamente, ele apresentava os seguintes números: em 1998 a Província era composta de 139 padres, 06 irmãos leigos, 02 estudantes professores perpétuos, 14 estudantes professores temporários, 05 noviços do segundo ano, 08 noviços do primeiro ano (01 destes era candidato a irmão), 25 estudantes que

17. L. BAGGIO. Provincia Brasiliana di Santa Maria. In: ACTA SAC, vol. XIX (Capitulum Generale - 1992), Romae: Piazza S. Vincenzo Pallotti, [s.d], p. 814-824.

cursavam o ano do propedêutico e chegavam a 110 os estudantes do segundo grau (internos). Os seminários geridos pela Província eram cinco (Vale Vêneto, Palotina, Ariquemes, Cascavel e Santa Maria) e dois eram os padres promotores vocacionais liberados para o trabalho de animação vocacional.

Todavia, no entender do Padre Lino, a quantidade dos membros ainda que tivesse aumentado – o que era uma boa notícia – não era ainda suficiente para as atividades desenvolvidas. O tema dos desafios internos, apenas mencionados, preocupava. Outro dado preocupante era a dificuldade em promover a vocação do irmão leigo. As palavras literais do Provincial são estas: «O número de vocações aumentou, mas somos uma Província um tanto envelhecida, além de contar com um número significativo de membros doentes, cansados, acomodados e até desanimados. É uma situação que nos preocupa, sobretudo com relação aos “irmãos leigos”, que são em número pequeno e para os quais continuamos a não ter perspectivas» (ACTA SAC, vol. XIX, p. 814). Somava-se a isso o fato da falta de perseverança das vocações que, segundo o Provincial, influenciados pelos meios de comunicação social – imagine hoje! – aderiam aos princípios ideológicos do dia «propalados pela pós-modernidade» (ACTA SAC, vol. XIX, p. 816).

O Padre Lino informava também que, em 1998, a tiragem da Revista Rainha era de 15.000 exemplares mensais. No relatório aparecia ainda como projeto a ser concretizado no futuro a abertura – em parceria com as Irmãs Palotinas – da Missão Moçambique, na diocese de Inhambane que, no ano seguinte, logo no início do ano, acabou por ser de fato concretizada.

Considerações finais

A XVIII Assembleia Geral da Sociedade do Apostolado Católico se insere no seu processo de desenvolvimento histórico. O estudo da mesma permite retomar os elementos que preocupavam os membros da SAC no final do segundo milênio que, cremos, não são tão diversos daqueles vividos por nós depois de quase trinta anos.

O nosso percurso incluiu, portanto, discorrer sobre os elementos preparatórios da Assembleia e das suas próprias atividades. Nesse sentido, é destacado o processo em ato de discussão do Estatuto da UAC, a visita ao Papa João Paulo II e a própria eleição – reeleição de Freeman – do novo Regime Geral. Depois, na segunda parte, discorreremos sobre os elementos apresentados e discutidos na Assembleia que poderiam ser colocados sob o título de uma espécie de ‘balanço’ de final de milênio; título ousado, mas que indica mais um balanço de mandato e do estado da Sociedade no final dos anos 90 do século XX. A última parte de nosso percurso, como normalmente temos feito, foi a apresentação de um quadro da Província de Santa Maria partindo do relatório do Padre Provincial. O paradoxo do aumento de membros com a perda do entusiasmo apostólico, o cansaço e a acomodação de outros – acrescentamos – a desistência de muitos, talvez seja um dos elementos que mais nos tocam do seu relatório. Isso porque quando falamos de desânimo e desistência de membros parece que estamos falando da experiência dos últimos anos. Novamente a complexidade do passado, permite enxergar talvez melhor o presente.

Na realidade, entretanto, a dimensão de fidelidade a Jesus sob o prisma do carisma herdado, ainda é uma das principais questões que nos são colocadas pela sociedade civil em geral e pela Igreja, em particular. Não creio que evoluímos muito na compreensão do carisma e da relação da União com a SAC,

em particular. Desde então temos a experiência de mais de duas décadas da aprovação do Estatuto. A Assembleia Geral da União acabou de mudar algumas coisas no Estatuto, mas parece que não há ainda uma compreensão, uma adesão e um empenho significativo em promover a UAC da parte de todos nós, membros da Sociedade do Apostolado Católico. Na última Assembleia da SAC uma ideia que girava, mesmo de maneira informal, era de que o Estatuto tinha travado o processo de assimilação. Ele seria, nesse sentido, um peso negativo porque aumentando a burocracia estaria ‘matando’ o espírito. Não creio que essa afirmação simplista seja uma resposta suficiente e convincente, mas ela é quase uma convicção de muitos de nós Palotinos, ao menos de muitos brasileiros.

Uma coisa, entretanto, me parece mais certa. Quando os padres, os irmãos e as irmãs eram os responsáveis por levarem a frente – mesmo que de modo quase informal – as atividades da UAC, as iniciativas tinham mais adesão e eram mais abrangentes. Isso porque existiam instituições – as províncias – que abraçavam essas mesmas iniciativas. Hoje a União não tem essa força institucional. Para provar minha afirmação, olhemos para o número de encontros, congressos, estudos etc. que aconteceram ao longo destes vinte e cinco anos do novo milênio e os comparemos com as duas últimas décadas do milênio passado. Alguns podem atribuir a um entusiasmo inicial; isso pode explicar algo, mas não certamente tudo. Os superiores provinciais lideram grupos que podem mais facilmente ser mobilizados, qual é a força de mobilização do presidente do Conselho Nacional, ainda mais se for leigo/a?

Referências bibliográficas

- A TUTTI i Superiori Maggiori e a tutti i membri della Società dell'Apostolato Cattolico: Statuto Generale dell'Unione dell'Apostolato Cattolico. In: **Acta Societatis Apostolatus Catholici (ACTA SAC)**, vol. XX (1999-2001), Romae: Piazza S. Vincenzo Pallotti, [s.d], p. 253-266.
- ATTI del Regime Generale. Dalle sedute del Regime General (1996-1998) [Assemblea Generale]. In: **ACTA SAC**, vol. XVIII (1996-1998) Romae, [s.d], p. 19-24.
- _____. [La “Ratio Institutionis”]. In: **ACTA SAC**, vol. XVIII, Romae: Piazza S. Vincenzo Pallotti, [s.d], p. 38-39.
- ATTI del Regime Generale. Dalle sedute del Regime General (1999-2001) [Demissioni e nomina del Segretario Generale della Società]. In: **ACTA SAC**, vol. XX (1999-2001) Romae, [s.d], p. 48-49; 275-277.
- BAGGIO, Lino. Provincia Brasiliana di Santa Maria. In: **ACTA SAC**, vol. XIX (Capitulum Generale - 1992), Romae: Piazza S. Vincenzo Pallotti, [s.d], p. 814-824.
- _____. XVIII Assembléia Geral da Sociedade do Apostolado Católico. In: **Informações Palotinas**, ano 55, n. 2 (1998), p. 7-17.
- _____. XVIII Assembléia Geral [Editorial]. In: **Informativo Palotino**, ano IX, n. 7, out./1998a, p. 1-3.
- BLOCH, Marc. **Apologia da história ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- COSTA, Dionísio F. Ser moderador da XVIII Assembléia Geral da SAC. In: **Informativo Palotino**, ano IX, n. 7, out./1998, p. 4.
- FACCO, Casimiro. Viagem a Moçambique – África. In: **Informativo Palotino**, ano IX, n. 5, ago./1998, p. 4-5.
- FREEMAN, Seamus. Lettera di convocazione. In: **ACTA SAC**, vol. XIX (Capitulum Generale - 1992), Romae: Piazza S. Vincenzo Pallotti, [s.d], p. 1-30.
- _____. Lettera del Rettore Generale. In: **ACTA SAC**, vol. XIX, Romae: Piazza S. Vincenzo Pallotti, [s.d], p. 36-39.
- _____. Relazione del Rettore Generale. In: **ACTA SAC**, vol. XIX (Capitulum Generale - 1992), Romae: Piazza S. Vincenzo Pallotti, [s.d], p. 399-636.

LEIS da Sociedade do Apostolado Católico. Porto Alegre: Pallotti, 1984.
JOÃO PAULO II. Messaggio del Santo Padre, Giovanni Paolo II, ai partecipanti alla XVIII Assembleia Generale. In: **ACTA SAC**, vol. XIX (Capitulum Generale - 1992), Romae: Piazza S. Vincenzo Pallotti, [s.d], p. 141-143.

PALLOTTI, San Vincenzo. **Manoscritti Giuridici. Appelli e Statuti (1835-1838) (OCCC)**, vol. IV, Roma: Curia Generalizia della Società dell'Apostolato Cattolico, 1967.

REDIN, Clarindo. Notas sobre a XVIII Assembleia Geral. In: In: **Informativo Palotino**, ano IX, n. 7, out./1998, p. 4.



SABERES AFRICANOS NA EDUCAÇÃO SUPERIOR: CONTRIBUIÇÕES DA PALABRE PARA A FORMAÇÃO DOCENTE E A VISIBILIDADE DE PROFESSORES NEGROS

AFRICAN KNOWLEDGE SYSTEMS IN HIGHER
EDUCATION: CONTRIBUTIONS OF THE PALABRE
TO TEACHER TRAINING AND THE VISIBILITY OF
BLACK FACULTY MEMBERS

Jurandir Goulart Soares¹

Amarildo Luiz Trevisan²

Resumo: Este artigo analisa a palabre africana e a filosofia da sagacidade como instrumentos para a formação docente e visibilidade de professores negros na pós-graduação brasileira. Frente ao epistemicídio de saberes afro-brasileiros, propõe-se resgatar os saberes tradicionais transmitidos nas comunidades africanas pela palavra e pela oralidade. A palabre promove consenso, aprendi-

1. Padre Palotino. Doutorando em Educação pela Universidade de Santa Maria (UFSM), jurangoulart@yahoo.com.br.

2. Orientador e Professor de Pós-graduação na Universidade de Santa Maria (UFSM), trevisanamarildo@gmail.com

zagem coletiva e fortalecimento comunitário, enquanto a filosofia da sagacidade valoriza a reflexão crítica e ética. Conclui-se que esses saberes oferecem subsídios para modelos de formação docente que contemplam a diversidade epistêmica e fortalece visibilidade da presença de professores negros nas universidades brasileiras.

Palavras-chave: Palabre Africana. Filosofia da Sagacidade. Professores negros. Universidades brasileiras.

Abstract: This article examines the African palabre and the philosophy of sagacity as tools for teacher education and the visibility of black professors in Brazilian graduate programs. In response to the epistemicide of afro-brazilian knowledge, it seeks to recover traditional knowledge transmitted orally within african communities. The palabre fosters consensus, collective learning, and community strengthening, while the philosophy of sagacity emphasizes critical and ethical reflection. It is concluded that these knowledge systems provide valuable foundations for teacher education models that embrace epistemic diversity and enhance the visibility of black professors in Brazilian universities.

Keywords: African palabre. Philosophy of sagacity. Black professors. Brazilian universities.

Introdução

Este artigo é parte do nosso projeto de pesquisa no PPGE da UFSM dentro da LP1, com a temática: Hermenêutica Reconstitutiva na Formação Docente: Compreendendo o Outro. Nessa lógica, *A docência de uma 'palabre' africana: contribuições para a formação docente e a visibilidade de professores negros na universidade brasileira*, ainda que seja um título provisório, ele indica a

nossa preocupação com a formação de professores negros e sua docência na pós-graduação nas universidades brasileiras.

Inconformados com situação de invisibilidade e de epistemicídio de pensadores afrobrasileiros, como pesquisadores na área da Filosofia da Educação e da cultura africana, nos perguntamos, como a Filosofia da Educação, em diálogo com a tradição africana da Palabre e com a hermenêutica reconstitutiva de Jürgen Habermas, pode contribuir para a formação docente com vistas a uma maior visibilidade de professores negros nos cursos de pós-graduação no Brasil?

Além disso, o projeto busca investigar as possibilidades de confluência da palabre africana como metodologia dialógica na formação docente com a hermenêutica reconstitutiva de Habermas, visando enfrentar o epistemicídio e ampliar a visibilidade de professores negros na graduação e pós-graduação brasileira. Dado que esse é um projeto para o futuro, o texto que segue se debruça, com exclusividade, ao tema da *palabre* africana em seus componentes: comunidade, palavra, oralidade, função pedagógica e a filosofia da sagacidade.

1. Comunidade, palavra e oralidade

Nas sociedades tradicionais africanas, a palavra e a oralidade não são apenas formas de comunicação, mas instrumento de construção social, transmissão de saber e organização política. Por isso, antes mesmo de falar da *palabre* africana, vale trazer alguns elementos fundamentais da vida das sociedades *bantu* referentes às questões sociais, políticas e econômicas. De acordo com Fu-Kiau, “Todos os problemas concernentes às pessoas, dentro desse contexto, são sociais, econômicos e políticos. E todos os problemas sociais, econômicos e políticos são de interesse do povo; devem ser discutidos publicamente para instruir intelligen-

tes e idiotas” (KU-KIAU, 2024, p. 108). Isso ratifica o quanto a comunidade era importante na vida das sociedades *bantu* africanas.

Outros dois elementos fundamentais são a tradição oral e a palavra. Nessas sociedades, a tradição oral e o uso da palavra ocupam o lugar central, especialmente entre os povos *bantu*. Elas formam a base do saber e da transmissão cultural. Pe. Raul Ruiz de Asúa Altuna na obra *Cultura Tradicional Bantu*, lembra o provérbio africano que diz: “Em África, quando morre um velho, desaparece uma biblioteca” (2014, p. 36). Tal afirmação revela que o conhecimento reside nas pessoas e é transmitido oralmente entre as gerações. Continua o autor, “A tradição oral é, assim, a biblioteca, o arquivo, o ritual, a enciclopédia, o tratado, o código, a antologia poética e proverbial, o romanceiro, o tratado teológico e a filosofia” (ALTUNA, 2014, p. 38). Portanto, há uma diversidade de formas pelas quais o saber tradicional africano se manifesta, desde danças, músicas até contação de histórias e provérbios. Quando se trata de um problema social, o processo acontece dentro de debate dialético (KU-KIAU, 2024).

Com efeito, a palavra na cultura *bantu* possui um valor essencial. Além de ser um instrumento de comunicação, ela é uma força criadora, espiritual e social. “A palavra tem a primazia e nada se mantém nem vive sem ela. Por isso, cultivam-na e tratam dela com carinho (...). A palavra é a pessoa, compromete-a e empenha-a” (ALTUNA, 2014, p. 88). Ela tem cum caráter simbólico e eficaz: “Não somente possui um significado conceitual, leva sobretudo uma carga simbólica e intuitiva e uma força criadora que faz eficazes as ações sobre as quais se pronuncia” (ALTUNA, p. 89). A palavra, uma vez pronunciada possui também um caráter ritual, para ser anulada ou enfraquecida precisa de uma palavra mais forte.

De acordo com Amadou Hambâté Bâ, “E, pois, nas sociedades orais que não apenas a função da memória é mais desenvolvida, mas também a ligação entre o homem e a Palavra

é mais forte. Lá onde não existe a escrita, o homem está ligado à palavra que profere. Está comprometido por ela. Ele é a palavra, e a palavra encerra um testemunho daquilo que ele é. A própria coesão da sociedade repousa no valor e no respeito pela palavra” (HAMBÂTÉ, 2010, p. 168).

Nesse sentido, a palavra é partilhada nos espaços de convivência, como em volta da fogueira ou em reuniões da aldeia debaixo da sombra de um baobá. “A aldeia, aconchegada junto à fogueira, fala; os homens reunidos falam e as mulheres falam; e isto durante horas, lenta, harmoniosa e gozosamente” (ALTUNA, 2014, p. 90). Desse modo, “Embaixo dessa árvore, especialistas investigam a questão à mão, bem como as respectivas ramificações e os respectivos efeitos sobre a vida da comunidade” (KU-KIAU, 2024, p. 109). Dito de outra forma, conversar é um ato que produz alegria e fortalece os laços sociais e culturais. Com a palavra, a pessoa “apropria-se das coisas, pode mudá-las e pô-las em marcha numa determinada direção” (ALTUNA, p. 91). Ela é vista como um “dinamismo, vivifica e consolida o grupo que a recebe. É sempre diálogo, comunhão” (ALTUNA, 2014, p. 39). Portanto, na tradição oral a palavra não é apenas uma mera repetição, mas uma formação e um iniciação antropológica.

Intimamente ligado à palavra, na cultura tradicional africana, está a dimensão da escuta, do ouvir. O termo ‘ouvir’ tem uma significação que vai para além da simples atividade sensorial do ouvido. Ouvir é usado para exprimir todas as impressões e vivências interiores. Ou ainda, ‘ouvir’ é fazer uma experiência global da realidade. Em África, se por um lado, se ouve dor, tristeza, fome, por outro lado, se ouve alegria, cantos, danças, sorrisos, solidariedade e esperança.

Entretanto, a colonização europeia provocou rupturas nessa continuidade cultural. “A colonização traumatizou esta tradição oral. Qualificou-a de primitiva e o negro julgava-se

inferior se contava, explicava e mostra conhecer as suas tradições” (ALTUNA, 2014, p. 42). A escola, sob orientação ocidental, ao ignorar ou menosprezar esses saberes, contribui para o seu enfraquecimento, o que podemos chamar de epistemicídio.

2. A *palabre* como prática pedagógica

Com essa breve introdução retomamos o conceito de *palabre*. No francês africano, esse termo significa uma assembleia ou reunião para discutir um problema. Para André Yinda e Noëlle Delbrassine no artigo *La palabre africaine* (2020): a *palabre* é um modo central de reflexão no continente africano. É extremamente difícil falar sobre a política e a sociedade africana sem falar da *palabre*. Desse modo, deve ser enfatizado que os padrões de pensamento em que se encontravam os africanos que praticavam a *palabre* não são necessariamente os nossos padrões reflexivos. Isso indica que existe uma espécie de racionalidade africana que deve ser descoberta e revelada na *palabre* africana.

A *palabre* africana está organizada em quatro componentes: os participantes (convocação de uma assembleia hierarquicamente organizada), o lugar (debaixo de uma árvore ou ao redor de uma fogueira), a data (previamente agendada para não haver imprevisto) e a duração da *palabre* (até dois dias). Com efeito, o objetivo principal dessa *palabre* “é compreender problemas e conflitos sociais por meio da pessoa acusada, e, portanto, tentar encontrar um remédio para curá-la, com também a comunidade” (KU-KIAU, 2024, p. 109). A *palabre* pode sofrer variações dependendo do lugar, porém, o objetivo de qualquer discussão é proteger ou restaurar os laços sociais. A vida é fundamentalmente um processo de comunicação constante e mútua, e comunicar-se é emitir e receber ondas e radiações. Esse processo de receber e transmitir é a chave para o jogo de sobrevivência do ser humano (KU-KIAU, 2024).

Juvenal Ilunga. Bénézet Bujo Muya em *O despertar de um pensamento sistemático africano* (2012), faz uma bela síntese sobre o papel da *palabre* nas comunidades africanas. Na *palabre* é toda comunidade que se põe a caminho e interpela as suas próprias referências, distancia-se de si, estabelece um diálogo ininterrupto consigo mesma. Esta distância não é referida somente a ela mesma, antes é fundada numa referência à Transcendência (Deus, antepassados, gerações futuras, estrangeiro, mundo animal, vegetal e mineral). A *palabre* tem essa capacidade porque enuncia a *palavra* como uma *palavra* ‘dada ao outro’, dirigida à alteridade.

A *palabre* põe em jogo uma dimensão fundamental da *palavra*: a sua criatividade. A *palabre* é capaz de lançar pontes e gerar a comunhão, tal como pode destruí-la. Ela é algo dinâmico e eficaz. A função da *palabre* é velar para que uma *palavra* dita na comunidade não seja produtora de morte, mas de vida. Na lógica da *palabre* todos têm direito à *palavra*. Neste sentido, a *palabre* garante a igualdade e o acesso de todos à *palavra*, tendo em vista a edificação da comunidade. A decisão final à qual se chega no termo do processo é fruto, não de um compromisso frágil ou de uma votação segundo o princípio da maioria, mas de um sólido consenso entre os membros. Um tal consenso redinamiza a vida comum em todos e cada um e abre caminho a um percurso em conjunto. A experiência fundamental da *palabre* é a comunhão. Uma comunhão que visa salvaguardar a singularidade e a originalidade. A *palabre* é, assim, um processo dinâmico e a sua força reside na capacidade dos indivíduos para fornecerem novas experiências que enriqueçam a comunidade. Mesmo que a singularidade do indivíduo seja resguardada, o critério último é a relação e não sua singularidade.

Nesse sentido, por meio de provérbios a comunidade sempre recomenda o respeito da dignidade do indivíduo nas relações humanas. Portanto, é na comunhão o lugar da plenitude da

vida e do ser. Uma comunhão que se estende ao cosmo e a Deus. A liberdade tem assim uma dimensão cósmica e divina. A natureza desempenha um papel fundamental no processo pelo qual se constitui a pessoa. Não é possível tornarmo-nos humanos, e anunciarmos corretamente o fato de sermos humanos, sem estarmos reconciliados com a natureza na qual vivemos. Nesse sentido, a palabre permite assim compatibilizar liberdade individual e comunidade (MUYA, 2012, p. 120-122).

Franz Fanon, em *Pele negra máscaras brancas*, faz uma reflexão sobre certa contradição na compressão da palabre africana. “Dizem que o negro gosta da palabre, ou seja, de parlamenta; contudo, quando pronuncio palabre, o termo faz pensar em um grupo de crianças divertindo-se, lançando para o mundo apelos irresponsáveis, quase rugidos” (2008, p. 41). Com efeito, Fanon ironiza a incompreensão ocidental da palabre africana, vista por alguns como conversa infantil ou sem valor. No entanto, a profundidade filosófica da palabre revê uma racionalidade própria, distinta da racionalidade eurocêntrica.

3. A filosofia da sagacidade como fundamento da palabre

A filosofia africana, especialmente no que tange à sua vertente sagaz, propõe uma abordagem distinta da tradição filosófica ocidental ao enfatizar a centralidade do discurso ético, empírico e comunitário como eixo estruturante da reflexão filosófica. Dentro dessa perspectiva, a palabre, ou palavra enquanto prática discursiva tradicional africana, emerge como instrumento epistemológico relevante e potente para a investigação filosófica e social, constituindo-se em um espaço onde a sabedoria e a crítica coexistem.

A *filosofia da sagacidade*, proposta inicialmente por H. Odera Oruka, se estrutura sobre a premissa de que a sabedoria não é exclusivamente coletiva ou tradicional, mas pode ser

individual, crítica e racional, mesmo em contextos orais e não letrados. Nesse sentido, Castiano (2015) observa que a sagacidade filosófica “debruça sobre os problemas éticos e empíricos fundamentais, que sejam relevantes para a continuidade da respectiva comunidade e que, por via disso, demonstrarem capacidade de oferecer soluções alternativas aos problemas fundamentais dela mesma” (CASTIANO, 2015, p. 43). Conforme sugere Castiano (2015) devemos ir ter com os *sages* filósofos para debater temas contemporâneos e estar atentos aos discursos críticos por eles cultivados. Para o historiador Jan Vansina, “uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais” (VANSINA, 2011, p. 157). Nesse sentido, a filosofia da sagacidade tem muito a colaborar com a filosofia escrita, principalmente, a filosofia da educação.

A metodologia da sagacidade, conforme descrita por Kalumba (2004), envolve a imersão do filósofo em comunidades africanas tradicionais e a identificação de sábios cujas ideias ultrapassam os limites do consenso cultural. Esses sábios filosóficos adotam uma postura de segunda ordem, sendo capazes de refletir criticamente sobre as tradições, diferentemente dos sábios populares, cuja sabedoria se mantém dentro dos limites do pensamento tradicional (KALUMBA, 2004, p. 4–5).

A palabre, nesse contexto, pode ser compreendida como o meio discursivo por excelência onde a sabedoria filosófica se manifesta. É nesse espaço dialógico que o discurso ético-comunitário se articula, permitindo tanto a construção quanto a crítica dos valores e práticas sociais. Kalumba (2004) elenca quatro funções da sagacidade: (1) a contribuição de ideias filosóficas originais por sábios individuais; (2) o fornecimento de dados para a reflexão filosófica; (3) a aplicação da sabedoria ao desenvolvimento socioeconômico; e (4) a complementação da filosofia ocidental,

ao questionar pressupostos epistemológicos generalizados (KALUMBA, 2004).

Oruka (2002), por sua vez, ressalta que a filosofia sagaz é uma reflexão individual e crítica, distinta da etnofilosofia por sua natureza dialética e não apenas descritiva. Ele afirma que “nem todos os sábios são pensadores livres, mas alguns combinam a qualidade convencional da sabedoria com o atributo dialético e crítico do pensamento filosófico livre” (ORUKA, 2002, p. 5). Essa distinção é fundamental para que se reconheça a profundidade e a complexidade da produção filosófica africana, mesmo em contextos não escolarizados.

Para Castiano (2015), a filosofia africana não apenas tem relevância interna às suas comunidades, mas também pode oferecer contribuições valiosas ao pensamento global, sobretudo em tempos de crise ética e espiritual: “Não terão os povos africanos algo a dizer a um mundo cada vez mais global que se deixa consumir por problemáticas biolíticas, se não apenas sobre problemas espirituais e da ética comunitária?” (CASTIANO, 2015, p. 45). Esse apelo ao reconhecimento da palabre como *locus* de produção filosófica é também um convite à superação do preconceito epistêmico que marginaliza formas alternativas de conhecimento.

Conclui-se que a filosofia da sagacidade, ancorada na palabre, representa uma via legítima e fecunda de produção de saber filosófico. Ela amplia os horizontes da reflexão crítica ao valorizar a racionalidade presente nas tradições orais africanas e ao reafirmar que a filosofia, enquanto exercício de pensamento livre e rigoroso, pode emergir também dos saberes não letrados. O desafio que se impõe, portanto, é o de reconhecer essas vozes como parte integrante e enriquecedora do discurso filosófico universal.

Considerações finais

O presente artigo buscou fazer uma análise da prática da palabre no contexto das sociedades africanas, especialmente entre os povos *bantu*, destacando seu papel como instrumentos filosófico, pedagógico e político. Nesse sentido, a palabre africana constitui-se um espaço privilegiado de diálogo, resolução de conflitos e transmissão de saberes ancestrais, na medida em que articula oralidade, simbolismo e ética comunitária.

A pesquisa fundamentada em autores africanos e afro-diaspóricos que evidenciam o valor epistêmico da palavra, da tradição oral e da sagacidade filosófica, além de refletir sobre os impactos da colonização na desvalorização desses saberes levando ao epistemicídio. Conclui-se que a palabre africana constitui um importante referencial para filosofia da sagacidade africana e pode contribuir de forma significativa para as reflexões filosóficas na contemporaneidade.

No que tange a formação de professores negros nas universidades brasileiras, com esse projeto, *A docência de uma 'palabre' africana: contribuições para a formação docente e a visibilidade de professores negros na universidade brasileira*, esperamos ao menos esses três resultados: sistematizar um modelo de formação docente inspirado na Palabre africana, valorizando a metodologia da filosofia da sagacidade; oferecer uma contribuição teórica à Filosofia da Educação de base decolonial e, ampliar o debate sobre presença negra na graduação e pós-graduação.

Referências bibliográficas

- ALTUNA, Pe. Raul Ruiz de Asúa. **Cultura Tradicional Banta**. Maputo: Paulinas, 2006.
- CASTIANO, José P. **Filosofia africana: da sagacidade à intersubjectivação com Viegas**. Maputo: Editora Educar, 2015.
- FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA, 2008.
- FUK-KIAU, Kimbwandênde Kia Bunseki. **O livro africano sem título: cosmologia dos Bantu-Kongo**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2024.
- HAMPATÉ BÂ, Amadou. A tradição viva. In: KI-ZERBO, Joseph (org.). **História geral da África**. Vol. I: Metodologia e pré-história da África. Brasília: UNESCO, 2010.
- KALUMBA, Kibujjo M. Filosofia da sagacidade: sua metodologia, resultados, significância e futuro. Tradução para uso didático de: KALUMBA, Kibujjo M. **Sage Philosophy: its methodology, results, significance and future**. In: WIREDU, Kwasi (ed.). *A companion to African Philosophy*. Malden; Oxford; Victoria: Blackwell, 2004. p. 274–281. Tradução de Renato Rocha Lima Marques.
- MUYA, Juvenal Ilunga. Bénétzet Bujo: o despertar de um pensamento sistemático africano. In: BUJO, Bénétzet; MUYA, Juvenal Ilunga (coord.). **Teologia africana no século XXI: algumas figuras**. Vol. I. Moçambique: Paulinas, 2012.
- ORUKA, H. Odera. Quatro tendências da atual filosofia africana. Tradução para uso didático de: ORUKA, H. Odera. **Four trends in current African philosophy**. In: COETZEE, Peter H.; ROUX, Abraham P. J. (ed.). **The African philosophy reader**. New York: Routledge, 2002. p. 120–124. Tradução de Sally Barcelos Melo.
- VANSINA, Jan. **A tradição oral e sua metodologia**. Disponível em: <http://www.casadasafricas.org.br>. Publicado em: out. 2011. Acesso em: 6 jun. 2014.
- YINDA, André; DELBRASSINE, Noëlle. **La palabre africaine. Diotima: revue internationale de la didactique et des pratiques de la philosophie**, n. 84, online. Disponível em: <https://diotime.lafabrique-philosophique>. Acesso em: 8 abr. 2025.



SÃO OS DIREITOS HUMANOS UMA SECULARIZAÇÃO DO CRISTIANISMO?

ARE HUMAN RIGHTS A SECULARIZED
FORM OF CHRISTIANITY?

Itamar Luís Gelain¹

Judinei Vanzeto²

Resumo: Este artigo apresenta a tese, defendida por Luc Ferry e retomada por autores como Bobbio, Tocqueville e Schmitt, segundo a qual os direitos humanos modernos – especialmente igualdade, liberdade e dignidade – constituem uma secularização da mensagem judaico-cristã. Sem assumir posição apologética, o texto explora como o projeto da modernidade ocidental herda elementos centrais do cristianismo, apesar do deslocamento do

1. Doutor em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). Licenciado em Filosofia pela Faculdade Palotina (FAPAS). Professor na Escola de Direito e na Escola de Humanidades do Centro Universitário – Católica de Santa Catarina (Católica SC).
2. Padre Palotino. Licenciado em Filosofia e Bacharel em Teologia pela Faculdade Palotina (FAPAS) de Santa Maria-RS. Especialização em Gestão Instituição de Ensino pela Faculdade Portoalegrense (FAPA) de Porto Alegre-RS. Especialização em Jornalismo Digital pela Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). MBA em Marketing: no contexto da inovação digital pela Universidade La Salle (Unilasalle) em Canoas-RS. Mestrando em Comunicação e Cultura pela Universidade de Buenos Aires (UBA), Argentina.

teocentrismo ao antropocentrismo. Inicialmente, examina-se o pensamento aristocrático grego em Platão e Aristóteles; em seguida, caracteriza-se a moral judaico-cristã a partir do Evangelho de Mateus; por fim, analisa-se a repercussão dessas ideias em Kant

Palavras-chave: Direitos humanos. Secularização. Moral judaico-cristã. modernidade.

Abstract: This article presents the thesis, defended by Luc Ferry and revisited by authors such as Bobbio, Tocqueville, and Schmitt, according to which modern human rights—especially equality, freedom, and dignity—constitute a secularization of the Judeo-Christian message. Without adopting an apologetic stance, the text explores how the project of Western modernity inherits central elements of Christianity, despite the shift from theocentrism to anthropocentrism. Initially, Greek aristocratic thought is examined in Plato and Aristotle; next, Judeo-Christian morality is characterized on the basis of the Gospel of Matthew; finally, the impact of these ideas on Kant is analyzed.

Keywords: Human rights. Secularization. Judeo-Christian morality. Modernity.

Introdução

Queremos apresentar neste texto uma tese explicitamente defendida por Luc Ferry (2007; 2009; 2012a; 2018), mas também mencionada por Bobbio (2004), Tocqueville (2010) e Schmitt (2006). Não vamos defendê-la e nem endereçar a ela objeções. Deixaremos isso por conta dos leitores. A tese é a seguinte: a ideia de igualdade, liberdade e dignidade humana, tão celebrada entre os modernos, e que compunha parte do *slogan* da Revolução

Francesa, não passa, em linhas gerais, de uma secularização da mensagem judaico-cristã.

Não há dúvida que o mundo cristão não deixou de existir com o advento do Renascimento, do Iluminismo ou da Modernidade. Por mais que o teocentrismo (século V-XV) tenha sido destronado, o antropocentrismo (século XV-XVIII), ao ocupar o seu lugar, não parece ser tão inovador, como sugere a história. O projeto de modernidade ocidental, no final das contas, será herdeiro de um longo legado cristão, o qual se fará sentir no campo da política, da moral, dos direitos humanos etc. Carl Schmitt, por exemplo, na obra *Teologia Política*, declara que “todos os conceitos concisos da teoria do Estado moderna são conceitos teológicos secularizados” (2006, p. 35). Essa tese fica ainda mais evidente na perspectiva dos direitos humanos. Alexis de Tocqueville declara, na obra *A Democracia na América*, que “demos sentido prático e determinado à ideia cristã de que todos os homens nascem iguais”. Além disso, afirmou que o “cristianismo, que tornou todos os homens iguais perante Deus, não se mostrará repugnado em ver todos os cidadãos iguais perante a lei” (2010, p. 45). No mesmo contexto, Bobbio (2004, p. 55) declara que “a grande reviravolta teve início no Ocidente a partir da concepção cristã da vida, segundo a qual todos os homens são irmãos enquanto filhos de Deus”. E continua Bobbio: “o ponto de partida para construção de uma doutrina da moral e do direito foi o jusnaturalismo, que pode ser considerado, sob muitos aspectos [...] a secularização da ética cristã”.

Para desenvolver essa tese defendida por Ferry, a qual está pulverizada em outros autores, como salientamos anteriormente, começaremos por explicitar no que consiste o pensamento aristocrático grego, visitando rapidamente alguns elementos do pensamento de Platão e Aristóteles. Na sequência, trataremos de caracterizar a moral judaico-cristã, a partir da passagem bíblica de Mateus 25,14-30, a qual trata da parábola dos talentos e de como

ela rompe com o modelo aristocrático. Por fim, apontaremos como os direitos do homem, de modo especial, igualdade, liberdade e dignidade, são ideias secularizadas a partir do cristianismo e como repercutem no pensamento de Kant, o maior filósofo da modernidade.

1. O cosmos é aristocrático, hierárquico e desigual

O mundo grego é dominado no contexto mitológico e filosófico, de algum modo, pela questão cósmica-aristocrática. Os textos *Ilíada* e *Odisseia* de Homero, *Teogonia*³ de Hesíodo, bem como *A República* de Platão e *A Política* de Aristóteles endossam significativamente uma ideia cósmica-aristocrática para tratar de alguns temas, como organização da sociedade, escravidão, virtude, política e justiça.

Para explicar no que consiste o elemento cósmico-aristocrático, vamos começar com um exemplo frequentemente utilizado pelos estoicos. O cosmos compara-se ao “ordenamento de um organismo no qual todos os órgãos interagem e dão sua contribuição perfeita à manutenção das funções vitais do indivíduo e à perpetuação da espécie” (FERRY; CAPELIER, 2018, p. 30). Em outras palavras, cada órgão cumpre a sua função. A função do coração é bombear o sangue; do olho, ver; do ouvido, ouvir e assim por diante. Caso os órgãos não desempenhem o seu papel ou queiram desempenhar uma outra tarefa que não aquela determinada pelo cosmos, o organismo vivo estaria em apuros ou se autodestruiria. Analogicamente falando, “como cada órgão tem seu devido lugar e sua função característica no seio do organismo, também cada ser humano tem uma posição particular e um papel próprio na harmonia do grande todo” (FERRY; CAPELIER, 2018, p. 30).

3. Não vamos tratar aqui da questão cósmica-aristocrática no âmbito da mitologia. Para esse tema ver Ferry & Capelier (2018), Ferry (2012b), Gelain (2023).

Na perspectiva cósmico-aristocrática, a ação ética e justa é aquela que está ajustada ao cosmos onde cada um cumpre a sua função, o seu papel e a sua tarefa sem incorrer em *hibrys*. A *hibrys* é uma espécie de “pecado”, que pode ser entendido como uma ação que não está em conformidade com o lugar natural no cosmos que compete a cada um. Quando um humano faz uma ação que rompe com a harmonia do cosmos, esta precisa ser freada e punida, pois, afasta-se da noção de justiça, a qual é concebida como harmonia e equilíbrio. Desse modo, “a justiça nada mais é, no fundo, que uma forma de se manter fiel à ordem cósmica, de se ajustar a ela” (FERRY, 2012b, p. 95).

Em Platão e Aristóteles, encontramos exemplos claros da presença do pensamento cósmico-aristocrático. De um modo geral, no campo da filosofia grega, a ética e a política (os sofistas, os atomistas, os epicuristas não aceitam os elementos cósmicos-aristocráticos) são banhadas por uma inspiração cósmica-aristocrática. Assim, “se a ordem natural das coisas é desigual e hierarquizada, a cidade justa deverá, também ela, querendo ou não, refletir a hierarquia natural que existe no universo entre os seres – animais, vegetais e humanos” (FERRY, 2012a, p. 126). O cosmos, concebido como harmonia e equilíbrio, mas ao mesmo tempo, como algo desigual e hierárquico, será o parâmetro para se pensar a justiça e outras questões concernentes ao mundo moral e político. Assim, o cosmos é normativo enquanto prescreve e é critério para pensar a ética e a organização política de uma cidade. De acordo com Ferry (2012a, p. 127-128), “a cidade justa é aquela que imita o melhor possível a ordem natural, situando os mais dotados no comando e os menos talentosos no bagageiro”. Sendo o cosmos hierárquico e desigual a ordem social também o será.

Platão (2014), em *A República*, propõe que a sociedade deveria ser organizada a partir de uma visão triádica da alma, obedecendo a uma ordem natural. Assim, teríamos na primeira

classe os governantes (rei-filósofos), na segunda classe os guardiões ou militares e na terceira classe os artesãos e agricultores. Platão insiste que as três classes sociais estão em correlação com a divisão triádica da alma: alma racional, alma irascível e alma concupiscível. A alma racional está localizada na cabeça e persegue a virtude da sabedoria; a alma irascível busca a virtude da coragem e situa-se no meio do corpo, lugar do diafragma e do coração; a alma concupiscível busca a virtude da moderação e está localizada no baixo ventre. É interessante notar que a subordinação e a hierarquia que encontramos no corpo será a mesma subordinação e hierarquia que vai vigorar no cosmos social. Desse modo, cada classe corresponde a uma parte da alma e a uma parte do corpo. À propósito disso, vejamos a representação a seguir:

Alma	Localização	Virtudes	Classes
Alma racional (razão)	Cabeça	Sabedoria	Governantes (rei-filósofo)
Alma irascível (vontade)	Coração diafragma	Coragem	Soldados
Alma concupiscível (apetites/paixões)	Baixo ventre	Temperança/ moderação	Agricultores/ artesãos

Assim, em Platão, é o microcosmos, espelhado no macrocosmos, que determina o cosmos social, isto é, a estrutura da organização estatal. É a normatividade cósmica que determina a normatividade social. Dessa premissa é derivada a ideia de justiça. A justiça platônica, portanto, será entendida como uma espécie de imitação da ordem natural ou do cosmos, ou melhor, “justo é o Estado em que cada um está no lugar que lhe compete” (OLIVEIRA, 1993, p. 45). A justiça não é mais que o “ajustamento ou a harmonização da cidade com a hierarquia desigual que prevalece na alma e no corpo” (FERRY, 2012a, p. 129), bem como no cosmos. Explicitando melhor, justo é o ajustado à ordem na-

tural dos cosmos, ou seja, é aquele que fica no seu lugar natural determinado pela normatividade cósmica. É o cosmos que dá as cartas do jogo. Não o respeitar significa incorrer em *hybris* ou em injustiça.

A questão cósmica-aristocrática é critério também utilizado por Aristóteles para tratar, por exemplo, da escravidão, que é um tema controverso nos escritos do Estagirita. Todavia, se olhado a partir da normatividade cósmica, talvez, esse tema seja compreensível dentro do mundo grego, embora, ainda inexoravelmente repudiado e não aceito por uma cultura democrática como a nossa.

Na obra *A Política*, Aristóteles trata da questão da escravidão natural. Segundo Aristóteles (2000, p. 150), “desde o momento que nascem, os homens estão determinados uns para a sujeição, outros para o comando”. Uns são senhores outros escravos. Isso não passa por uma escolha, mas por uma determinação cósmica. Assim, Aristóteles (2000, p. 151) afirma que “a natureza distinguiu os corpos do escravo e do senhor, fazendo o primeiro forte para o trabalho servil e o segundo esguio e, se bem que inútil para o trabalho físico, útil para a vida política e para as artes”. Além disso, “alguns homens são livres por natureza, enquanto outros são escravos, e que para estes últimos a escravidão é conveniente e justa” (ARISTÓTELES, 2000, p. 151).

É importante salientar que Aristóteles faz uma distinção entre o escravo por convenção e o escravo por natureza. O escravo por convenção é aquele que é capturado na guerra e feito escravo. Assim, um homem livre não escravo por natureza poderia ser escravo por convenção. Mas o escravo por natureza é aquele que a natureza fê-lo escravo. Nasceu escravo. E, conseqüentemente, jamais poderá sair dessa condição cósmica. Em outras palavras, o escravo não poderá libertar-se da escalação que o cosmos fez

colocando-o na posição de escravo. O cosmos escala e não tem espaço para substituição de posição. O cosmos faz isso de maneira arbitrária e aleatória.

O que justifica esse modo de argumentar e raciocinar de Aristóteles é o critério cósmico-aristocrático. Se falarmos da democracia grega, vamos vê-la também com uma roupagem cósmica-aristocrática. Em outras palavras, os cidadãos eram somente os homens livres. E somente eles. O restante, isto é, mulheres, crianças, metecos e escravos não eram cidadãos. Assim, a democracia grega configurava-se como uma democracia aristocrática determinada, em última instância, pela normatividade cósmica, pois, participavam dela somente os homens que o cosmos fez livres. A liberdade e a dignidade das pessoas dependiam inteiramente de uma sorte cósmica, isto é, de uma loteria cósmica. A igualdade entre as pessoas era uma ideia absurda para os gregos, pois o cosmos é desigual e hierárquico e, conseqüentemente, também o será o cosmos social e as pessoas nele contidas.

2. A moral judaico-cristã e sua crítica à normatividade cósmica-aristocrática

A moral judaico-cristã vai opor-se radicalmente à tese da normatividade cósmica dos gregos. Ferry (2007; 2012a; 2018) pinça dos textos bíblicos a passagem da parábola dos talentos para usar como chave de leitura na tentativa de explicitar a revolução implementada pela moral judaico-cristã em relação à ética aristocrática grega. Segundo Ferry e Capelier (2018, p. 116), “a parábola dos talentos, que consta em Mateus é sem dúvida a passagem dos evangelhos que expressa de maneira mais forte a inversão de perspectiva, que leva Jesus a deslegitimar os valores aristocráticos para substituí-los pelos da igualdade e liberdade”. Essa parábola,

“permite-nos captar a radical revolução instaurada pelo cristianismo, na trilha do judaísmo, em relação à moral aristocrática dos gregos” (FERRY; CAPELIER, 2018, p. 116).

Antes de verificarmos como se dá essa revolução promovida pela moral judaico-cristã, precisamos brevemente apresentar a parábola dos talentos relatada pelo evangelista Mateus em 25,14-30. De forma simples, a parábola dos talentos narra que um senhor ao viajar entregou determinados talentos a três servos. Ao primeiro deu 5 talentos; ao segundo, 2 talentos; ao terceiro, 1 talento. No retorno, ele pede uma prestação de contas. O primeiro servo entrega-lhe 10 talentos; o segundo, 4 talentos; o último, entrega-lhe apenas um talento. Os dois primeiros recebem de seu senhor o mesmo elogio: “Muito bom, empregado bom e fiel! Como você foi fiel na administração de tão pouco, eu confiar-lhe-ei muito mais. Venha participar da minha alegria” (Mt 25,21). Ao terceiro, que enterrou o seu talento, o senhor disse-lhe: “empregado mau e preguiçoso”. E continuou: “tirem dele o talento e deem ao que tem dez” (Mt 25,28).

Em primeiro lugar, é importante esclarecer que talentos “designavam então moedas de prata, mas o termo é entendido também nessa passagem em sentido figurado, para designar os célebres ‘dons naturais’ com que a aristocracia se enfeita” (FERRY, 2012a, p. 137). Em segundo lugar, qual é o significado dessa parábola, na interpretação de Ferry? Para este autor, essa parábola ensina que “a dignidade de um ser não depende dos talentos recebidos com o nascimento, mas do que ele faz deles, não da natureza e dos dons naturais, mas da liberdade e da vontade da pessoa humana, quaisquer que sejam seus dotes iniciais” (FERRY, 2012a, p. 138).

Essa parábola vai forjar o nascimento da ideia moderna de igualdade. Se olharmos para a parábola dos talentos, como já afirmamos anteriormente, aquele que recebeu 5 talentos e aquele que

recebeu 2 talentos, pela razão de dobrarem os talentos iniciais, receberam literalmente o mesmo elogio, a mesma consideração, pelo fato de que o que importa não são os talentos, mas “a progressão, o esforço realizado” (FERRY, 2012a, p. 139). Do ponto de vista ético, a parábola ensina que o que “conta moralmente, o que faz a dignidade moral de um ser humano, e isso quaisquer que sejam os dons recebidos no nascimento [...] é o que ele faz com eles” (FERRY, 2012a, p. 139).

É inegável, todavia, que somos desiguais do ponto de vista da natureza. A parábola dos talentos mostra isso. Um recebe 5, o outro 2 e o outro somente 1 talento. Não podemos fazer nada contra isso. É a loteria natural que distribui de modo aleatório e indiscriminado os talentos. E, de fato, uns são mais bonitos, outros mais fortes, outros mais habilidosos, outros mais inteligentes. Ninguém ousaria negar que Leonardo Da Vinci não foi mais inteligente que a média geral dos seus conterrâneos. Também não ousaríamos negar que Messi é um dos jogadores mais talentosos da história do futebol. Isso simplesmente é um fato. Mas que importância tem eu ter 5, 2, 1 ou meio talento? Para a moral judaico-cristã, não tem importância nenhuma, porque o que importa é o que faremos com os nossos talentos e não a quantidade de talentos que temos. É importante lembrar que, na moral aristocrática grega, a dignidade de uma pessoa está diretamente ligada aos seus talentos. No entanto, na moral judaico-cristã, acontece uma mudança drástica de perspectiva. Não são mais os talentos que servem de parâmetro para medir a dignidade de uma pessoa, mas a liberdade e a vontade. Isso significa que todos os indivíduos agora são mensurados moralmente, no que concerne à dignidade, pelo seu esforço, pela sua dedicação, pela sua liberdade. Desse modo, se o terceiro empregado tivesse multiplicado o seu talento ele também teria recebido o mesmo elogio e a mesma consideração. Ele

foi censurado não por ter apenas um talento, mas por não o ter multiplicado em decorrência de sua preguiça, da sua falta de vontade e da sua covardia (FERRY, 2012; FERRY; CAPELIER, 2018).

O que definitivamente a parábola dos talentos ensina é que a dignidade moral de um indivíduo está estreitamente vinculada com sua liberdade e com sua vontade e não com os seus talentos. Para a moral judaico-cristã, a natureza ou o cosmos é neutro. Ele não é mais parâmetro para nada no que concerne à moral. Assim, moralmente falando, tudo depende de nós. As heranças naturais, os talentos, não possuem mais o protagonismo que exerciam no âmbito da moral aristocrática. Segundo Ferry (2012a, p. 140), se é por meio da liberdade da vontade que passamos a parametrizar a dignidade moral de uma pessoa, “desse ponto de vista, estamos todos em perfeita igualdade”. Assim, o cristianismo “é o inventor da ideia moderna, igualitária, de humanidade” (FERRY, 2012a, p. 140). A ideia de igualdade na moral judaico-cristã pode ser encontrada de forma clara na Carta de São Paulo aos Gálatas: “De fato, vocês todos são filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo [...] Não há mais diferença entre judeu e grego, entre escravo e homem livre, entre homem e mulher” (Gl 3,26-28). De tal maneira, Ferry (2012a, p. 140) arremata esse ponto afirmando que: “pode-se dizer que o cristianismo é a primeira moral universalista – por isso ele está na origem da concepção moderna de direitos humanos, os quais serão, basicamente, a simples secularização da mensagem cristã”.

3. Kant, a secularização do cristianismo e os direitos humanos

Na modernidade, nenhum outro filósofo teria secularizado mais a mensagem cristã do que Kant. Na opinião de Ferry (2009, p. 81), alguns aspectos da filosofia moral de Kant “poderia ser descrita como uma herança cristã e até mesmo como uma pura e simples secularização de certas ideias cristãs”. Na obra

A mais bela história da filosofia, Ferry e Capelier (2018, p. 117) insistem que Kant teria inclusive secularizado “a ideia simbolizada pela parábola dos talentos”.

Dando continuidade à crítica cristã sobre a ética aristocrática grega, Kant teria compreendido que os talentos não são nem bons e nem ruins, pois tudo vai depender do uso que fizermos deles (FERRY, 2007). O que importa definitivamente “é a finalidade que conferimos aos talentos, não importando quais sejam” (FERRY; CAPELIER, 2018, p. 117). A inteligência, por exemplo, pode ser utilizada para um fim nobre (paz), assim como para um fim escuso (violência). Dessa maneira, “não é a inteligência que é boa em si mesma, mas a intenção que a guia: é a isso que Kant se refere quando fala da ‘vontade boa’” (FERRY; CAPELIER, 2018, p. 118). Sobre a boa vontade, Kant explica: “Neste mundo, e até também fora dele, nada é possível pensar que possa ser considerado como bom sem limitação a não ser uma só coisa: uma boa vontade” (KANT, 1980, p. 109).

Segundo Ferry (2009, p. 104), para Kant, “a ‘boa vontade’ passará a identificar-se com a vontade ‘desinteressada’”. Assim, a vontade boa pode ser visualizada em uma ação moral pautada no desinteresse e na universalidade. Em outros termos, uma ação que não busque o fim em si mesma e não almeje o interesse comum ou geral, não pode ser classificada como ação moral. Na visão kantiana, por exemplo, quando devolvemos o dinheiro que determinada pessoa perdeu, temos que fazê-lo por dever, ou seja, “fazer a coisa certa pelo motivo certo” (SANDEL, 2015, p. 144). Portanto, devolvemos o dinheiro porque devolver é correto. É uma ação que é boa em si mesma. Todavia, se devolvermos o dinheiro por medo de sermos punidos por Deus ou punidos pela nossa consciência (a consciência pesa), a nossa ação não foi moral, pois ela foi refém de determinações ou interesses. Nesse caso, fizemos a coisa certa, mas pelo motivo errado.

Ademais, é importante assinalar que, para Kant, a “ação verdadeiramente moral é [...] aquela que dá testemunho do que é próprio do homem, a liberdade” (FERRY, 2012a, p. 165). A liberdade kantiana não é entendida como “ausência de obstáculos para que possamos fazer o que quisermos” (SANDEL, 2015, p. 140). Agir livremente, na perspectiva kantiana, “é agir com autonomia. E agir com autonomia é agir de acordo com a lei que imponho a mim mesmo – e não de acordo com os ditames da natureza ou das convenções sociais” (SANDEL, 2015, p. 170). Em outras palavras, somos livres na medida que não somos reféns das inclinações ou da cultura. Somos livres enquanto conseguimos descolar-nos das nossas inclinações, isto é, dos nossos desejos, sentimentos, emoções, paixões, bem como das determinações sociais e culturais que estamos submetidos desde que nascemos. A nossa ação é livre se ela é racional, portanto, autônoma. Quando imponho a lei moral a mim mesmo, a minha ação é o resultado de uma decisão racional acompanhada da boa vontade, portanto, livre. A liberdade é uma prerrogativa humana. Nesse sentido, “essa capacidade de agir com autonomia [liberdade] é o que confere à vida humana sua dignidade especial. Ela estabelece a diferença entre pessoas e coisas” (SANDEL, 2015, p. 143).

As coisas podem ser utilizadas como meios; os humanos, jamais. Aqui, Kant marca a sua crítica também ao utilitarismo de Bentham, o qual aceitaria, em tese, que as pessoas pudessem ser tomadas como meios em nome da felicidade da coletividade (FERRY, 2009). Kant é claríssimo quando diz: “Ora, digo eu: – O homem, e, duma maneira geral, todo o ser racional, existe como fim em si mesmo, não só como meio para o uso arbitrário desta ou daquela vontade” (1980, p. 134-135). Coisas têm valor relativo, por isso elas podem ser usadas como meio, ao passo que pessoas, “têm um valor absoluto, um valor intrínseco. Ou seja, os seres racionais têm dignidade” (SANDEL, 2015, p. 154).

Na segunda formulação do imperativo categórico, Kant (1980, p. 135) propõe: “Age de tal maneira que uses a humanidade, tanto na tua pessoa como na pessoa de qualquer outro, sempre e simultaneamente como fim e nunca simplesmente como meio”. A humanidade, como um fim em si mesma, é o critério absoluto que rege a ação moral. Se a ação não for incondicional, isto é, boa em si mesma e não tratar a humanidade do outro como um fim em si mesma, essa mesma ação não pode ser elevada à categoria de ação moral.

Para Kant, a humanidade do outro e a minha própria humanidade devem ser respeitadas como tais. Segundo Sandel (2015, p. 155), “o dever do respeito é um dever que temos para com as pessoas como seres racionais, que tem humanidade, sejam elas quem forem”. Na filosofia kantiana, não respeitamos as pessoas e sua humanidade porque as amamos. O dever do respeito é diferente do amor. Amamos nossos cônjuges, nossos filhos, nossos pais, nossos amigos. Não amamos todas as pessoas. No máximo, alguns. Na opinião de Sandel (2015, p. 156), “o respeito kantiano, no entanto, é o respeito pela humanidade em si, pela capacidade racional que todos possuímos”, independentemente se as amamos ou não.

Se Jesus propõe o mandamento do amor (ágape), que é um amor (ame até mesmo seus inimigos) que me exige ir ao encontro do próximo porque somos todos filhos de Deus e, portanto, irmãos, Kant propõe, a partir de outro parâmetro, o dever do respeito. Se Jesus pede que devemos amar o outro como a nós mesmos, Kant pede para respeitar o outro e a nós mesmos. Nos ensinamentos de Jesus, todos são iguais e possuem dignidade pela filiação divina. Para Kant, devemos respeitar o outro porque o outro é um ser racional e livre e, além disso, carrega consigo algo absoluto que é sua humanidade. Em última instância, o respeito kantiano é uma forma de secularização da ideia de amor em Je-

sus. Talvez a observação de Peter Singer, na obra *Ética Prática*, ajude-nos a pensar melhor sobre a novidade (ágape) de Jesus e sua influência em Kant. Singer (1998) constata que o desprezo e a eliminação dos mais fracos e indesejados era uma prática comum e recorrente antes do surgimento do cristianismo. Assim, é na esteira do cristianismo que Kant concebe que “a justiça nos obriga a preservar os direitos humanos de todos, independentemente de onde vivam ou do grau de conhecimento que temos deles, simplesmente porque são seres humanos, seres racionais e, portanto, merecedores de respeito” (SANDEL, 2015, p. 156).

Enfim, na opinião de Kant, o ser humano possui dignidade porque possui uma coisa absoluta que é a sua humanidade, a qual é parâmetro para a moralidade e é explicitada na racionalidade e no poder da ação livre. Assim, na perspectiva kantiana, a igualdade entre os humanos não está ancorada na filiação divina e sua dignidade não advém nem do cosmos e nem de Deus. Somos iguais e possuímos dignidade pela nossa condição humana, a qual é definida pela racionalidade e liberdade. Kant, na verdade, apenas despe esses conceitos de sua indumentária religiosa vestindo-os, agora, com uma roupagem iluminista e antropocêntrica.

Considerações finais

Este artigo buscou explicitar a tese segundo a qual os direitos humanos modernos (liberdade, igualdade e dignidade humana) constituem, em certa medida, uma secularização da mensagem judaico-cristã, conforme sustentado por Luc Ferry e corroborado, sob diferentes perspectivas, por autores como Tocqueville, Bobbio e Schmitt. Para tanto, partimos da ética cósmico-aristocrática grega, marcada pela hierarquia cósmica e pela desigualdade, na qual a dignidade humana estava condicionada aos talentos e à posição ocupada na ordem do cosmos. Em contraste, evidenciamos

mos como a moral judaico-cristã opera uma ruptura decisiva com essa normatividade, deslocando o fundamento da dignidade dos dons naturais para a liberdade e a vontade, inaugurando, assim, uma concepção universalista do ser humano.

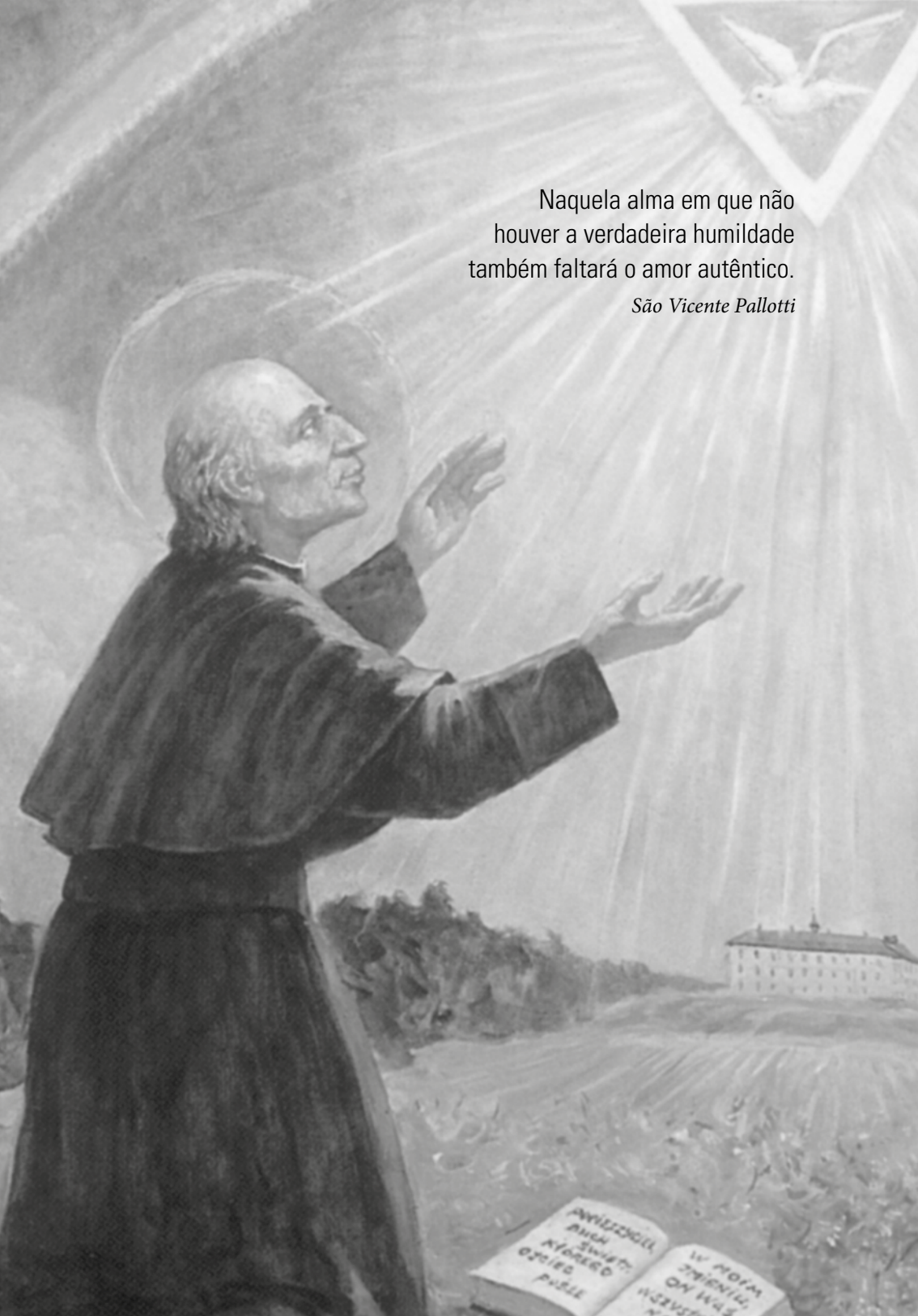
A parábola dos talentos revelou-se particularmente elucidativa para compreender essa inversão de perspectiva: já não são os privilégios naturais que conferem valor moral ao indivíduo, mas o uso livre e responsável de suas capacidades. Essa revolução ética prepara o terreno para a formulação moderna dos direitos humanos, posteriormente reelaborada em chave secular por Kant, cuja filosofia moral radicaliza a centralidade da autonomia, da boa vontade e do respeito à humanidade como fim em si mesma. Desse modo, a dignidade deixa de ser fundamentada na filiação divina para ancorar-se na racionalidade e na liberdade, sem, contudo, romper completamente com o horizonte cristão que a engendrou.

A modernidade não representa uma ruptura absoluta com o cristianismo, mas antes uma transformação de seus conteúdos fundamentais, traduzidos agora em linguagem filosófica e jurídica. A igualdade perante Deus converte-se em igualdade perante a lei; o mandamento do amor, em dever racional de respeito; e a fraternidade cristã, em universalismo moral. Reconhecer essa genealogia não implica deslegitimar os direitos humanos, mas compreender mais profundamente suas raízes históricas e conceituais, bem como a complexa continuidade entre tradição religiosa e pensamento moderno.

Referências bibliográficas

ARISTÓTELES. **A política**. Tradução de Therezinha M. Deutsch e Baby Abrão. São Paulo: Nova cultural, 2000. (Os Pensadores).
BÍBLIA DE JERUSALÉM. São Paulo: Paulus, 2008.
BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Tradução de Carlos Nelson Coutinho. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

FERRY, Luc; CAPELIER, Claude. **A mais bela história da filosofia**. Tradução de Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2018.
FERRY, Luc. **Aprender a viver**. Filosofia para novos tempos. Tradução de Vera Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2007.
FERRY, Luc. **A revolução do amor. Por uma espiritualidade laica**. Tradução de Vera Lucia dos Reis. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012 a.
FERRY, Luc. **A sabedoria dos mitos gregos**. Aprender a viver II. Tradução de Jorge Bastos. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012b.
FERRY, Luc. **Kant. Uma leitura das três “Críticas”**. Tradução de Karina Jannini. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.
GELAIN, Itamar Luís. Justiça aristocrática e normatividade cósmica. In: HEILER, Jeison Giovani. **Ética, justiça e democracia**. São Paulo: Dialética, 2023.
KANT, Immanuel. **Fundamentação da metafísica dos costumes**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. (Os Pensadores).
OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. **Ética e sociabilidade**. São Paulo: Loyola, 1993.
PLATÃO. **A República**. Tradução de Leonel Vallandro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
SANDEL, Michael. **Justiça**. O que é fazer a coisa certa. Tradução de Heloísa Matias e Maria Alice Máximo. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.
SCHMITT, Carl. **Teologia política**. Tradução de Elisete Antoniuk. Belo Horizonte: Del Rey, 2006.
SINGER, Peter. **Ética prática**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
TOCQUEVILLE, Alexis. **A democracia na América**. Tradução de Neil Ribeiro da Silva. São Paulo: Folha de São Paulo, 2010.



Naquela alma em que não
houver a verdadeira humildade
também faltará o amor autêntico.

São Vicente Pallotti



AS ETAPAS DA VIDA PRESBITERAL: UM ITINERÁRIO DE MATURAÇÃO HUMANA, ESPIRITUAL E PASTORAL

THE STAGES OF PRIESTLY MINISTRY:
AN ITINERARY OF HUMAN, SPIRITUAL,
AND PASTORAL GROWTH

Judinei Vanzeto¹

Resumo: O presente artigo analisa o capítulo “As etapas da vida ministerial”, do documento *Reaviva o dom: orientações para a formação permanente*, da Conferência Episcopal Argentina (CEA). A obra propõe compreender a formação permanente como um processo contínuo de amadurecimento humano, espiritual e pastoral, articulado ao longo das diversas etapas da vida presbiteral. Evidenciam-se os desafios próprios de cada fase do ministério, com destaque para o risco do ativismo, a fragilidade da vida fraterna e a possível perda do sentido vocacional. A partir do documento em referência, estabelece-se um diálogo com o magistério recente e com a tradição espiritual da Igreja, ressaltando a centralidade do encontro pessoal com Cristo e da vida comunitária.

1. Padre Palotino. Em colaboração com os palotinos da Região Nossa Senhora de Lujan, na Argentina. Mestrando em Comunicação e Cultura pela Universidade de Buenos Aires (UBA).

À luz da formação permanente palotina, destaca-se a comunhão com o Senhor como caminho de renovação contínua e de fidelidade ao ministério.

Palavras-chave: Formação permanente. Vida presbiteral. Espiritualidade. Vocação. Palotinos.

Abstract: This article analyzes the chapter “The Stages of Ministerial Life” from the document *Rekindle the Gift: Guidelines for Ongoing Formation*, issued by the Argentine Episcopal Conference (CEA). The work proposes understanding ongoing formation as a continuous process of human, spiritual, and pastoral maturation, articulated throughout the various stages of priestly life. The specific challenges of each phase of ministry are highlighted, with particular emphasis on the risk of activism, the fragility of fraternal life, and the possible loss of vocational meaning. Based on the referenced document, a dialogue is established with the recent magisterium and the spiritual tradition of the Church, underscoring the centrality of a personal encounter with Christ and of community life. In light of Pallottine ongoing formation, communion with the Lord is emphasized as a path of continual renewal and fidelity to ministry.

Keywords: Ongoing formation. Priestly life. Spirituality. Vocation. Pallottines.

Introdução

A formação permanente dos presbíteros constitui um dos eixos centrais da reflexão teológica e pastoral contemporânea, sobretudo diante das transformações culturais e dos desafios que

incidem sobre o exercício do ministério ordenado. Nesse horizonte, o documento *Reaviva o dom: orientações para a formação permanente*, da Conferência Episcopal Argentina (CEA), publicado em 2024, apresenta uma contribuição relevante ao propor uma compreensão dinâmica e processual da vida presbiteral.²

Tal perspectiva supera uma visão estática da formação, segundo a qual a ordenação sacerdotal representaria o término do processo formativo. Ao contrário, reafirma-se que a ordenação inaugura um caminho contínuo de configuração a Cristo Pastor. Como recorda o Papa São João Paulo II, a formação sacerdotal deve ser permanente, acompanhando toda a existência do presbítero (JOÃO PAULO II, 1992).

O artigo tem como objetivo analisar os pontos centrais do capítulo “As etapas da vida ministerial”, do documento *Reaviva o dom: orientações para a formação permanente*, articulando-as com o magistério recente e com a tradição espiritual do início do Tríduo Pascal, especialmente a Missa da Ceia do Senhor e o rito do lava-pés, além de evidenciar, nas considerações finais, sua pertinência para a formação permanente palotina na atualidade.

1. As etapas da vida presbiteral

A vida presbiteral, longe de constituir uma realidade estática, apresenta-se como um processo dinâmico de crescimento e configuração progressiva a Cristo. O texto *Reaviva o dom: orientações para a formação permanente*, da CEA, propõe uma leitura orgânica desse percurso, compreendendo o ministério ordenado como um itinerário que integra dimensões humanas, espirituais e pastorais ao longo do tempo. Nesse sentido, a ordenação sacerdotal não representa um ponto de chegada, mas o início de um

2. CONFERÊNCIA EPISCOPAL ARGENTINA. *Reaviva o dom: orientações para a formação permanente*. Buenos Aires: Conferência Episcopal Argentina, 2024, p. 45-68.

caminho contínuo de amadurecimento, vivido no serviço ao Povo de Deus (CEA, 2024).

A fase inicial do ministério presbiteral, que abrange aproximadamente os primeiros quinze anos, encontra sua inspiração no relato evangélico da vocação dos Doze: “Depois subiu à montanha, e chamou a si os que ele queria, e eles foram até ele. E constituiu Doze, para que ficassem com ele, para enviá-los a pregar” (Mc 3,13-14). Tal passagem revela que a identidade sacerdotal se fundamenta na experiência de ser chamado, amado e enviado por Cristo.

O documento destaca que essa etapa é marcada por forte entusiasmo missionário, sustentado pela consciência do amor divino. Nesse horizonte, recorda-se o ensinamento do Papa Francisco, segundo o qual os sacerdotes são “escolhidos” e acompanhados pelo olhar misericordioso de Deus, que sustenta sua fidelidade vocacional (CEA, 2024, p. 45).

Essa fase subdivide-se em dois momentos: os primeiros cinco anos, caracterizados pela generosidade e disponibilidade pastoral, e os dez anos subsequentes, nos quais se exige maior realismo e maturidade. Nesse contexto, a formação permanente revela-se indispensável, pois “sem esta, fica comprometido o amadurecimento no ministério e o desenvolvimento da própria pessoa” (CEA, 2024, p. 46).

Entretanto, essa etapa também apresenta desafios significativos. A transição do ambiente estruturado do seminário para a realidade pastoral pode gerar desorganização e favorecer o ativismo. Como observa Henri Nouwen, o risco do ministério consiste em reduzir a missão à funcionalidade, perdendo a identidade interior (NOUWEN, 2017). Por isso, torna-se essencial integrar oração, missão e cuidado pessoal.

Além disso, o documento ressalta a dimensão comunitária da formação, afirmando que o acolhimento dos novos presbíteros

é responsabilidade de todo o presbitério. Tal dinâmica evidencia a importância da fraternidade sacerdotal como espaço de crescimento mútuo.

Entre o sexto e o décimo quinto ano, o presbítero entra em uma fase de consolidação de sua identidade. O entusiasmo inicial dá lugar a uma experiência mais realista do ministério, marcada pelo confronto com limites pessoais e desafios pastorais.

O documento reconhece que, nesse período, podem surgir crises, fadiga e frustrações, frequentemente associadas ao acúmulo de responsabilidades e à ausência de resultados visíveis. Tais experiências, porém, devem ser compreendidas à luz do mistério pascal, como oportunidades de crescimento e renovação da fidelidade (CEA, 2024, p. 50).

Nesse contexto, a caridade pastoral emerge como eixo estruturante da vida sacerdotal, promovendo a unidade entre interioridade e ação. Tal perspectiva encontra ressonância no pensamento de Thomas Merton, para quem a maturidade espiritual depende da integração entre contemplação e ação, evitando tanto o ativismo quanto a superficialidade (MERTON, 2006).

A vivência do celibato também é apresentada como realidade dinâmica, que exige discernimento contínuo e maturidade afetiva. O acompanhamento espiritual e a vida fraterna são fundamentais para atravessar as crises de modo saudável e fecundo.

A etapa da maturidade intermediária, compreendida entre os dezesseis e vinte e cinco anos de ministério, constitui um momento decisivo de discernimento. O documento a descreve como um “kairós” propício à renovação, no qual o presbítero é chamado a “ativar as brasas do dom recebido” (cf. 1Tm 1,6; CEA, 2024, p. 55).

Trata-se de um período marcado por uma releitura da própria trajetória, na qual emergem tanto as realizações quanto as frustrações. A chamada “crise da metade da vida” pode manifes-

tar-se como experiência de desencanto, exigindo um processo de ressignificação à luz da fé.

O texto enfatiza a importância da escuta interior e do discernimento espiritual, capazes de transformar a crise em oportunidade de crescimento. Nesse sentido, afirma-se que é necessário “fazer da crise uma oportunidade, uma ocasião favorável para a renovação” (CEA, 2024, p. 57).

Essa etapa também convida à redescoberta da centralidade da Eucaristia e da identidade sacerdotal como configuração a Cristo. A maturidade adquirida possibilita ao presbítero exercer com maior profundidade o acompanhamento espiritual e a paternidade pastoral.

Após os vinte e cinco anos de ministério, o presbítero entra em uma fase caracterizada pela sabedoria e pela serenidade. A experiência acumulada favorece uma visão mais profunda e compassiva da realidade, permitindo um exercício do ministério menos marcado pelo ativismo e mais pela interioridade.

O documento ressalta, contudo, o risco de acomodação ou autossuficiência, advertindo contra a tentação de “presumir de si mesmo” (CEA, 2024, p. 60). Nesse contexto, torna-se essencial cultivar uma atitude de humildade e abertura contínua à conversão.

A experiência do envelhecimento é interpretada à luz da kénosis cristológica, como um processo de despojamento progressivo que conduz à plena configuração com Cristo. Tal dinâmica implica aprender a “ser servidor, mais do que protagonista” (CEA, 2024, p. 61).

Na etapa final da vida, o ministério presbiteral assume um caráter eminentemente contemplativo e testemunhal. Inspirando-se nas palavras de São Paulo: “Combati o bom combate, terminei a corrida, guardei a fé” (2Tm 4,7), o documento apresenta essa fase como síntese de uma vida entregue ao serviço do Evangelho.

O presbítero idoso é chamado a redescobrir o valor do “ser” sobre o “fazer”, aprofundando sua intimidade com Deus e tornando-se sinal de esperança para a comunidade. Trata-se de um tempo de interiorização, no qual a missão se expressa sobretudo na oração, na escuta e no testemunho silencioso.

A fecundidade ministerial, nesse estágio, não depende da atividade externa, mas da união com Cristo. Como afirma o documento, é o momento de reconhecer que “não é o ministro quem torna fecunda a missão, é sempre Deus” (CEA, 2024, p. 66).

2. Papa Leão Lava os pés de presbíteros

A reflexão proposta pela CEA encontra eco no magistério atual. O Papa Leão XIV, ao iniciar o Tríduo Pascal de 2026 (Quinta-feira Santa, 02 de abril), na Basílica de São João de Latrão, destacou o gesto do lava-pés, realizado com doze presbíteros, como expressão do serviço humilde e do amor cristão, evidenciando seu significado para o ministério ordenado como cuidado e entrega àqueles confiados à missão pastoral.

Na homilia, o Pontífice evidencia a centralidade teológica do gesto do lava-pés ao afirmar que “ao assumir a condição de servo, o Filho revela a glória do Pai, derrubando os critérios mundanos que mancham a nossa consciência” (SANTA SÉ, 2026). Tal afirmação situa o agir de Cristo no horizonte da revelação, na qual o abaixamento do Verbo encarnado manifesta, paradoxalmente, a verdadeira glória divina.

Nesse sentido, o gesto é interpretado como síntese da autocomunicação de Deus na história, constituindo-se, ao mesmo tempo, em paradigma para o ministério ordenado, chamado a configurar-se ao serviço humilde e oblativo. Nessa perspectiva, o Papa Leão ainda ressalta a exigência interior que fundamenta tal imitação, ao afirmar que “o exemplo dado por Jesus não pode,

pois, ser imitado por conveniência, de má vontade ou com hipocrisia, mas apenas por amor” (SANTA SÉ, 2026), indicando que a autenticidade do agir ministerial depende desse enraizamento no amor que provém do próprio Cristo.

Nesse contexto, o Vídeo³ do Papa para o mês de abril de 2026 teve como tema “Pelos sacerdotes em crise”, evidenciando a preocupação pastoral com aqueles que enfrentam dificuldades no exercício do ministério.

No âmbito da solicitude pastoral da Igreja, o *Video do Papa*, dedicado à intenção “pelos sacerdotes em crise”, explicita a urgência de uma atenção integral aos presbíteros que enfrentam dificuldades no exercício de sua vocação. A proposta evidencia a necessidade de um acompanhamento que integre dimensões humanas, espirituais e comunitárias, sublinhando o papel responsável do Povo de Deus nesse processo.

A intenção oficial tem por objetivo incentivar a oração: “Rezemos pelos sacerdotes que atravessam momentos de crise na sua vocação, para que encontrem o acompanhamento necessário e para que as comunidades os apoiem com compreensão e oração” (REDE MUNDIAL DE ORAÇÃO DO PAPA, 2026). Tal formulação destaca que o cuidado com o ministério ordenado não se limita à esfera individual, mas se insere na dinâmica eclesial de comunhão, escuta e proximidade fraterna.

Além disso, ao propor a intenção de oração pelos sacerdotes em crise, o Pontífice evidenciou a necessidade de apoio humano, espiritual e comunitário aos mesmos. Conforme a Rede Mundial de Oração do Papa (2026), o cuidado com os presbíteros constitui uma responsabilidade de toda a Igreja, exigindo proximidade, escuta e acompanhamento fraterno.

3. Para assistir ao vídeo: <https://www.vaticannews.va/pt/papa/news/2026-03/leao-xiv-convida-rezar-sacerdotes-em-crise-mes-abril-intecao.html>

Considerações finais

A análise das etapas da vida presbiteral evidencia que o ministério ordenado constitui um caminho progressivo de configuração a Cristo, marcado por desafios, crises e renovação constante. O documento da CEA oferece uma síntese rica e profundamente pastoral desse itinerário, destacando a importância da formação permanente como eixo transversal a todas as fases da vida presbiteral.

Nesse percurso, a centralidade da vida espiritual, da fraternidade e da caridade pastoral revela-se fundamental para garantir a fidelidade vocacional, apostólica e celibatária. Cada etapa, com suas características próprias, contribui para a maturação integral do presbítero, conduzindo-o à plenitude de sua identidade como servidor de Cristo em sua Igreja.

Assim, a vida presbiteral é compreendida como um contínuo “reavivar do dom”, no qual o presbítero, sustentado pela graça divina e pela comunhão eclesial, é chamado a renovar, ao longo de toda a sua existência, o seu “sim” ao Senhor e à missão confiada.

A formação permanente constitui-se numa dimensão essencial da vida presbiteral, sendo expressão da fidelidade ao dom recebido (CENCINI, 2002). As diversas etapas do ministério apresentam as próprias alegrias e esperanças, mas também desafios, entre os quais se destacam o ativismo, a superficialidade da vida fraterna, a falta de espiritualidade, a perda do sentido e propósito vocacional, a desmotivação, o desânimo, o burnout etc.

Sem uma espiritualidade enraizada em um cultivo diário e pessoal com Cristo, o ministério corre o risco de reduzir-se a uma função, esvaziando-se de sentido e horizonte. Como alerta o Papa Francisco na *Evangelii Gaudium: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual*, há o perigo de uma prá-

tica marcada pela superficialidade, pelo clericalismo e pela perda do ardor missionário (FRANCISCO, 2013).

À luz da espiritualidade palotina, no que se refere à formação permanente, a resposta a esses desafios encontra-se na redescoberta da comunhão com o Senhor e do próprio carisma fundacional, expressa na adoração do Senhor, presença viva no sacrário, na devoção mariana, na vivência de uma fraternidade fecunda e proativa (HAHN, 2016). Inspirados em São Vicente Pallotti, o presbítero e o irmão palotino são chamados a viver sua vocação na vida comunitária, superando o isolamento e promovendo relações marcadas pela caridade evangélica e carismática (NAMPUDAKAM, 2017).

Não obstante, há o perigo de o membro focar suas energias e seu tempo nas obras apostólicas institucionais provinciais apenas; ou seja, de escolher as obras em vez de colocar a vida em Deus em primeiro lugar (cf. Mt 6,33). Pode crescer mais o desejo de poder do que o de amar e servir ao Senhor e a comunidade com alegria. Quando se priorizam as obras ou as dinâmicas de poder (FOUCAULT, 1979) e a vontade de poder (NIETZSCHE, 2008), corre-se o risco de perder o sentido e o propósito da consagração religiosa palotina, o que pode resultar, por vezes, em desistência da Sociedade do Apostolado Católico (SAC) diante de crises pessoais, fraternas e afetivas.

Isso implica, igualmente, o cultivo de amizades no interior da própria fraternidade, nas quais seja possível partilhar a vida com sinceridade e abertura, livre de julgamentos, superando a indiferença, os preconceitos, os estereótipos, a rotulação e as focas, bem como a tentação de se tornar um “profissional do sagrado” (FRANCISCO, 2013). Trata-se de viver a própria vocação com autenticidade, em um clima de humanidade e de confiança na graça de Deus, à luz da correção fraterna evangélica, da humildade pessoal e da conversão comunitária e ecológica, reconhecen-

do e acolhendo as próprias vulnerabilidades. Ademais, espera-se que a fé e a opção religiosa tornem os consagrados mais humanos, misericordiosos e compassivos, uma vez que a Igreja é chamada a ser “perita em humanidade” (PAULO VI, 1965).

Assim, a formação permanente palotina não se reduz a um conjunto de práticas, normas ou programas anuais a serem cumpridos sob a supervisão do Reitor da Comunidade Local, do Conselho Provincial e do Conselho Geral, mas constitui um caminho de renovação contínua, pessoal e comunitária, no qual o chamado inicial e a vivência das seis promessas de consagração permaneçam vivos, sustentando uma esperança viva e a entrega generosa no serviço ao Povo de Deus, com amor e alegria.

Referências bibliográficas

- BÍBLIA. Português. **Bíblia de Jerusalém**. Nova edição, revista e ampliada. São Paulo: Paulus, 2002.
- CENCINI, Amedeo. **A formação permanente do clero**. São Paulo: Paulinas, 2002.
- CONFERÊNCIA EPISCOPAL ARGENTINA. **Reaviva o dom: orientações para a formação permanente**. Buenos Aires: Conferência Episcopal Argentina, 2024, p. 45-68.
- FRANCISCO, Papa. **Evangelii Gaudium: Exortação Apostólica sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual**. 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. Petrópolis: Vozes, 1987.
- JOÃO PAULO II, Papa. **Pastores Dabo Vobis: Exortação Apostólica Pós-Sinodal sobre a formação dos sacerdotes**. 1992.
- HAHN, Scott. **La cena del Cordero: la Misa, el cielo en la tierra**. 27. ed. Madrid: Rialp, 2016.
- MERTON, Thomas. **Novas sementes de contemplação**. Petrópolis: Vozes, 2006.
- NAMPUDAKAM, Jacob. **O espírito sacerdotal segundo São Vicente Pallotti**. Santa Maria: Pallotti, 2017.

NIETZSCHE, Friedrich. **A vontade de poder**. São Paulo: Contraponto, 2008.

NOUWEN, Henri J. M. **O curador ferido: o ministério na sociedade contemporânea**. Petrópolis: Vozes, 2017.

PAULO VI. **Visita à Organização das Nações Unidas**: Discurso à Organização das Nações Unidas. 4 out. 1965.

REDE MUNDIAL DE ORAÇÃO DO PAPA. **O Vídeo do Papa – Abril de 2026: Pelos sacerdotes em crise**. 2026.

SANTA SÉ. **Homilia do Papa Leão XIV na Missa da Ceia do Senhor, Basílica de São João de Latrão**. 2026.

VATICAN NEWS. **Papa Leão XIV celebra a Missa da Ceia do Senhor e lava os pés de sacerdotes**. 2026.



MEMÓRIAS DE GRAÇAS ALCANÇADAS: NOSSA SENHORA DE GUADALUPE

MEMORIES OF GRACES RECEIVED:
OUR LADY OF GUADALUPE

Generice Maria Dallastra Ferri¹

Resumo: O presente artigo está pautado na devoção a Nossa Senhora de Guadalupe, Mãe Morena da América Latina, que em 1531, período de derrota da cultura asteca pela Conquista Espanhola e a peste da varíola, se manifestou a Juan Diego, índio nativo recém batizado e convertido ao cristianismo, conforme fascinante história das aparições na Colina *Tepeyac*, próximo à cidade do México, deixando sua imagem milagrosa impressa na *Tilma*, avental feito das fibras de um cacto que duraria no máximo 20 anos, preservada até os dias de hoje, desafiando a ciência. A pesquisa visou verificar no Brasil a existência de Igrejas dedicadas a Nossa Senhora de Guadalupe, memórias de graças alcançadas, experiências, testemunhos, milagres pela intercessão da Virgem Maria de Guadalupe. Os resultados foram surpreendentes, evidenciando a forte devoção dos brasileiros à Padroeira das Américas.

1. Graduada do Curso de Teologia/EAD da Universidade La Salle (Unilasalle/Fapas), Polo Coronel Vivida-PR. E-mail: genericemd@hotmail.com, sob a orientação da Prof^a Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin. E-mail:cleusa.graebin@unilasalle.edu.br

Palavras-chave: Guadalupe. Igrejas. Devotos. Graças. Brasil.

Abstract: This article is based on the devotion to Our Lady of Guadalupe, the Morena Mother of Latin America, who in 1531, during the period of the defeat of the Aztec culture by the Spanish Conquest and the smallpox plague, manifested herself to Juan Diego, a native Indian who had just been baptized and converted to Christianity. He left his miraculous image imprinted on the Tilma, an apron made from the fibers of a cactus that would last a maximum of 20 years, preserved to this day, defying science. The research aimed to verify in Brazil the existence of churches dedicated to Our Lady of Guadalupe, memories of graces achieved, experiences, testimonies, miracles, through the intercession of the Virgin Mary of Guadalupe. The results were surprising, showing the strong devotion of Brazilians to the Patroness of the Americas.

Keywords: Guadalupe. Churches. Devotees. Graces. Brazil.

Introdução

Ante o fascinante evento histórico das aparições da “Perfeita Virgem Santa Maria de Guadalupe” ao índio nativo Juan Diego, recém batizado e convertido ao cristianismo, na Colina *Tepeyac*, próxima à Cidade do México, em 1531, período que sofreram a Conquista Espanhola e a peste da varíola, o presente artigo visa pesquisar memórias de graças alcançadas, experiências, testemunhos, milagres pela devoção do povo brasileiro à intercessão de Nossa Senhora de Guadalupe no Brasil, quais circunstâncias se deram e como são narrados; verificando também, a existência de Igrejas dedicadas à Nossa Senhora de Guadalupe no Brasil. A coleta de dados será pelo método bibliográfico, artigos, livros e revistas científicas.

1. Breve histórico sobre Nossa Senhora de Guadalupe – México

Guadalupe é o santuário mariano mais visitado do mundo, reunindo, anualmente, milhões de peregrinos. Foi a primeira aparição da Nossa Senhora reconhecida oficialmente pela Igreja (BRUSTOLIN, 2020, p. 9).

A história das aparições de Nossa Senhora de Guadalupe ao índio Juan Diego é de suma importância na identidade latino-americana, considerada pilar da fé católica, na região, símbolo de devoção, moldou culturas e nações, representando profundo vínculo espiritual para milhões na América Latina (ARTCRUZ, 2023).

O evento histórico além de inspirar devoção, destaca a conexão de Nossa Senhora com o povo latino-americano. As aparições de Guadalupe precederam o período que os astecas sofreram com a Conquista Espanhola e com a peste da varíola que matou cerca de metade da população indígena. Os primeiros evangelizadores do México foram os missionários franciscanos espanhóis. Defendiam os indígenas, sofreram revolta e perseguição, mas permaneceram protegendo-os contra as explorações impostas sobre os pobres (BRUSTOLIN, 2020, p. 19-20).

Há diversas fontes sobre o evento histórico das aparições de Nossa Senhora de Guadalupe a Juan Diego no México inspiradas nos escritos “Nican Mopohua”, linguagem asteca que significa “Aqui se Conta”, narrados pelo índio erudito Antonio Valeriano, que viveu no tempo das aparições” (BRUSTOLIN, 2020, p. 13).

O presente relato se baseará na obra “Sob o Olhar de Guadalupe” de Dom Leomar Antônio Brustolin (Paulus, 2020).

Nos dias 09 a 12 de dezembro de 1531, na Colina de *Tepeyac*, próximo à capital Cidade do México, a Virgem Santíssima apareceu a um indígena chamado *Juan Diego Cuauhtlatatzin* (57 anos), convertido ao Cristianismo há sete anos.

Foram cinco aparições, quatro ao índio e uma ao seu tio Juan Bernardino. A primeira, quando ia em direção à igreja de *Tlatelolco* “ouvir e seguir as coisas de Deus ensinadas pelos sacerdotes”, respondeu *Juan Diego* à belíssima Senhora. Percebia algo maravilhoso naquele lugar, cantos melodiosos dos pássaros, beleza sem igual. Olhando para ao alto da colina, o canto cessou e houve um silêncio, alguém o chama: *Juanito, Juan Dieguito*. Sem medo, ele corre para o alto do cerro e vê uma bela Senhora acenando para aproximar-se. Ficou maravilhado:

Suas vestes eram radiantes como o sol, o apoio de seus pés parecia um monte formado por diversas pedras preciosas, e a terra ao seu redor brilhava como o arco-íris no nevoeiro. Os cactos, os espinheiros e outras ervas que ali costumam crescer, pareciam ser de esmeraldas, suas folhagens, de turquesas, e seus ramos e espinhos brilhavam como o ouro (BRUSTOLIN, 2020, p. 21).

Ela se apresenta como a “*perfeita sempre Virgem Santa Maria, Mãe do Verdadeiro Deus, por quem se vive, o Criador das pessoas, o Senhor do longe e do perto, do céu e da terra*” (BRUSTOLIN, 2020, p. 22) e pede que se erga ali uma “casinha sagrada” para ela mostrar todo seu amor, olhar compassivo, auxílio e salvação. Apresentando-se como a mãe dele e de todos os homens, pede que ele vá ao palácio do Bispo do México e lhe diga que quer que construa naquela planície a sua casa, o seu templo.

Juan Diego argumentou com a Virgem que encarregasse a tarefa a algum nobre, respeitado e honrado, pois sentia-se pequeno e desacreditado pelo Bispo Dom Frei Juan de Zumárraga. Ela, porém, insiste que sua vontade de construir o templo fosse por meio dele, e que diga ao Bispo que ela, a sempre Virgem Santa Maria, Mãe de Deus, que o envia (BRUSTOLIN, 2020, p. 26).

Juan Diego, apesar das dificuldades, falou com o Bispo, ele, porém, não acreditou nele, dizendo que somente pelo relato

e entusiasmo não poderia fazer o que pedia, era preciso um sinal. Assim ele fez, pediu à Senhora do Céu o sinal. Ela lhe daria um sinal na manhã seguinte, mas ele não pode ir a seu encontro, pois seu tio Juan Bernardino estava gravemente doente.

No outro dia, 12 de novembro, quarta aparição. Era sábado, “a igreja primitiva sempre escolheu o sábado para honrar a Virgem Maria e devotar a Ela as suas orações” (STÊNIO), a pedido de seu tio, Juan Diego ia à *Tlatelolco* buscar um Sacerdote que lhe confessasse e ministrasse os sacramentos, pois acreditava estar chegando a hora derradeira (BRUSTOLIN, 2020, p. 30).

Na colina de *Tepeyac*, evitando passar pela Senhora para não ser detido, ele contornou o cerro por outro lado, mas logo viu a Senhora descendo a colina indo ao encontro dele. Ele envergonhado, assustado, explica o motivo de sua pressa. Após ouvi-lo, ela diz:

Não se perturbe o teu rosto e o teu coração, não temas essa doença nem qualquer outra enfermidade ou angústia. Não estou eu aqui que sou tua mãe? Não estás acaso sob a minha sombra e resguardo? Não sou eu a fonte de tua alegria? Não está por acaso no regaço do meu manto? Não está entre meus braços? De que precisas mais? Que nada te aflija nem te perturbe. Não sofras com a doença do teu tio, ele não morrerá agora. Estejas certo de que ele já está bem (BRUSTOLIN, 2000, p. 32).

Juan Diego, contente e consolado, obedecendo a Rainha do Céu, subiu no alto do cerro de *Tepeyac*, terreno pedregoso com muitos espinheiros e cactos, e encontrou diversas, lindas e perfumadas flores, fora de época, no inverno. Recolheu e juntou-as no regaço do manto que carregava e levou-as até a Senhora do Céu, que com suas mãos arrumou as flores e devolveu ao manto do índio, dizendo ser a prova, o sinal que levarás ao Bispo, recomendando que desdobre o manto e mostre o que há nele, somente

diante do Bispo, contando tudo a ele para que dê sua ajuda na construção do templo (BRUSTOLIN, 2020, p. 33).

Juan Diego chegando à casa episcopal prostrou-se diante de Dom Juan de Zumárraga contando-lhe tudo o que tinha visto, ouvido e admirado, e que, como sinal e prova, a Rainha do Céu providenciou as rosas de Castela. Desdobrando a sua *tilma* branca, caem no chão variadas e belas flores, surpreendendo a todos. No mesmo instante aparece a “Amada Imagem da Perfeita Virgem Santa Maria, Mãe de Deus, da maneira como está e se conserva, até hoje, em sua sagrada casinha no *Tepeyac*, que se chama Guadalupe” (BRUSTOLIN, 2020, p. 37).

Juntamente com o Bispo, todos se ajoelharam, admirados, contemplando-a. “O Bispo, com lágrimas de tristeza, rezou e pediu perdão por não ter acolhido, antes, o desejo da Virgem Maria” (BRUSTOLIN, 2020, p. 37).



Fonte: <https://santo.cancaonova.com>

A *tilma* ou *yate* em castelhano local, feito de fibras de “*manguei*”, rude e de pouca durabilidade, abrigo com o qual os pobres se cobriam e/ou levavam pequenas cargas, fazendo-o de avental (SUZIN, 1992), com a imagem impressa, ficou no oratório da casa episcopal. Logo foi construído o templo no local que ela queria.

O nome Guadalupe foi revelado pela Virgem ao tio de Juan Diego, Juan Bernardino (quinta aparição).

No dia seguinte Juan Diego encontrou seu tio sem dores, relatando que também foi visitado por ela, e de forma milagrosa, curado, e que ela lhe disse que deveria ser chamada “A Perfeita Virgem Santa Maria de Guadalupe”.

Após 14 dias, dia 26 de dezembro de 1531, em solene procissão, a Sagrada Imagem da Virgem Maria foi retirada do oratório do palácio episcopal e trasladada para a ermida erguida no monte de *Tepeyac* (Igreja Maior – Catedral). Todos admirados, reconheciam sua origem divina e apresentavam suas orações diante da *tilma* com a Sagrada Imagem de Santa Maria (BRUSTOLIN, 2020, p. 40).

Muitos se converteram, e o santuário foi construído. Hoje é o santuário mariano mais visitado do mundo, por milhões de peregrinos.



Fonte: <https://memorial.tur.br/conheca-o-santuario-de-guadalupe-no-mexico/>

Juan Diego foi canonizado pelo Papa João Paulo II em 31 de julho 2002, que na ocasião suplicou:

Amado Juan Diego, a “águia que fala”! Ensina-nos o caminho que conduz para a Virgem Morena de *Tepeyac*, para que Ela nos receba no íntimo do seu coração, dado que é a Mãe amorosa e misericordiosa que nos orienta para o Deus verdadeiro (BRUSTOLIN, 2020, p. 45).

2. Nossa Senhora de Guadalupe – Padroeira das Américas

A América Latina é espiritualmente privilegiada, tendo a Santíssima Virgem como especial apóstola para converter os povos nativos ao catolicismo, com aparições extraordinárias em diversas regiões, tais como: Aparecida no Brasil, a Virgem *Lujan* na Argentina e Nossa Senhora de *Coromoto* na Venezuela. No entanto, nenhuma destas aparições, que confirmou na fé os europeus e trouxe mais nativos para o Cristianismo, tem o peso histórico extraordinário que teve Nossa Senhora de Guadalupe no México, sendo em 1910 declarada Padroeira da América Latina, pelo Papa Pio X (LAZAROTTO, 2023).

Ressalta-se a “importância histórica e espiritual da Virgem de Guadalupe que une corações e transcende fronteiras”, sendo declarada oficialmente “Padroeira de toda a América” pelo Papa Pio XII em 12 de outubro de 1945; coroada por Leão XIII em 1875; e, em 27 de janeiro de 1979 o Papa João Paulo II numa visita ao Santuário de Guadalupe consagra toda a América Latina à Mãe Santíssima (DANTAS, 2023).

Ainda em 1979, no discurso de abertura da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla-México, o Papa João Paulo II faz menção ao “olhar materno da Virgem Santíssima de Guadalupe” venerada no México e em todas as ou-

tras nações como Mãe da Igreja na América Latina, “Estrela da Evangelização” (ALBERTI, p. 16).

Denota-se contínua veneração e carinho dos Papas à Nossa Senhora de Guadalupe.

3. Devoção Mariana no Brasil

Segundo Pedro Carlos Cipolini, a presença de Maria marca a religiosidade latino-americana e brasileira, inserida no processo evangelizador.

Na cultura brasileira, sua constante presença foi reconhecida pelo Papa João Paulo II quando esteve no Brasil em 1980 no Santuário de Aparecida, declarando que “o amor e a devoção a Maria são um dos traços característicos da religiosidade do povo brasileiro” (CIPOLINI, 2010, p. 42).

Os bispos da América Latina reunidos em Aparecida ressaltam a importância de valorizar a espiritualidade popular: “também encontram a ternura e o amor de Deus no rosto de Maria. Nela veem refletida a mensagem essencial do Evangelho” (CIPOLINI, 2010, p. 43).

Cipolini destaca a visibilidade de Maria na devoção popular brasileira. Ela não é o centro, mas seu papel é relevante na história da salvação, discípula fiel e o convite a imitá-la. Exortando ele, para se dar maior destaque à Mariologia nos cursos de Teologia (CIPOLINI, 2010, p.42).

Neste sentido, a Faculdade Unilasalle dispõe no Curso de Teologia a disciplina Pneumatologia e Mariologia, tratando de relevantes temas, tais como: Maria na Devoção Popular e na Liturgia; Maria no itinerário da Fé; Culto e a Devoção à Santíssima Virgem Maria.

Destacando que a devoção à Virgem Maria não substitui a adoração ao Deus Trindade, culto absoluto, Dom Leomar

Brustolin afirma: “A veneração à Mãe de Deus só pode ser fundamentada a partir de Cristo, único mediador entre o céu e a terra” (LEITE, 2023, p. 107).

Conforme o *Lumen Gentium* 54 (documento Vaticano II), o culto mariano na “santa Igreja ocupa o lugar mais alto depois de Cristo e mais perto de nós”. Assim:

Podemos rezar a ela, contar com sua intercessão, pedir sua proteção e auxílio e entregarmo-nos em suas mãos [...]. A graça, comunicada por Maria, não surge dela e ela nada retém para si. Tudo vem de Deus e para Deus retorna. A oração a Maria deve nos colocar em sintonia com Deus trindade: o Pai, o Filho e o Espírito (LEITE, 2023, p. 107).

Jesus, luz verdadeira veio iluminar a todos (Jo 1,9). Maria, espelho ou prisma, reflete e difunde a graça de Deus...continua apontando para Jesus e nos conduzindo a Ele (LEITE, 2023).

4. Devoção à Nossa Senhora de Guadalupe no Brasil

A tradição de Nossa Senhora de Guadalupe foi largamente difundida no Brasil entre 1580 e 1640, período da união das coroas espanhola e portuguesa, significando aliança de Maria com os pobres e oprimidos (CIPOLINI, 2010).

A cada ano, dia 12 de dezembro, Brasil, Cidade do México e toda a América celebram Nossa Senhora de Guadalupe. As manifestações de devoção, tanto física como virtual, especialmente no Brasil, evidenciam sua importância e fortalecem os laços de fé, transcendendo fronteiras geográficas (DANTAS, 2023).

Agnelo Rossi faz analogia das aparições de Nossa Senhora de Guadalupe com Nossa Senhora Aparecida no Brasil, a qual se revela com tez ainda mais escura, e sua aparição a rudes pescadores no Rio Paraíba também contém o sinal da misericórdia materna, pescaria abundante e milagrosa (ROSSI, 2024).

Em Guadalupe e na Aparecida, a América Latina encontra a fraternidade de dois povos descobridores: o espanhol e o português, e sua fusão com as raças indígenas e negras e forma a grande família, que reconhece Maria, como sua Mãe e Rainha (ROSSI, 2024, p. 135).

É significativa a devoção a Nossa Senhora de Guadalupe no Brasil. Existem Santuários, Paróquias e diversas Capelas (comunidades) dedicados em sua honra. É lembrada não somente em 12 de dezembro, mas o ano todo, com celebrações, orações, novenas, peregrinações e romarias, que na fé católica objetiva reavivar a fé do povo, chamando-os à conversão a Jesus, o centro. Tendo Maria como símbolo do amor (QUEVEDO, 2024), sedentos da graça de Deus, buscam prodígios, curas e milagres, contando com a intercessão da Mãe de Jesus, que a Ele os conduz.

Em Pelotas (RS), o Bispo Dom Jayme Henrique Chemello, após sua participação da 3ª Conferência Latino-Americana de Puebla, em 1979, no México, desejou construir um santuário e de realizar anualmente romaria na região. A primeira romaria, espaço significativo de identidade cultural e social, foi na inauguração do Santuário Nossa Senhora de Guadalupe, em 1986, sendo invocada como “Mãe das Comunidades, Esperança dos Pobres e Estrela da Evangelização”, inspirado no documento de Puebla, evidenciando olhar de maior interesse sobre indígenas e outros povos, e opção preferencial pelos pobres e oprimidos (QUEVEDO, 2024).

Sobre a Construção da Catedral de Nossa Senhora de Guadalupe em Foz do Iguaçu (PR), Carlos Eduardo Pinto Procópio em seu artigo “O Catolicismo e sua Publicidade”, relata que a Catedral é edificada num contexto da existência de instalações arquitetônicas monumentais de grande publicidade de outras religiões, tais como, muçulmanos, budistas. Neste cenário a Igreja Católica recorre ao mesmo modelo de publicização, através dos elementos estéticos da obra, integrando a comunidade ao sentido da construção da Catedral e o papel do catolicismo na tríplice fronteira, em que os católicos procuram participar da linguagem que o culto

de Guadalupe exige e engajar-se na construção do templo e devoção da sua padroeira. Afirmado o autor, por fim, que a instituição católica, erguendo espaços de devoção, ainda tem força para mobilizar sentidos e engajar adeptos (PROCÓPIO, 2018).

4.1 Igrejas no Brasil nominadas Nossa Senhora de Guadalupe

Pesquisando a existência de Igrejas dedicadas a Nossa Senhora de Guadalupe no Brasil, de forma virtual (aplicativo Google Maps) também, em contato com a CNBB (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil), Paróquias e Dioceses, o resultado foi surpreendente, evidenciando a expressiva fé e devoção dos brasileiros à Virgem de Guadalupe.

Há Santuários, Paróquias e Capelas/Comunidades em diversos Estados e cidades do Brasil.

Santuários Nossa Senhora de Guadalupe no Brasil

	Estado	Município / Cidade	Localização / Criação / Fundação
1	PR	Curitiba	Pç. Senador Correia, Centro, Arquid. Curitiba – 08/01/2006
2	PR	Jacarezinho	Norte Pioneiro, dependências dos Seminários Diocesanos Rainha da Paz e Divino Mestre, Diocese Jacarezinho 15/08/2000
3	RS	Pelotas	Pq. Cascata – nasc.1985 - 12/12/2008 dedicação a “Estrela da Evangelização” Arquid. Pelotas
4	SP	São Paulo	Vila Castelo Branco – Arq. Campinas – Forania São José - 12/12/1993
5	SP	São Paulo	Vila Perino - Diocese Ourinhos – 1958. Coroada, consagrada e elegida oficialmente Rainha Efetiva e Eterna da cidade e do município

Paróquias Nossa Senhora de Guadalupe no Brasil

	Estado	Município / Cidade	Localização / Criação / Fundação
1	BA	Salvador	Ladeira do Peru – 16-10-1952 Arquid. São Salvador da Bahia
2	DF	Brasília	Centro, Asa Sul - Arquidiocese/Vicariato
3	GO	Goiânia	Pq. Das Laranjeiras– 25/05/1980 - Arquid. Goiânia
4	MT	Cuiabá	Quilombo – Morada do Sol – Arq. Cuiabá – 31/05/1986
5	MT	Cuiabá	B. Despraiado, Pça. Quilombo – 31/05/1986 - Arq. Cuiabá
6	PB	Guarabira	B. do Nordeste – 19/09/2007 - Dioc. Guarabira
7	PB	João Pessoa	Cabo Branco – Arq. Paraíba – 24/04/2011
8	PR	Arapongas	Jd. Aeroporto – 12/10/1980 – Decanato Centro Norte - Dioc. Apucarana
9	PR	Foz do Iguaçu	Vila A, Catedral Diocesana – 26/06/2003 - Padroeira da Diocese 14/02/2005 - Ermida com a réplica da imagem de Nossa Senhora de Guadalupe (01/05/2005). Salão Social San Juan Diego
10	PR	Loanda	Vila Nova - 21/03/2020 - Decanato de Loanda, Dioc. de Paranavaí
11	PR	Maringá	Jd. Itália – Arq. Maringá – 12/12/1992
12	PR	Ponta Grossa	B. Contorno, região do Santa Paula – 11/05/1980 Setor 4 - Dioc. Ponta Grossa
13	PE	Olinda	Pç. Cons. Miguel Canuto, 1629 - Arquid. Olinda
14	RJ	Rio de Janeiro	Pç. Eugênio Latour, B. Guadalupe – 09/05/1949
15	RJ	Rio de Janeiro	B. Guadalupe -15/08/1955
16	SC	Florianópolis	B. Canasvieiras (Norte) – Arquid. Florianópolis - 03/2004
17	SC	Criciúma	B. Boa Vista – 24/07/2016 – Dioc. Criciúma
18	SP	Americana	Pq. Res. Jaguari – 19/02/2017 – Dioc. Limeira
19	SP	Campo Belo	R. República do Iraque - Dioc. Santo Amaro – 15/08/1955
20	SP	Francisco Morato	Jd. Vassouras – 24/05/2016 - Dioc. Bragança Paulista

21	SP	Guarulhos	Jd. Fortaleza – Forania Bom Sucesso Dioc. Guarulhos - 15/12/2015
22	SP	Jacareí	Jd. das Indústrias – Dioc. São José dos Campos
23	SP	Marília	Pq. S. Jorge – 1990 – Dioc. Marília
24	SP	Santo André	Jd. Riviera –Forania Sto. André-Leste, Dioc. Sto. André
25	SP	São Bernardo do Campo	Forania SBC – Anchieta - Dioc. Santo André - 21/03/1993
26	SP	São Carlos	Cidade Aracy – 03/09/1999 – Dioc. São Carlos
27	SP	São Paulo	Jd. Morumbi – Dioc. Campo Limpo – 07/2014
28	SP	São Paulo	Jd. Capela – Forania Mirim-Guaçu Dioc. Campo Limpo – 15/07/1994

Capelas/Comunidades Nsa. Sra. de Guadalupe no Brasil

	Estado	Município / Cidade	Localização / Criação / Fundação
1	AL	Maceió	Trapiche da Barra
2	DF	Ceilândia	Par. Nsa. Sra. Perpétuo Socorro, Arquid. Brasília
3	GO	Anápolis	Pq. Res. das Flores, Paróquia Sta. Clara, Dioc. Anápolis
4	GO	Aparecida de Goiânia	B. Virginia Parque – Dioc. Goiânia
5	GO	Cristalina	Jd. Planalto – Dioc. de Luziânia
6	GO	Goiânia	Jd. Goiás, Paróquia Nsa. Sra. Auxiliadora/S Francisco de Assis, Setor Leste Universitário – Arquid. Goiânia.
7	GO	Luziânia	Forania Cidade Ocidental e Jardim INGA Par. Nsa. Sra. de Guadalupe- Diocese Luziânia
8	MT	Cuiabá	Novo Mato Grosso, Par. Sagrada Família – Arquid. Cuiabá
9	MT	Primavera do Leste	Primavera II – Dioc. Primavera do Leste/Paranatinga-MT
10	MS	Itaporã	Iporã-Dourados (Indígena) Par. São Carlos - Dioc. São Carlos

11	PA	Belém	B. Sacramento - Arquid. Pará
12	PR	Carambeí	Jd. Brasília - Par. Imaculada Conceição Dioc. Ponta Grossa
13	PR	Ibiporã	B. Ângelo Maggi - Par. N. Sra. da Paz - Arquid. Londrina
14	PR	Ivaiporã	Centro - 30-05-2023 - Par. Bom Jesus - Dioc. Apucarana
15	PR	Maringá	Jd. Montreal, Par. Santa Izabel de Portugal - 1999 – Arquid. de Maringá
16	PR	Prudentópolis	Vila Beraldo, Paróquia /S. João Batista - 13/11/2015 - Dioc. Guarapuava
17	PR	Fazenda Rio Grande	Eucaliptos, Paróquia Nsa. Sra. de Fátima Dioc. S. José dos Pinhais
18	PR	Toledo	Jd. Europa, Par. Sto. Inácio de Loyola
19	PR	São José dos Pinhais	B. Ouro Preto, Par. Senhor Bom Jesus - 17/04/1983 Dioc. S. José dos Pinhais
20	PR	Maringá	Jd. Montreal – Par. Sta. Isabel de Portugal - 1999 Arquid. Maringá
21	PR	Santa Izabel do Oeste	B. Alto da Colina - Diocese Palmas - Francisco Beltrão
22	RS	Caxias do Sul	B. Brandalise - Dioc. Caxias do Sul
23	RS	Caxias do Sul	B. Rio Branco, Par. Imaculada Conceição – Dioc. Caxias do Sul
24	RS	Caxias do Sul	Jd. América, Par. Sagrada Família, Dioc. Caxias do Sul.
25	RS	Marau	Vila Nsa. Sra. das Graças - Par. Cristo Rei Arquid. Passo Fundo.
26	RS	Pelotas	R. Uruguai - Par. N. Sra. Aparecida.
27	RS	Pelotas	R. Carlos G. Giacoboni - Paróquia S. José Operário.
28	RS	Pelotas	R. 17 Dunas Areal - Par. Sr. Ressuscitado.
29	RS	Pelotas	Rua Nsa. Sra. de Guadalupe - Par. Sta. Tecla Capão do Leão.
30	RS	Pelotas	Rua 1, 22, Lot. Ilha da Páscoa

31	RS	Porto alegre	Pq. Dos Maias – 04/12/2013 – Arquid. Porto Alegre
32	SC	Biguaçu	Distrito Guaraporanga - Cachoeiras - Par. São João Evangelista - 2004 - Arquid. Florianópolis
33	SC	Chapecó	B. Sto. Antônio, Paróquia Sto. Antônio - Dioc. Chapecó
34	SC	Florianópolis	Bairro Itacorubi
35	SC	Fraiburgo	Jd. América - Par. Imaculada Conceição - Dioc. Caçador
36	SC	Rio do Sul	Budg - Dioc. Rio do Sul
37	SC	Santa Rosa do Sul	B. Caramujo - Par. Sta. Rosa de Lima - Dioc. Criciúma
38	SC	Seara	Par. São Daniel - Diocese Chapecó
39	PR	São José dos Pinhais	Paróquia Senhor Bom Jesus, Dioc. S. José dos Pinhais 17/04/1983
40	SP	Araraquara	Pq. Res. Laura Molina - 07/12/2012 - Dioc. de São Carlos
41	SP	Bastos	Rua L. L. Peixoto - Par. Fco. Xavier - Dioc. Marília - SP
42	SP	Botucatu	Jd. Cambuí - Paróquia N. Sra. de Fátima - Arquid. Sant'Ana de Botucatu
43	SP	Campinas	B. Campo Grande - Arq. Campinas, Forania S. Francisco de Assis, Paróquia Sto. Afonso de Ligório
44	SP	Cananéia	B. Acaraú - Pr. S. João Batista - Dioc. Registro
45	SP	Guarulhos	Pq. Res. Bambi - Paróquia Sagrada Família na Vila Carmela - Forania Bom Sucesso - Dioc. Guarulhos
46	SP	Guarulhos	Jd. Brasil - Área Pastoral S. José, Dioc. de Guarulhos - 19/06/2022
47	SP	Guarulhos	Taboão - Dioc. Guarulhos
48	SP	Jundiaí	Morada das Vinhas - Paróquia Sta. Rita de Cássia Dioc. Jundiaí
49	SP	Leme	Jd. Pres. Leme - Santuário S. Manuel Forania Nsa. Sra. do Patrocínio - 05/01/1998

50	SP	Mogi das Cruzes	Jd. Ferlópolis, Par. Sta. Rita de Cássia - 22/05/2015 Dioc. Mogi das Cruzes.
51	SP	Piracicaba	Jd. Califórnia, Par. S. João Batista - Dioc. Piracicaba.
52	SP	Piraju	Jd. Morado do Sol - Par. S. Francisco de Assis da Estância Turística de Piraju – 02/10/2012 Dioc. Ourinhos.
53	SP	Piraquara	Jd. Roberto Selmi Dei, Pq. Res. Laura Molina 07/02/2012 - Dioc. São José dos Pinhais.
54	SP	Presidente Prudente	Vila Operária - Par. Sta. Rita de Cassia Dioc. Pres. Prudente.
55	SP	São José do Rio Preto	Missão Guadalupe - Res. Jd. Antonieta Dioc. S. José do Rio Preto.
56	SP	São Paulo	B. Vila Mariana, Chácara Klabin - Organização independente (Católica Apostólica Romana) vinculada à região Episcopal Ipiranga - 12/12/2021.
57	SP	São Paulo	Fazenda da Juta - Região Episcopal Sé 14/03/2021 - Arquid. São Paulo.
58	SP	São Paulo	Vila Silvia - Paróquia Sta. Rita de Cássia Arquid. São Paulo
59	SP	Sorocaba	Jd. Guadalupe, 29/09/2016 Par. Nossa Sra. de Fátima - Arq. Sorocaba.

Denota-se copiosa fé e devoção dos brasileiros à Virgem Maria de Guadalupe. Quanto à escolha por homenagear a Padroeira da América Latina no Brasil, além de vincular-se à fascinante história original das aparições e devoção no México, hoje por todo o mundo, afirma-se também que sua ascendente propagação e devoção se deu após a estada dos Bispos do Brasil na III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla-México, em 1979 (ALBERTI).

Ante os resultados, observa-se que o maior número de igrejas dedicadas à Virgem de Guadalupe é no Estado de São

Paulo. Sua propagação se acentuou alguns anos após ser proclamada Padroeira das Américas em 1945 (PARÓQUIANSNG, Campo Belo).

4.2 Outros espaços dedicados a Nossa Senhora de Guadalupe e a Juan Diego no Brasil

No decorrer da pesquisa, encontrou-se outros espaços no Brasil nominados Guadalupe ou Nossa Senhora de Guadalupe, tais como:

Gruta Nossa Senhora de Guadalupe em Lauro Muller (SC); Grupo de Oração Nossa Senhora de Guadalupe em Ivaiporã (PR); Bairro Guadalupe no Rio de Janeiro (RJ) onde já havia a Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, Igreja construída em 1949, marco histórico do Bairro (BARBOSA, 2011); Rua Nossa Senhora de Guadalupe em São Bernardo do Campo (SP); Município Guadalupe no Estado do Piauí. Cidade planejada com população em torno de 10.499 habitantes (2019) (WIKIPÉDIA, 2024); Instituto Guadalupe em Guarulhos-SP, educação infantil e ação social (INSTITUTO); Associação Guadalupe em São José dos Campos (SP) pertencente à Diocese, atendimento a gestantes em estado de vulnerabilidade social e emocional (DIOCESE- SJC); Casa de Formação de Líderes Nossa Senhora de Guadalupe em Guarapuava (PR), tendo uma réplica exposta do manto da Virgem de Guadalupe presente recebido de uma pesquisadora mexicana chamada Maria Enriqueta S. Vallejo (ESTECHE, 2019); Casa de Missão Nossa Senhora de Guadalupe em Vitor Meireles (SC), Paróquia Santa Catarina, Diocese de Rio do Sul.

Encontrou-se, também, locais homenageando o índio Juan Diego:

Capela San Juan Diego em São José dos Campos (SP); Comunidade São Juan Diego da Paróquia Nossa Senhora de

Guadalupe, situada na rua Nossa Senhora de Guadalupe em São Bernardo do Campo (SP); Centro Indígena São João Diego em Guarapuava (PR), sob a responsabilidade da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) Regional Sul 2 (STECHE, 2015); Salão Social San Juan Diego na Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe em Foz do Iguaçu (PR).

5. O que motivou pesquisar milagres e/ou graças pela devoção a Nossa Senhora de Guadalupe do Brasil

Primeiramente, pela devoção pessoal ao deparar-se com o mistério maravilhoso que foram suas aparições; também pela popularidade do Santuário Nossa Senhora de Guadalupe existente em Curitiba (PR), há em torno de 70 anos, muito visitado, havendo muitas peregrinações e romarias o ano todo. O Pároco atual é o conhecido Padre Reginaldo Manzotti, cantor, compositor, escritor e apresentador de Rádio e Televisão que difunde o Santuário e muito evangeliza pela televisão e rádio (SANTUÁRIO, 2021); e, ainda por conhecer e ter frequentado a Igreja Nossa Senhora de Guadalupe, Paróquia Canasvieiras, Florianópolis (SC).

6. Experiências de devotos no Brasil

Encontrou-se vários relatos de devotos brasileiros, testemunhos, experiências, graças, inclusive milagres atribuídos à intercessão de Nossa Senhora de Guadalupe. Destaca-se alguns:

O restabelecimento da saúde do Bispo da Arquidiocese de Campinas (SP), Dom Agnelo Rossi, foi motivo da nomeação do Santuário Nossa Senhora de Guadalupe no local (ARQUIDIOCESECAMPINAS).

Marcia Camacho Costa, fiel da Catedral Nossa Senhora de Belém, Guarapuava (PR), em agradecimento, testemunha: “fui ao

México pedir um filho, porque não conseguia ser mãe e ela atendeu meu pedido”, complementa que, a previsão do seu nascimento seria 12 de dezembro, dia de Nossa Senhora de Guadalupe (ESTECHE, 2019). Cabe destacar que Nossa Senhora de Guadalupe foi também “proclamada padroeira e protetora dos não nascidos que se encontram no ventre materno” (BIASI, 2008).

Dom Leomar Antônio Brustolin, Arcebispo da Arquidiocese de Santa Maria (RS), em sua obra “Sob o Olhar de Guadalupe”, redigida no período da pandemia Covid 19, relata sua experiência diante do olhar misericordioso da Virgem de Guadalupe quando esteve no México em 2020, em que ao ser convidado para presidir uma Celebração Eucarística da Solenidade da Mãe de Deus, junto ao cabido da Basílica, sentiu ter sido ela a conduzi-lo até lá, para o colocar sob o seu olhar, para que se deixasse “ser visto” por ela, entendendo que: “todo aquele que vai ao seu encontro, é precedido por um olhar que nos espera” (BRUSTOLIN, 2020, p. 9). Dom Leomar salienta que perante a experiência de finitude e impotência ocorrido na pandemia, a Virgem de Guadalupe foi para ele uma presença, amparo e companhia permitindo confiar e esperar. “Parecia-me que podia ouvi-la sussurrar para a humanidade: “Não te perturbes. Acaso não estou eu aqui que sou tua mãe?” (BRUSTOLIN, 2020, p.10).

Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe, Bairro Canasvieiras, Florianópolis (SC). A fiel, Elizete Terezinha Dallastra Nichele, participante desde a fundação na Paróquia, relata: Pe. Marcio Alexandre Vignoli, há 25 anos foi visitar a Imagem da Virgem de Guadalupe, no México. Lá estando, na esteira, ao ver a Imagem, sentiu-se muito movido, e teve a inspiração de trocar o nome da Igreja Santa Cruz, onde era Pároco, para Nossa Senhora de Guadalupe, Paróquia. Como confirmação, foi presenteado por um Padre da Basílica com um ícone de Nossa Senhora de Guadalupe. Assim, a mudança foi para homenagear a Padroeira da América

Latina, grande devoção dos irmãos latinos que a veneram e são frequentadores do Balneário de Canasvieiras, local turístico, muito visitado por brasileiros e estrangeiros (PARÓQUIA CANASVIEIRAS, 2021).

Juliano Cazarre, foi ator de novelas e hoje é ator da teledramaturgia nacional, tendo a fé como um dos principais pilares de sua vida (GOMES, 2023), juntamente com sua esposa Letícia, se declaram devotos de Nossa Senhora de Guadalupe, inclusive foram divulgadores do documentário “Guadalupe – A Mãe da Humanidade” estreado nos cinemas do Brasil dia 02 de maio (2024). Fizeram a consagração da família inteira, inclusive uma filha chama-se Maria Guilhermina Guadalupe em homenagem a Nossa Senhora de Guadalupe (EVANGELIZAR, 2024). Ela nasceu com uma cardiopatia congênita rara. O ator acredita que Jesus vem operando milagres na vida da filha, e que “os próprios médicos reconhecem isto”, diz ele; e, em suas orações suplica: “que a graça de Deus, pela intercessão da Sempre Virgem Maria, possa continuar curando Maria Guilhermina e auxiliando no seu desenvolvimento” (FAVORETTO, 2024).

Juliana Macedo, de Curitiba (PR). Aos 17 anos teve câncer (linfoma de hoisten). Tratou por dez anos, foi desenganada pelos médicos, não era possível fazer o transplante por não produzir mais a célula que a medula precisava. Se apegou muito à Nossa Senhora de Guadalupe, pedindo a graça. Aos 27 anos fez o transplante e teve recuperação total. Hoje, em agradecimento, ela é Ministra da Eucaristia no Santuário de Nossa Senhora de Guadalupe em Curitiba, diz ela: “Vou servir no Santuário dela. Enquanto tiver vida e saúde vou estar servindo a Deus e à Nossa Senhora”. O médico Eduardo Munhoz testemunhou afirmando que a resposta da recuperação dela superou suas expectativas como médico, dizendo: “tudo o que ocorreu com ela parece um milagre” (BERNARDES, 2022).

7. Milagres a partir da visão teológica

Para a Sagrada Escritura, o milagre é um prodígio religioso, uma obra de poder, um sinal dirigido por Deus, isto é, “são sinais divinos que não podem dar-se separados ou isolados da Revelação de Deus à qual pertencem e que expressam” (COMS-CHALON, 2017).

Segundo o Catecismo da Igreja Católica (CIC), parágrafos 547 e 548, milagres são sinais visíveis da ação e da presença de Deus no mundo, manifestação de uma vontade divina. São intervenções extraordinárias que não podem ser explicadas pelas leis naturais (VILAS, 2024).

Os fenômenos considerados sobrenaturais são analisados pela Igreja Católica com critérios científicos. Todo registro de milagre é estudado e analisado pelo Vaticano antes de ser aprovado, sempre se baseando em abordagens científicas de forma que fique claro que tais fenômenos não têm, realmente, qualquer explicação natural possível (DIOCESE DE OSASCO, 2023).

A Igreja reconhece oficialmente a existência de um milagre somente após investigação profunda, quando descartadas todas as possibilidades de fraudes, primando pela veracidade dos fatos (AQUINO, 2024).

Pode-se perguntar, Nossa Senhora, a Virgem Maria, e os santos fazem milagres? A Igreja Católica ensina, por si mesmos não realizam milagres, “são instrumentos da graça divina e intercedem por nós diante de Deus” (VILAS, 2024).

Ressalta-se, que a Virgem Maria, Mãe de Jesus, tem papel de destaque na intercessão. O Papa Francisco diz: “Maria não é apenas Mãe, ela é também a nossa intercessora, que nos leva ao Senhor” (VILAS, 2024).

O Papa João Paulo II se consagrou a Nossa Senhora. Disse ele: “Maria aproxima-nos de Cristo, conduz-nos a Ele, com a

condição de que se viva o seu mistério em Cristo” (FERRONATTO, 2015).

Quanto ao culto e a devoção à Santíssima Virgem Maria, segundo os estudos de Mariologia da Unilasalle, Canoas (RS), devem exprimir a característica Trinitária e Cristológica. O verdadeiro culto rendido aos servidores de Deus honra o próprio Deus. Ele escolheu a Virgem Maria como Sua servidora desde toda a eternidade.

Na Virgem Maria, de fato, tudo é relativo a Cristo e dependente dEle: foi em vista dEle que Deus Pai, desde toda a eternidade, a escolheu Mãe toda santa e a plenificou com os dons do Espírito a ninguém mais concedidos” (LEITE, 2023, p. 106).

Com referência às aparições de Nossa Senhora, Dom Leo-mar Brustolin afirma que “a objetividade das aparições está no fato de gerarem a experiência da fé no coração das pessoas” (LEITE, 2023, p. 109). E que, no relato de uma aparição, o núcleo está no significado da mensagem, sendo necessário olhar atento e prudente a respeito de certos fenômenos, com critérios de discernimento sobre a qualidade das mensagens, tendo consonância com a Bíblia e a Tradição da Igreja, identificando a dimensão Cristológica e Trinitária. A aparição deve guiar e conduzir à fidelidade e vivência mais autêntica do cristianismo.

A aprovação de uma aparição pela igreja, segundo o teólogo Afonso Murad, implica o reconhecimento da mensagem do vidente, autorização para erguer no local um santuário para Maria, se tornando local público de culto, e, permissão para a Igreja local utilizar o nome dessa devoção (LEITE, 2023).

Nossa Senhora, de vários títulos, Aparecida no Brasil, Fátima em Portugal, Guadalupe no México, entre outros, é a mesma Maria, Mãe de Jesus e de toda a humanidade. Vem ao encontro, em determinado contexto e necessidade, se manifesta e conduz ao seguimento de Jesus Cristo, seu amado Filho, único Senhor e

Salvador. Assim, nos ensina Daniela Del Gaudio: “A Virgem Maria nos foi enviada como mensageira da Palavra de Deus, como mestra que comunica aos homens os seus pêlos, fazendo-se guia e mãe dos fiéis” (LEITE, 2023, p. 111).

No evento histórico das aparições de Nossa Senhora de Guadalupe a Juan Diego, no México em 1531, conforme narrado, há muitos elementos considerados milagres, que durante todos estes anos vem sendo estudados, e ainda hoje desafiam a ciência.

Há diversos estudos, documentários e filmes sobre os milagres. Relata-se alguns, a seguir, com base no livro “A Verdadeira Fisionomia dos Santos”, coordenado pelo Pe. Albino de Biasi, da Fundação Pontifícia ACN Brasil, obra da Santa Sé, conhecida no Brasil como “Ajuda à Igreja que Sofre” (BIASI, 2008).

Logo após o milagre das rosas (inverno, terreno arenoso e infértil) e a impressão milagrosa da imagem da Virgem de Guadalupe no Manto, iniciaram os milagres:

Mais de 8 milhões de índios se converteram ao catolicismo. Até 15 mil índios eram batizados por dia. A nação asteca se torna católica.

Milagre do Cadáver de um índio atingido por flecha. Ao ser colocado no andor de Nossa Senhora de Guadalupe a flecha pulou do pescoço do índio e este voltou à vida.

O poncho (tilma, avental) que duraria até 12 anos, milagrosamente não se decompôs até os dias atuais, mesmo tendo ficado sem proteção por 120 anos. Era tocado por milhares de pessoas, sofreu inundações e umidade salitrosa; inclusive, acidentalmente, caiu no manto ácido nítrico e clorídrico. A mancha que ficou foi desaparecendo com o tempo.

Arranjo de flores com carga de dinamite, colocado próximo ao manto por um anarquista espanhol. Apesar da violenta explosão atingindo o altar de mármore, crucifixo de bronze, inclusive janelas da Igreja e prédio vizinho, o manto ficou

intacto. Estudos de imagens ampliadas da íris de Nossa Senhora por computadores evidenciam: provável família indígena; um índio sentado com estilo da época; figura de um ancião com um jovem (supondo ser Don Juan de Zumárraga e seu intérprete).

Os muitos milagres e mistérios envolvendo o tecido chamou atenção da ciência avançada do século XX. O Dr. Richard Kuhn, prêmio Nobel de química, estudou o tecido. Concluiu-se que a imagem não era uma pintura. Os Cientistas da NASA, Jady Brand Smith e Phillip Serna Callahan, após meticuloso estudo da imagem, não encontraram nenhum sinal de pintura.

Análise microscópica do manto: a imagem não está impressa. Separada três décimos de milímetros do tecido, a imagem está flutuando.

Os olhos da Virgem foram examinados por vários oftalmologistas. Um deles comentou que pareciam olhos vivos. Utilizando técnicas avançadas e potentes computadores, aumentando os olhos 2.500 sem perder a nitidez, refletem exatamente as pessoas descritas que estavam presentes na casa do bispo quando se deu o milagre.

Outro aspecto encontrado no manto: no rosto e mãos da Virgem a temperatura constante é de um ser humano vivo (36,6 graus Celsius).

Enfim, de forma bem sintética, estes são relatos de somente alguns estudos científicos da impressão milagrosa da Virgem de Guadalupe no manto do índio Juan Diego.

Considerações finais

O artigo está pautado na surpreendente história de Nossa Senhora de Guadalupe, coroada pelo Papa Leão XIII em 1875, declarada Padroeira da América Latina pelo Papa Pio X em 1910, oficialmente declarada Padroeira de toda a América pelo Papa Pio

XII em 1945. Em 1979 o Papa João Paulo II consagra toda a América Latina à Mãe Santíssima.

O evento histórico das aparições da Virgem Maria de Guadalupe ao índio nativo Juan Diego no México, recém convertido ao cristianismo, em 1531, precedido do período em que os astecas sofreram com a Conquista Espanhola e com a peste da varíola, é realmente fascinante e extraordinário. A cada leitura, me motiva a conhecer ainda mais. É repleto de muitos sinais e milagres, destaca-se o milagre das rosas de Castela, colhidas fora da época, no inverno, na Colina *Tepeyac*, local das aparições, apresentadas ao bispo Dom Frei Juan de Zumárraga como sinal para a construção de um templo a pedido da Virgem de Guadalupe, que se apresenta como a “Sempre Virgem Santa Maria, Mãe de Deus”; e, sobretudo, a tilma, avental, poncho, feito de fibras, estampa milagrosa da Virgem de Guadalupe, que duraria no máximo 20 anos, e, desafiando a ciência, se conserva até hoje na Basílica Nossa Senhora de Guadalupe no México, santuário mariano mais visitado do mundo, reunindo, anualmente, milhões de peregrinos.

Destaca-se como fenômeno milagroso também, a conversão de mais de 8 milhões de índios ao catolicismo. Houve dias que chegaram a 15 mil índios batizados. A nação asteca se tornou católica, fazendo Maria a maior Evangelizadora da América.

Explicou-se referente a milagres a partir da visão teológica, definindo-os como sinais da ação e presença de Deus no mundo, manifestação da vontade divina, intervenções extraordinárias não explicadas pelas leis naturais. Salientando que a Igreja reconhece oficialmente um milagre somente após investigação profunda, e que a Nossa Senhora, a Virgem Maria e os Santos, por si só não realizam milagres, são instrumentos da graça divina e intercedem por nós diante de Deus.

Mencionou-se também quanto às aparições de Nossa Senhora, salientando que a Igreja deve analisar certos fenômenos

com critérios de discernimento sobre a qualidade das mensagens. Devem ter consonância com a Bíblia e a Tradição da Igreja, identificando a dimensão Cristológica e Trinitária.

Quanto aos testemunhos de graças alcançadas pela devoção de Nossa Senhora de Guadalupe no Brasil, são diversos. Foram narrados alguns. Evidencia-se testemunhos que fazem referência à experiência de contemplar, de ser atraído pelo olhar da Virgem de Guadalupe, ao visitá-la no México. A mãe terna que ama, tem olhar atento a todos os seus filhos, e, em especial nos momentos de dificuldades, vem em socorro. Neste sentido, destaca-se os testemunhos do Padre Márcio Vignoli de Florianópolis (SC) e do Dom Leomar Brustolin, Arcebispo de Santa Maria (RS), autor do livro “Sob o Olhar de Guadalupe”.

Evidencia-se também, outros testemunhos relacionados à mulheres que não conseguem realizar o sonho de ser mãe, problemas na gravidez. Nossa Senhora de Guadalupe é invocada nos partos difíceis, foi inclusive proclamada como padroeira e protetora dos não nascidos, que se encontram no ventre materno.

Denota-se grande devoção a Nossa Senhora de Guadalupe no Brasil. Verificou-se que a tradição foi largamente difundida no Brasil entre 1580 a 1640, período da união das coroas espanhola e portuguesa, significando aliança de Maria com os pobres e oprimidos.

O resultado da pesquisa da existência de Igrejas dedicadas a Nossa Senhora de Guadalupe no Brasil foi surpreendente. Encontrou-se 05 santuários, 28 Paróquias e 59 Capelas/Comunidades localizadas em diversos Estados do Brasil, tendo maior número no Estado de São Paulo, onde a propagação se acentuou após ser proclamada Padroeira das Américas em 1945.

Ademais, no decorrer da pesquisa encontrou-se vários outros espaços dedicados a Nossa Senhora de Guadalupe no Brasil, tais como: casa de formação, casa de missão, grupo de oração,

gruta, instituto, associação, nome de rua, bairro, inclusive um município no Estado do Piauí. Encontrou-se também alguns dedicados a São Juan Diego: capela, comunidade, centro indígena, salão social.

Observou-se que a escolha por homenagear a Padroeira da América Latina no Brasil, além de vincular-se à fascinante história original das aparições e devoção no México, se deu após a estada dos Bispos do Brasil na III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla-México, em 1979. Sendo que, em contextos de identidade cultural e social, é invocada como Mãe das Comunidades, Esperança dos Pobres e Estrela da Evangelização, inspirado no documento de Puebla, evidenciando olhar de maior interesse sobre indígenas e outros povos, e, a opção preferencial pelos pobres e oprimidos.

A história de Nossa Senhora de Guadalupe é de suma importância na identidade latino-americana, considerada pilar da fé católica, na região, símbolo de devoção, moldou culturas e nações, representando profundo vínculo espiritual para milhões na América Latina. Além de imperar devoção, destaca a conexão da Nossa Senhora com o povo latino-americano.

A Virgem Santíssima venerada no México e em todas as outras nações como Mãe da Igreja na América Latina, a primeira apóstola, discípula missionária, inserida no processo evangelizador, sua presença reconhecida pelo Papa João Paulo II em 1980 quando esteve na Aparecida, no Brasil, declarando que o amor e a devoção a Maria são um dos traços característicos da religiosidade do povo brasileiro.

Enfim, Nossa Senhora, de vários títulos, Aparecida no Brasil, Guadalupe no México, e tantos outros, é a mesma Mãe de Jesus e de toda a humanidade, a Santíssima Virgem Maria, que em contextos de necessidades e sofrimentos, com olhar atento, se manifesta “Não estou eu aqui que sou tua Mãe?”, vem ao encontro

de seus filhos, com ternura, carinho e amor, exortando, encorajando e conduzindo ao Deus verdadeiro, à Trindade Santa, Pai, Filho e Espírito Santo, direcionando na vivência da fé e seguimento aos ensinamentos de seu amado Filho, único Senhor e Salvador, Jesus Cristo.

Referências bibliográficas

- ALBERTI, R.; KOHLER, C. **Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe**. Disponível em: <https://diocesedeapucarana.com.br/portal/paroquia/24/paroquia-nossa-senhora-de-guadalupe>. Acesso em: 08 nov. 2024.
- AQUINO, Felipe. **Grandes milagres da nossa Igreja**. 2024. Disponível em: <https://blog.cancaonova.com/felipeaquino/2013/06/20/grandes-milagres-da-nossa-igreja/>. Acesso em: 29 nov. 2024.
- ARQUIDIOCESE DE CAMPINAS. **Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe**. Disponível em: <https://arquidiocesecampinas.com/location/paroquia-nossa-senhora-de-guadalupe/>. Acesso em: 10 out. 2024.
- ARTCRUZ (equipe). **Nossa Senhora de Guadalupe é a padroeira da América Latina**. 12 dez. 2023. Disponível em: <https://www.blog.artcruz.com.br/post/nossa-senhora-de-guadalupe-a-padroeira-da-am%C3%A9rica-latina>. Acesso em: 10 out. 2024.
- BARBOSA, Eliane. Prof. **Conheça o Bairro de Guadalupe**. Set. 2011. RJ: [s.n.]. Disponível em: https://issuu.com/vbeliane/docs/conhecendo_guadalupe_-_5a.ed. Acesso em: 15 set. 2024.
- BERNARDES, Fátima. **Paranaense se apegou a Nossa Senhora de Guadalupe para se curar do câncer**. Programa Encontro com Fátima Bernardes [transmissão televisiva], 21 jun. 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2707256/>. Acesso em: 12 set. 2024.
- BERNARDES, Fátima. **Padre Fábio sobre fé e razão: “Vivemos a época da síntese”**. Programa Encontro com Fátima Bernardes [transmissão televisiva], 21 jun. 2022. Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/2707256/>. Acesso em: 19 set. 2024.

BIASI, Pe. Evaristo. **Nossa Senhora de Guadalupe**. 2008. ACN — Aid to the Church in Need. Disponível em: <https://www.acn.org.br/>. Acesso em: 01 dez. 2024.

BRUSTOLIN, Leomar A. **Sob o olhar de Guadalupe: sinais do céu sobre a terra**. São Paulo: Paulus, 2020.

CIPOLINI, Pedro C. **A devoção mariana no Brasil**. Teocomunicação, Porto Alegre, v. 40, n. 1, p. 36–43, jan./abr. 2010. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/teo/article>. Acesso em: 31 ago. 2024.

COMUNSHALOM. **O que é um milagre?** Comunidade Shalom, 08 dez. 2017. Disponível em: <https://comshalom.org/o-que-e-um-milagre/>. Acesso em: 01 dez. 2024.

DANTAS, Renan. **Celebrando a Padroeira de toda a América: devoção além das fronteiras**. Diocese de Juína, 12 dez. 2023. Disponível em: <https://vatican.news.va/pt/igreja/news/2023-12/celebrando-padroeira-america-guadalupe-nossa-senhora.printi.html>. Acesso em: 11 out. 2024.

DIOCESE SÃO JOSÉ DOS PINHAIS. **Associação Guadalupe**. Disponível em: <https://diocese-sjc.org.br/vidapastoral/associacao-guadalupe/>. Acesso em: 21 nov. 2024.

DIOCESE DE OSASCO. **Conheça a história de 3 milagres eucarísticos**. 08 jun. 2023. Disponível em: <https://diocesedeosasco.com.br/conheca-a-historia-de-3-milagres-eucaristicos/>. Acesso em: 02 dez. 2024.

EVANGELIZAR RÁDIO. **A Nossa Senhora de Guadalupe** [áudio/online], 03 abr. 2024. Disponível em: (link direto não informado; fonte original continha hashtags). Acesso em: 06 out. 2024.

FAVORETTO, M. F. **Juliano Cazarre realiza o sonho de batizar Maria Guilhermina na Igreja: “Esse dia chegou”**. 09 abr. 2024. Disponível em: <https://www.terra.com.br/vida-e-estilo/juliano-cazarre-realiza-sonho-de-batizar-maria-guilhermina-na-igreja-esse-dia-chegou,82237cf2b37993520b099d74f7d31db4qktcjtai.html>. Acesso em: 07 out. 2024.

FERRONATTO, Pe. Lourenço. **Devoção a Nossa Senhora pelo método de São Luís Maria Grignon de Montfort**. 1. ed. São Paulo: ACNSF, 2015.

GOMES, Guilhermina. **Juliano Cazarre abre o coração e dá testemunho de fé emocionante**. 15 jun. 2023. Disponível em: <https://www.a12.com/redacaoa12/noticias/juliano-cazarre-abre-o-coracao-e-da-testemunho-de-fe-emocionante>. Acesso em: 09 out. 2024.

GOOGLE MAPS. **Igrejas Nossa Senhora de Guadalupe** [mapa eletrônico]. Disponível em: <https://www.google.com.br/maps/search/igreja+nossa+senhora+de+guadalupe/>. Acesso em: 21 set. 2024.

INSTITUTO GUADALUPE. **Instituto Guadalupe**. Disponível em: <https://www.institutoguadalupe.org.br/>. Acesso em: 22 nov. 2024.

JOÃO PAULO II. **Discurso na solene sessão de abertura da III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano**. 28 jan. 1979. Disponível em: https://www.vatican.va/content/john-paul-ii/pt/speeches/1979/january/documents/hf_jp-ii_spe_19790128_messico-puebla-episc-latam.html. Acesso em: 03 out. 2024.

KNOL, Fr. Pedro, OFM. **Nossa Senhora de Guadalupe em Cuiabá** [brochura], 31 mai. 1992. Disponível em: <http://guadalupecba.com.br>. Acesso em: 13 set. 2024.

LAZAROTTO, Lorenzo. **A origem e os milagres de Nossa Senhora de Guadalupe** [vídeo], 24 nov. 2023. Disponível em: <https://www.youtube.com/@Historiaefecatolica>. Acesso em: 16 out. 2024.

LEITE, Carlos C.; BARBOSA, Salvador L. (orgs.). **Pneumatologia e Mariologia**. Teologia — Unilasalle. Canoas: RS: Ed. La Salle, 2023.

PARÓQUIA NOSSA SENHORA DE GUADALUPE (Campo Belo, São Paulo — SP). **Nossa história**. Disponível em: <https://paroquiansguadalupe.com.br/nossa-historia>. Acesso em: 16 nov. 2024.

PARÓQUIA DE CANASVIEIRAS (Florianópolis/SC). **História**. 2021. Disponível em: <https://paroquiadecanasvieiras.org.br/historia/>. Acesso em: 24 out. 2024.

PROCÓPIO, Carlos E. P. **O catolicismo e sua publicidade: reflexões a partir da construção da Catedral de Nossa Senhora de Guadalupe (Foz do Iguaçu/Brasil)**. Ciências Sociais e Religião, v. 20, n. 29, 2018. Universidade Estadual de Campinas. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=717975894004>. Acesso em: 17 nov. 2024.

QUEVEDO, Neide A. V. R.; CERQUEIRA, Fábio V. **Romaria de Nossa Senhora de Guadalupe em Pelotas/RS: início da devoção e construção do santuário**. In: 10ª SIEPE; XXVI ENPOS — Encontro de Pós-Graduação, UFPEL, 2024. Disponível em: https://cti.ufpel.edu.br/siepe/arquivos/2024/MD_03899.pdf. Acesso em: 27 nov. 2024.

ROSSI, Agnelo. **A virgem de Guadalupe na história do México.** Reflexão, v. 17, n. 50, 2024. Disponível em: <https://seer.sis.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/11020>. Acesso em: 08 jul. 2024.

SANTUÁRIO (Santuário Nossa Senhora de Guadalupe). **História do Santuário Nossa Senhora de Guadalupe.** 2021. Disponível em: <https://santuarioguadalupe.com.br/o-santuario/historia/>. Acesso em: 03 set. 2024.

STECHE, Cristina. **CNBB assume Centro Indígena São Juan Diego, em Guarapuava.** RSN — Rede Sul de Notícias, 15 jun. 2015. Disponível em: <https://redesuldenoticias.com.br/noticias/cnbb-assume-centro-indigena-sao-juan-diego-em-guarapuava/>. Acesso em: 17 nov. 2024.

STÊNIO, Emanuel. **Por que a Igreja dedica o sábado à Virgem Maria.** Santuário Canção Nova. Disponível em: <https://santuario.cancaonova.com/formacao/por-que-a-igreja-dedica-o-sabado-a-virgem-maria/>. Acesso em: 13 out. 2024.

SUSIN, Luiz C. **“Aqui se conta”: a narrativa de N. Sra. de Guadalupe.** Revista Eclesiástica Brasileira, v. 52, n. 206, p. 259–281, 1992. Disponível em: <https://doi.org/10.29386/reb.v52i206.2885>. Acesso em: 31 jul. 2024.

VILAS, Camila. **Nossa Senhora e os santos fazem milagres?** 2024. Disponível em: <https://www.a12.com/redacaoa12/espiritualidade/nossa-senhora-e-os-santos-fazem-milagres>. Acesso em: 11 set. 2024.

WIKIPÉDIA. **Guadalupe (Piauí).** A enciclopédia livre, 02 jun. 2024. Disponível em: [https://pt.wikipedia.org/wiki/Guadalupe_\(Piau%C3%AD\)](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guadalupe_(Piau%C3%AD)). Acesso em: 25 nov. 2024.

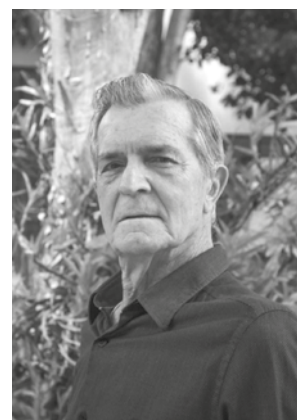
REGISTRO DE MEMÓRIAS PROVINCIAIS

PADRE CASIMIRO FACCO, SAC (1942-2026)

SERVO DO EVANGELHO E PEREGRINO
DA ESPERANÇA MISSIONÁRIA

Feliz de quem conserva,
com todas as suas forças,
perfeito amor.

São Vicente Pallotti



No dia 23 de maio de 2026, Vigília de Pentecostes e Festa de Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos, a Província Nossa Senhora Conquistadora dos Padres e Irmãos Palotinos despediu-se de um de seus filhos mais queridos: o Pe. Casimiro Facco. Sua partida, ocorrida serenamente por volta das 8h30 da manhã, na Comunidade Padre Caetano Pagliuca, em Santa Maria (RS), encerrou uma história de 83 anos de vida e 55

anos de ministério sacerdotal, inteiramente dedicados ao Evangelho, à formação das vocações e à missão.

Nascido em 14 de dezembro de 1942, em Nova Palma (RS), era filho de Júlio e Graciosa Facco. Cresceu em uma família simples, numerosa e profundamente cristã, sendo o quinto entre doze irmãos. Em meio às dificuldades e aos valores cultivados no ambiente familiar, aprendeu desde cedo a importância da fé, da

partilha, do trabalho e da solidariedade. Das lembranças da infância, conservava com carinho a vida comunitária, os amigos, o trabalho dos pais e a fé vivida com naturalidade no cotidiano.

Foi ainda menino, servindo como coroinha, que sentiu os primeiros sinais do chamado de Deus. Com emoção, recordava a visita do Pe. Vitélio Trevisan à sua sala de aula. Ao final da conversa, o sacerdote perguntou quem gostaria de ser padre. Após alguns instantes de silêncio, Casimiro ergueu discretamente o dedo. Anos mais tarde, recordaria aquele momento com simplicidade:

“Pe. Vitélio falou conosco e, no final da conversa, perguntou se alguém queria ser padre. Depois de alguns momentos de silêncio, levantei o dedinho. No ano seguinte, com nove anos, rumei para o Seminário São José, em Faxinal do Soturno.”

Aquele gesto singelo transformou-se no início de uma longa história de entrega a Deus e ao povo.

Ingressou no seminário em 13 de fevereiro de 1952. Realizou o noviciado em Augusto Pestana (RS), iniciando oficialmente sua caminhada religiosa em 1962. Entre 1963 e 1970 cursou Filosofia e Teologia no Colégio Máximo Palotino, em Santa Maria (RS), onde consolidou sua formação humana, espiritual e pastoral. Professou os votos temporários em 02 de fevereiro de 1964 e a profissão perpétua em 02 de fevereiro de 1970. Foi ordenado diácono em 31 de maio daquele ano e recebeu a ordenação presbiteral em 04 de julho de 1970.

Ao aproximar-se dos seus 25 anos de sacerdócio, sintetizou com poucas palavras a espiritualidade que o acompanharia por toda a vida:

“A bondade e a misericórdia de Deus estiveram muito presentes em mim. Disso decorre meu desejo de fazer ação de graças, e nada mais.”

Toda a sua existência sacerdotal foi, de fato, uma contínua ação de graças.

Dotado de fina sensibilidade humana e profundo interesse pela formação integral da pessoa, dedicou-se aos estudos de Psicanálise e posteriormente realizou Mestrado em Espiritualidade, em Roma. Buscou constantemente compreender melhor o ser humano para ajudá-lo em seu caminho de amadurecimento pessoal, vocacional e espiritual.

Grande parte de sua vida apostólica foi dedicada à formação. Atuou na animação vocacional, foi professor, reitor, mestre de novíços e responsável pela criação do Curso Propedêutico em Vale Vêneto (RS). Serviu como promotor vocacional da Província Palotina, professor no Seminário Rainha dos Apóstolos, em Vale Vêneto, professor e reitor no Seminário São Vicente Pallotti, em Palotina (PR), reitor e professor no Colégio Máximo Palotino, em Santa Maria, além de conselheiro provincial. Foi ainda diretor do Período Introdutório Palotino, em Cascavel (PR), e reitor da Casa de Retiros de Santa Maria.

Centenas de seminaristas, religiosos e leigos encontraram nele um orientador atento, um educador exigente e um pai espiritual próximo. Gostava de afirmar:

“Minhas maiores alegrias estiveram relacionadas à formação e ao atendimento pessoal de seminaristas e leigos. Sempre me senti mais à vontade no diálogo pessoal. Creio que Deus me chamou para este caminho e me tomou pela mão.”

Entretanto, foi em terras africanas que seu coração missionário encontrou uma de suas expressões mais fecundas. Entre janeiro de 1999 e fevereiro de 2011, e novamente entre 2017 e 2018, dedicou-se à missão em Moçambique, especialmente nas regiões de Maxixe e Inharrime. Ali trabalhou na formação, na evangelização e na vida pastoral das comunidades.

Quando falava da missão africana, emocionava-se profundamente. Repetia com frequência uma frase que se tornou símbolo de sua experiência missionária:

“Tenho aquele povo no coração.”

Em suas palavras transpareciam o amor pelos pobres, a admiração pela sabedoria do povo africano e a sensibilidade diante do sofrimento humano. Via na simplicidade daquelas comunidades uma escola de fé, esperança e alegria.

Inspirado por São Vicente Pallotti, acreditava que a missão da Igreja consistia em despertar em cada cristão a consciência de sua vocação apostólica. Em uma de suas reflexões jubilares escreveu:

“O mais importante é reavivar a fé e reacender a caridade em todos os cristãos, animando-os a desempenharem com muito ardor e alegria a sua vocação primordial de apóstolos.”

Essa convicção orientou toda a sua vida sacerdotal e religiosa palotina.

Após o retorno definitivo ao Brasil, continuou servindo a Igreja como animador vocacional e vigário paroquial em diversas comunidades, entre elas Dona Francisca (RS), Dourados (MS) e Porto Alegre (RS). Mesmo quando a saúde já apresentava limitações, mantinha vivo o desejo missionário e sonhava em continuar servindo.

Nos últimos anos, residente na Comunidade Padre Caetano Pagliuca, viveu o tempo da enfermidade com serenidade e silenciosa entrega. A demência e outras fragilidades físicas limitaram suas atividades, mas jamais apagaram o testemunho de fé, humildade e confiança em Deus.

No jubileu de 50 anos de sacerdócio, deixou palavras que hoje ressoam como um testamento espiritual:

“Desejo ser perdoado por aquilo que fiz e não deveria ter feito e por aquilo que não fiz e deveria ter feito. Meu desejo é fazer o bem, mas nem sempre tenho feito.”

E acrescentava:

“Espero que, com a graça de Deus, a presença de Maria e a intercessão de Pallotti, eu possa continuar caminhando com vocês até a morte. Caminhemos juntos, querendo-nos bem!”

Sua morte, ocorrida na Vigília de Pentecostes e na Festa de Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos, possui um profundo significado para a espiritualidade palotina. O sacerdote que tantas vezes invocou o Espírito Santo e confiou sua vocação à proteção materna de Maria concluiu sua peregrinação terrena justamente sob esses dois grandes sinais de sua vida espiritual.

O velório, realizado no Patronato, em Santa Maria, reuniu familiares, confrades, amigos e fiéis em momentos de oração e despedida. A Missa de Exéquias foi celebrada no dia 24 de maio, na Igreja Matriz de Vale Vêneto, seguida do sepultamento no cemitério palotino. Chamou a atenção o grande número de manifestações de carinho recebidas durante aqueles dias, e também nas redes sociais da Província, testemunhando o quanto sua presença sacerdotal marcou vidas, comunidades e gerações.

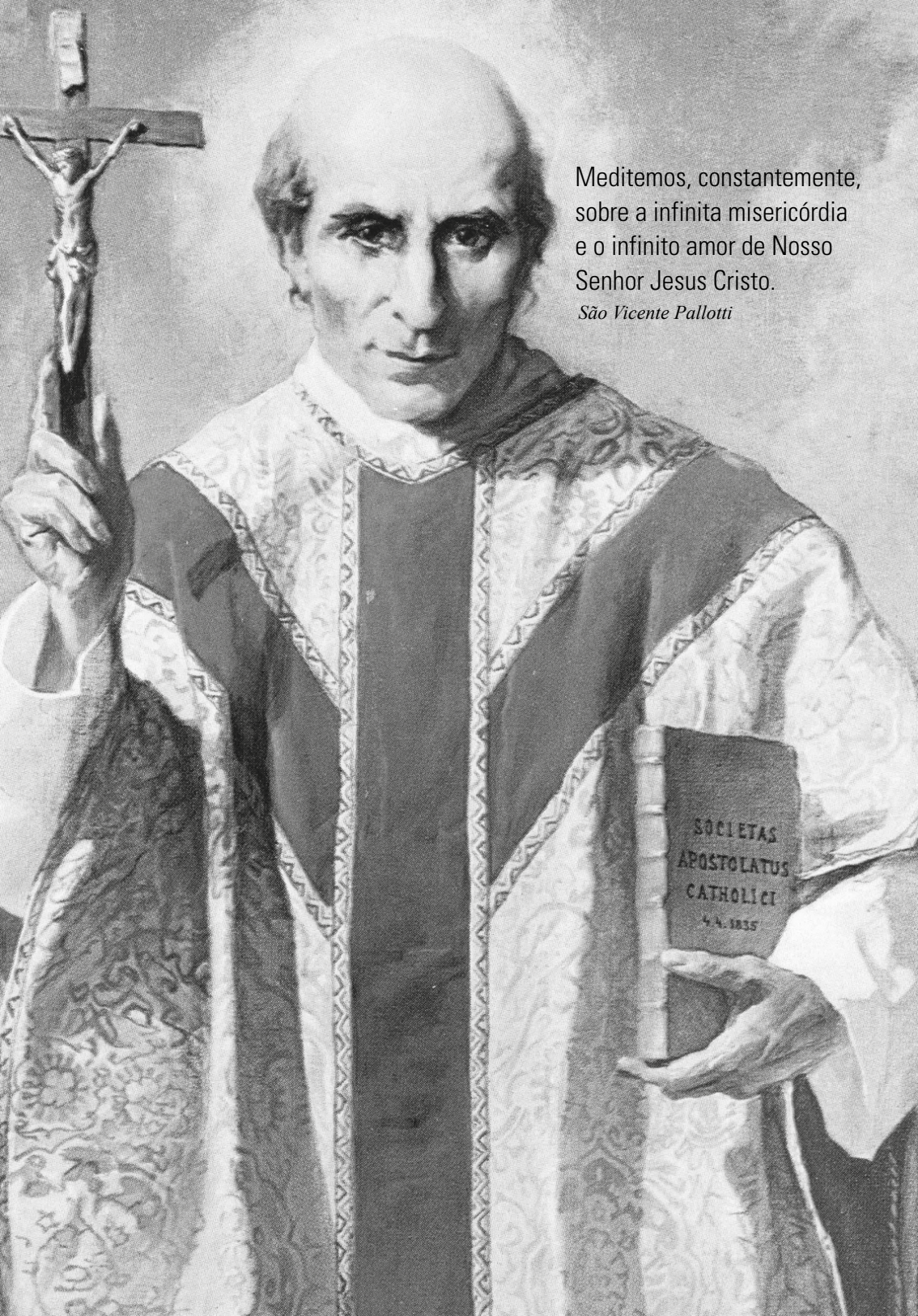
Hoje permanece entre nós a imagem de um sacerdote simples, profundamente humano, apaixonado pela formação das vocações, enamorado da missão e inteiramente dedicado ao Reino de Deus. Sua vida confirma a certeza de que a missão nasce do amor e floresce na entrega.

Na esperança da ressurreição, agradecemos ao Senhor pelo dom da vida do Pe. Casimiro Facco. Que aquele que procurou durante toda a vida “reavivar a fé e reacender a caridade” participe agora da plenitude da vida eterna junto do Pai.

Enfim, Pe. Casimiro carregou muitos povos, muitas vocações, muitas comunidades e muitas histórias no coração; e as ofereceu generosamente a Deus.

Descanse em paz, Pe. Casimiro. Sua memória permanece viva entre nós.

Por Editorial da Revista Palotina.



Meditemos, constantemente,
sobre a infinita misericórdia
e o infinito amor de Nosso
Senhor Jesus Cristo.

São Vicente Pallotti



UACBR: ASSEMBLEIA NACIONAL E NOVO CONSELHO (2026-2029)

Daiane da Paz¹

Abertura

Entre os dias 20 e 22 de março de 2026, a União do Apostolado Católico do Brasil (UACBR) realizou sua Assembleia Nacional no Seminário Mãe do Divino Amor, em Curitiba (PR). O encontro reuniu 22 participantes, entre membros da Coordenação Nacional, presidentes dos Conselhos Locais, Superiores Maiores das comunidades de fundação e representantes das diversas regiões do país, em um momento de comunhão, espiritualidade, discernimento e fortalecimento da missão apostólica.

Inspirados pelo tema do próximo Congresso Eucarístico (2027), “Hóstias vivas, no mundo, para a glória do Pai”, e pelo lema extraído dos escritos de São Vicente Pallotti, “O Apostolado Católico deve inspirar a todos a tudo fazer para a maior glória de Deus e a salvação dos irmãos”, os participantes viveram o Cenáculo, com dias de intensa partilha, oração e escuta fraterna, renovando o compromisso com a missão evangelizadora da Igreja e com a vivência do carisma palotino.

1. 1ª Secretária do Conselho Nacional da União do Apostolado Católico.

A noite de abertura da Assembleia foi marcada por um profundo momento de espiritualidade, vivido na Adoração ao Santíssimo Sacramento, conduzida pelo Pe. Francisco José Marques Filho, SAC, onde os participantes confiaram ao Senhor os desafios, as esperanças e os caminhos da União do Apostolado Católico no Brasil, renovando a confiança na ação do Espírito Santo e o desejo de viver o apostolado.

1. Partilha dos superiores e superiores

A manhã do dia 21 de março teve início com a celebração da Santa Missa, seguida das Laudes, na Capela Mãe do Divino Amor, presidida pelo Pe. Jadir Zaro, SAC. Após o café e a acolhida, os participantes foram conduzidos a um momento de oração, seguido de uma significativa partilha entre os presentes. Na ocasião, cada Superior Maior foi convidado a compartilhar a realidade de sua Comunidade Consagrada no caminho da União do Apostolado Católico, a partir da reflexão previamente proposta: “Como está a participação da vossa Comunidade Consagrada no desenvolvimento da UAC?”

A Irmã Cleusa Maria Casarin, CSAC, Provincial da Província Nossa Senhora Aparecida, iniciou a partilha apresentando os trabalhos desenvolvidos pelas Irmãs no incentivo à União do Apostolado Católico, destacando o investimento na formação dos leigos, o apoio à participação no ISEP e as iniciativas realizadas nas escolas palotinas, ressaltando a importância de uma formação humana integral.

A Irmã Maria do Espírito Santo da Silva, SAC, representando a Provincial das Irmãs Missionárias, Ir. Ieda Maria Siqueira da Silva, SAC, apresentou a realidade vivida pelas comunidades no Maranhão e no Piauí, onde as Irmãs acompanham grupos de leigos em Codó, Timbiras e Teresina. Em sua partilha, destacou

a vitalidade da União do Apostolado Católico nessas realidades, afirmando: “A UAC é um sangue que circula.”

O Pe. Jadir Zaro, SAC, Superior Provincial da Província Nossa Senhora Conquistadora, destacou as diversas iniciativas desenvolvidas pelos padres e irmãos palotinos no fortalecimento da União do Apostolado Católico. Entre elas, mencionou a participação em encontros locais, no Congresso Internacional realizado em Roma (2024), no Encontro Nacional em Palotina (2025) e na Assembleia Geral em Roma (2025). Recordou ainda que o Pe. Gilberto Antônio Orsolin, SAC, ex-Provincial, exerce também a função de Vice-presidente do Conselho de Coordenação Geral da União do Apostolado Católico.

Em sua partilha, apresentou também as atividades desenvolvidas no âmbito educacional e formativo, destacando iniciativas como formações, vivências, Semanas de Estudos Palotinos, encontros de formação permanente e o aprofundamento dos escritos palotinos, favorecendo uma releitura contínua do carisma e de sua vivência nos tempos atuais.

Destacou ainda a participação no ISEP, incluindo a presença de lideranças vindas de Moçambique, região de missão na África, reforçando o compromisso com a formação e a dimensão internacional do carisma palotino. Recordou, igualmente, a Campanha de Doação de Sangue realizada todo dia 22 nos colégios palotinos, na FAPAS e na Gráfica Pallotti, como expressão concreta do compromisso com a solidariedade, o cuidado com a vida e o serviço ao próximo.

O Pe. Reinaldo Baggio, SAC, Superior Provincial da Província São Paulo Apóstolo, lembrou importantes documentos que orientam a caminhada da União do Apostolado Católico. Em sua partilha, apresentou também o investimento na sólida formação dos seminaristas acerca do carisma palotino, ressaltando

a participação da Província em encontros, assembleias e outros momentos significativos da caminhada da UAC. Destacou, ainda, a presença e o envolvimento dos padres nos Conselhos Locais, evidenciando a disponibilidade e a participação ativa na animação da União do Apostolado Católico.

Entre os exemplos mencionados, recordou o trabalho do Pe. Valdeci Antônio de Almeida, SAC, responsável pela formação, bem como a dedicação do Pe. Antônio Júnior Diogo, SAC, que, até aquele momento, exercia a missão de Presidente do Conselho Nacional da UAC no triênio 2023–2026.

O Pe. Arthur Karbowy, SAC, Superior Maior da Região Mãe da Misericórdia, apresentou um panorama histórico da Região, que celebrará, em janeiro de 2027, o Jubileu de 25 anos de sua criação, destacando a presença missionária dos membros no Brasil e em Portugal.

Em seu relatório, evidenciou os diversos momentos de oração, convivência, formação e partilha promovidos pela Região, contando também com a participação das Irmãs Palotinas. Entre as iniciativas desenvolvidas, mencionou a celebração do Oitavário da Epifania e das principais festas palotinas, como o Dia de São Vicente Pallotti, a memória da Beata Elisabetta Sanna, dos Mártires Palotinos e de Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos.

Ressaltou ainda a atuação da Juventude Palotina que, ao final de 2025, por meio do empenho de seus jovens, conseguiu incluir São Vicente Pallotti no estatuto arquidiocesano da juventude, em Niterói, como patrono da Juventude do Vicariato Oceânico. Mencionou ainda a realização anual, no dia 21 de abril, de um encontro formativo com momentos de oração, música, reflexão e partilha, bem como o Festival Palotino, realizado no mês de setembro, com o objetivo de promover e difundir o carisma do nosso Pai Fundador.

2. Partilha da Formação, Secretaria, Comunicação e Financeiro

O Pe. Valdeci Antônio de Almeida, SAC, responsável pela Formação da UAC, apresentou a recente aprovação do Itinerário de Formação, que agora poderá ser realizado ao longo de um ano, organizado em quatro módulos, com textos e vídeos disponibilizados quinzenalmente. Ao término da formação, os participantes receberão certificado emitido pela FAPAS, iniciativa que reforça o compromisso da União com a formação permanente e o aprofundamento do nosso carisma.

O momento de escuta e partilha favoreceu um conhecimento mais próximo das diferentes realidades das comunidades consagradas, seus avanços, desafios e perspectivas no fortalecimento da União do Apostolado Católico em todo o Brasil. As reflexões e experiências partilhadas evidenciaram a riqueza e a diversidade das iniciativas desenvolvidas nas diferentes regiões, abrangendo a espiritualidade, a formação, o apostolado e a promoção da vida comunitária, por meio de projetos de evangelização, ações missionárias, acompanhamento junto às comunidades, incentivo à juventude e outras experiências que vêm contribuindo para difundir e aprofundar, cada vez mais, o carisma de São Vicente Pallotti nas diversas realidades locais.

Em seguida, os participantes foram divididos em cinco grupos de trabalho para refletirem sobre temas centrais para a caminhada da União do Apostolado Católico: o fortalecimento da UAC, a importância das mídias para a expansão do carisma palotino, o significado do Encontro Nacional realizado em Palotina em 2025 e a relevância do Compromisso Apostólico para a vivência da missão e o fortalecimento da identidade da União.

Os momentos de reflexão e discernimento favoreceram uma rica troca de experiências e evidenciaram a necessidade de ampliar os processos formativos, especialmente para leigos, pa-

roquianos, padres e seminaristas, investindo em metodologias diversificadas, formação por pastorais, retiros, conteúdos mais aprofundados sobre o carisma e iniciativas que apresentem, de forma concreta, a vivência da UAC nas diferentes realidades. Também foi ressaltada a importância de preparar novas lideranças, fortalecer o senso de pertença e promover uma participação cada vez mais ativa dos membros da União nas ações evangelizadoras da Igreja.

Outro ponto amplamente destacado foi a comunicação e os desafios da evangelização nos tempos atuais. Entre os encaminhamentos apresentados esteve a necessidade de fortalecer a presença da UAC nos meios digitais, ampliar a divulgação das atividades realizadas em todo o país, favorecer uma comunicação mais próxima, missionária e formativa, incentivar o envio de conteúdos pelos Conselhos Locais, promover maior engajamento dos membros nas redes sociais da UACBR e investir na profissionalização das mídias, reconhecendo sua relevância para difundir e tornar o carisma palotino cada vez mais conhecido.

Entre as perspectivas para o futuro, surgiram propostas voltadas à preparação do Jubileu de 2035, incluindo iniciativas celebrativas, formativas e missionárias que favoreçam a memória e a difusão do carisma de São Vicente Pallotti, bem como sugestões para fortalecer a identidade palotina, incentivar a realização do Oitavário da Epifania em mais comunidades, ampliar encontros regionais e nacionais, promover visitas e acompanhamento às comunidades locais e favorecer maior unidade na diversidade das diferentes realidades presentes no Brasil.

As partilhas reforçaram ainda a importância do Compromisso Apostólico como expressão concreta de pertença e formalização da vida apostólica, incentivando uma vivência mais consciente do carisma e da missão da UAC. Também foram ressaltadas a corresponsabilidade financeira, a transparência na gestão dos

recursos e a contribuição dos dons de cada membro para a continuidade das ações da União. O Encontro Nacional em Palotina foi igualmente recordado como um importante marco de comunhão e fortalecimento da caminhada da UAC, especialmente no contexto pós-pandemia, favorecendo reencontros, partilhas e a experiência concreta do carisma vivido nas diversas regiões do país.

Também foram apresentados os relatórios do triênio 2023–2026. A então secretária, Sra. Claudia Medianeira da Costa Gomes Athayde, destacou as principais ações realizadas pelo Conselho Nacional, os encontros promovidos, os avanços na comunicação, a participação em assembleias e congressos, bem como os desafios enfrentados ao longo do período. Entre os destaques, recordou as publicações realizadas pelos membros do Conselho Nacional na Revista Rainha, no Informativo Palotino e no Apóstolos Hoje, contribuindo para a difusão do carisma e da espiritualidade palotina. Ressaltou ainda a significativa participação dos membros da UAC na Assembleia Geral da União do Apostolado Católico, realizada em Frascati, Roma, em 2025, momento importante de comunhão, representação e fortalecimento dos vínculos com a caminhada internacional da União.

Na sequência, a Sra. Renata Franco de Araújo apresentou o relatório encaminhado pelo Pe. José Luiz Alves da Silva Junior, SAC, referente aos trabalhos desenvolvidos pela Equipe de Comunicação, evidenciando o impacto significativo das ações na divulgação da UAC e no fortalecimento de sua presença nos meios digitais. Entre as perspectivas apontadas para o futuro, destacaram-se sugestões como o apoio profissional para o aprimoramento da identidade visual e das estratégias de comunicação, a criação de um banco nacional de imagens, a reformulação do site e uma maior integração com a Juventude Palotina, entre outras iniciativas. O trabalho desenvolvido pela equipe foi amplamente reconhecido e avaliado de forma positiva pelos participantes.

Os aspectos relacionados à organização financeira da União foram apresentados pelo tesoureiro, Sr. Thiago Silva Rodrigues Legal, reforçando a importância da corresponsabilidade, da transparência e do compromisso dos membros para a continuidade das ações da UAC do Brasil.

O Sr. Marlon José Higino da Roza também apresentou um relatório elaborado a partir das respostas obtidas por meio de um questionário, com o objetivo de oferecer subsídios ao novo Conselho Nacional para o discernimento e o planejamento das ações do próximo triênio.

O Pe. Gilberto Antônio Orsolin, SAC, Vice-presidente do Conselho de Coordenação Geral da União do Apostolado Católico, enfatizou a importância de viver a Assembleia em espírito de sinodalidade, caridade e discernimento. Em sua reflexão, recordou o convite feito pelo Dicastério para os Leigos, a Família e a Vida, durante a Assembleia Geral, para que se aprofundasse a reflexão sobre formas de promover uma maior corresponsabilidade na missão e na governança, buscando caminhos concretos para fortalecer o espírito de comunhão, a igual dignidade e a representatividade dentro da União do Apostolado Católico.

3. Novo Conselho Nacional da UAC

Um dos momentos mais significativos da Assembleia Nacional foi a eleição do novo Conselho Nacional da União do Apostolado Católico para o triênio 2026–2029, vivida em espírito de oração, discernimento e responsabilidade. A escolha dos novos membros reafirmou o compromisso da UAC com a continuidade da missão evangelizadora e a promoção do carisma palotino em todo o país.

O novo Conselho Nacional ficou assim constituído:

- Presidente: Sra. Claudia Medianeira da Costa Gomes Athayde (Santa Maria – RS)
- Vice-presidente: Pe. Bruno Bauer Corrêa da Cruz, SAC (Niterói – RJ)
- 1ª Secretária: Sra. Daiane da Paz (Arapongas – PR)
- 2ª Secretária: Ir. Maria do Espírito Santo da Silva, SAC (Timbiras – MA)
- Tesoureiro: Sr. Thiago Silva Rodrigues Legal (Campo Grande – MS)
- Conselheira: Ir. Adriana Soares Pires, CSAC (Porto Alegre - RS)
- Conselheira: Sra. Dayse da Conceição Barros da Conceição (Manaus – AM)
- Conselheiro: Pe. Jonas Gabriel Vilela Santos, SAC (Campo Grande – MS)
- Conselheiro: Sr. Marlon José Higino da Roza (Curitiba – PR)

Compõem ainda o Conselho, como membros *ex officio*, o Pe. Valdeci Antônio de Almeida, SAC, em Curitiba (PR), e também o Pe. Gilberto Antônio Orsolin, SAC, de Porto Alegre (RS), Vice-presidente do Conselho de Coordenação Geral da UAC.

Após a eleição, seguindo os protocolos institucionais da União do Apostolado Católico, foi encaminhado à Sra. Gabriella Acerbi, Presidente do Conselho de Coordenação Geral da UAC, o pedido de aprovação da presidente eleita e do novo Conselho Nacional da UAC no Brasil. A carta de aprovação foi recebida com alegria no dia 1º de abril de 2026, confirmando oficialmente o novo período de serviço e animação da União no país.

Como horizonte para este novo triênio, o Conselho Nacional assume como proposta principal promover uma maior

cooperação entre os membros da União e a presidência, favorecendo o surgimento e a preparação de novas lideranças para a continuidade da missão da UAC no Brasil, bem como o fortalecimento de iniciativas voltadas à juventude.

Encerrando os trabalhos do segundo dia, os participantes reuniram-se na Capela para um momento de espiritualidade, conduzido pela Ir. Cleusa Maria Casarin, CSAC, favorecendo um clima de oração, comunhão e renovação do compromisso apostólico.

No dia 22 de março, após a celebração da Santa Missa junto à comunidade, presidida pelo Pe. Antônio Júnior Diogo, SAC, os participantes dirigiram-se à sala de encontros, onde a Ir. Maria do Espírito Santo da Silva, SAC, juntamente com o Sr. Romário Reis, apresentaram o relatório e a prestação de contas referentes ao investimento realizado pela UAC Internacional na região da Amazônia. O recurso foi destinado à Comunidade Terapêutica Mãe do Divino Amor, em Codó (MA), voltada ao acolhimento e tratamento de pessoas em situação de dependência química.

Na sequência, o Pe. Antônio Júnior Diogo, SAC, apresentou oficialmente o novo Conselho Nacional da UAC e conduziu um momento especial de agradecimento aos membros presentes na Assembleia. Em gesto de fraternidade e reconhecimento, entregou uma lembrança aos participantes, expressando gratidão pelo apoio, parceria e caminhada compartilhada durante o período em que esteve à frente da presidência do Conselho Nacional da UAC (2023–2026).

A Assembleia foi concluída com a oração de envio, conduzida pela Ir. Cleusa Maria Casarin, CSAC, confiando ao Senhor os caminhos do novo triênio e renovando o compromisso missionário dos membros da União.

Mais do que um momento de organização e decisões, a Assembleia Nacional constituiu-se como um verdadeiro tempo de graça, comunhão e renovação do ardor apostólico. Fortalecidos pela convivência fraterna, pela oração e pela escuta mútua, os participantes retornaram às suas realidades renovados no compromisso de reavivar a fé, reacender a caridade e viver, em unidade, o apostolado católico, para a maior glória de Deus e a salvação dos irmãos.

O mais precioso ato de misericórdia
consiste na preocupação pela
salvação das almas.

São Vicente Pallotti



A COLABORAÇÃO DAS ENTIDADES E ENTRE AS ENTIDADES: UMA REFLEXÃO E UMA ESCUTA ABERTA

Daniel Luz Rocchetti¹

Introdução

A última Assembleia Geral, realizada em 2022, promulgou um **Decreto – a letra i** – no qual se solicita a apresentação de Diretrizes para os contratos de colaboração. Eis o texto, de particular relevância:

“Para uma melhor prática da colaboração entre as entidades palotinas, dispõe-se de um documento que regule tal colaboração: preparação dos Confrades, compromisso com políticas claras para a proteção de menores e pessoas vulneráveis, duração e dissolução do contrato, etc.”

Por este motivo, iniciamos o nosso momento dedicado ao tema da Colaboração com uma breve reflexão linguística: **de- termos sobre as palavras, seus significados e suas implicações.**

1. Padre Palotino. Membro do Conselho Geral da Sociedade do Apostolado Católico. Palestra proferida durante o XV Encontro dos Superiores Maiores da Sociedade do Apostolado Católico, realizado de 13 a 18 de abril de 2026, em Friedberg, Alemanha, com o objetivo de refletir, discernir e projetar os caminhos da missão palotina.

Não se trata de um simples exercício intelectual, mas de um modo de entrar no coração do tema que nos foi confiado.

No universo da fé cristã – e, de modo particular, no nosso mundo palotino – os termos cooperação e colaboração não são apenas categorias técnicas ou administrativas: são expressões de uma visão de Igreja, de missão e de relação.

1. Cooperação e colaboração: distinções necessárias

De modo simples e imediato, como poderíamos definir essas duas palavras, tão familiares e ao mesmo tempo tão densas de significado? Apresentamos uma síntese comparativa que ajuda a compreender, de modo claro e operativo, a diferença entre *cooperação* e *colaboração* – distinção fundamental para o nosso discernimento institucional e carismático:

Aspecto	Cooperação	Colaboração
Definição	Trabalhar juntos para um fim comum, oferecendo ajuda recíproca	Trabalhar juntos de modo integrado, com construção de ideias, processos e decisões
Etimologia	“trabalhar com”	“trabalhar juntos”, com ênfase na criação comum
Interdependência	Moderada: cada parte pode executar tarefas relativamente independentes	Alta: o resultado depende da interação contínua
Comunicação	Pontual, orientada a tarefas e resultados	Constante, reflexiva, aberta, dialogal
Objetivo típico	Cumprir etapas, sustentar processos, somar esforços	Resolver problemas complexos, inovar, gerar algo novo em conjunto

No cotidiano, os dois termos podem ser usados como sinônimos sem criar confusão. Mas, em contextos formativos, pedagógicos, institucionais ou de gestão, a escolha da palavra comunica uma intenção precisa: **colaboração implica co-criação e corresponsabilidade; cooperação indica ajuda, apoio, partilha de tarefas.**²

1.1 A colaboração divino-humana: “Ele chamou e enviou aqueles que Ele quis”

Cremos que a manifestação do Reino acontece sempre na sinergia divina-humana: Deus age por pura Graça, mas o próprio Cristo, que inaugura o Reino, chama, envia, confia, pede ajuda, envolve a humanidade na sua própria missão. Ele envia “aqueles que Ele quis” (Mc 3,13) para que vão onde Ele mesmo deveria ir. **Há, portanto, um dinamismo de corresponsabilidade que atravessa toda a vida apostólica da Igreja, querida propriamente por Nosso Senhor.**

1.2 A intuição palotina: a colaboração como princípio fundador

É precisamente aqui que a visão de São Vicente Pallotti se torna decisiva. Muito antes de a teologia contemporânea falar de sinodalidade, corresponsabilidade ou missão partilhada, **Pal-**

2. No contexto linguístico de matriz latina (isto é, as línguas italiana, francesa, portuguesa e espanhola), termos como cooperar e colaborar são geralmente compreendidos dentro de uma gradação semântica que distingue, de modo relativamente estável, a participação conjunta e convergente (cooperar) da participação ativa, intelectual ou estratégica (colaborar), a qual pode assumir nuances políticas, institucionais ou até jurídicas. Essa distinção, porém, não é universal: em outros contextos linguísticos e culturais, as mesmas palavras – ou seus equivalentes – podem adquirir significados diferentes, deslocados ou até opostos, por razões históricas, sociopolíticas ou pragmáticas. Assim, aquilo que na tradição latina aparece como uma diferenciação clara entre contribuir juntos e participar ativamente, em outros sistemas semânticos pode ser reorganizado segundo prioridades, valores ou experiências diversas, mostrando que o significado das palavras nunca é totalmente fixo, mas sempre situado.

lotti intuía que a evangelização não é obra de indivíduos isolados, mas de um povo inteiro chamado a cooperar na difusão da fé. Ele insiste que todos os batizados – clérigos, religiosos, leigos, homens e mulheres – são convocados a participar ativamente da missão apostólica. Para Pallotti, a colaboração não é uma estratégia, mas uma dimensão constitutiva da identidade apostólica.

No carisma palotino, colaborar não é apenas “trabalhar juntos”, mas reconhecer o outro como necessário, como portador de dons que eu não possuo, como parceiro indispensável na obra de Deus. **A colaboração é a expressão concreta de uma Igreja viva, dinâmica, missionária, na qual cada vocação contribui para a construção do Reino.**

1.3 A importância de definir os termos: linguagem, contrato e encontro

Antes de falar de colaboração, é necessário **nomear, definir, codificar e convencionar os significados.** Sem isso, não existe discurso comum, não é possível estabelecer um contrato, nem se constrói uma relação sólida. Para que duas partes se compreendam, precisam compartilhar códigos mínimos. Não existem pressupostos automáticos. **Isto é a teoria da linguagem.**

O outro com quem dialogo – vindo de outro país, outra cultura, outra língua ou outra geração – não pensa como eu, não interpreta como eu, não carrega os mesmos símbolos que eu carrego. Mesmo dentro de um mesmo país, as diferenças geracionais criam universos linguísticos distintos. Por isso, **a clareza conceitual não é um luxo:** é condição de possibilidade para todo encontro autêntico.

1.4 A colaboração na SAC: luzes, sombras e expectativas

Ao refletirmos sobre a colaboração no âmbito deste Congresso Consultivo, emergiram dois paradoxos. O primeiro: existe **vasta literatura** sobre o tema, trabalhada durante anos nas Assembleias Gerais e nos Congressos Consultivos³, mas a experiência atual parece enfraquecida.

O segundo paradoxo é que, por um lado, podemos enumerar uma **série rica e concreta de experiências positivas de colaboração** entre as jurisdições.

- períodos introdutórios comuns, que favorecem o conhecimento recíproco e a integração;
- casas de formação partilhadas, sinal de confiança e corresponsabilidade;
- intercâmbio de professores e formadores, que enriquece os percursos educativos;
- missionários enviados a outras entidades, em espírito de disponibilidade e serviço;
- confrades que, ao chegarem a um determinado país, colocaram-se plenamente à disposição, chegando a assumir encargos dentro da jurisdição;
- encontros continentais e processos conjuntos, que alimentam uma visão comum e caminhos unitários.
- Mas, ao mesmo tempo, a lista dos fracassos é mais ampla e mais dolorosa:
- *fechamento de comunidades* e pouca disponibilidade para abrir-se a formas concretas de ajuda;
- *envio ao exterior de membros em dificuldade*, sem um adequado discernimento pessoal e comunitário;

³ No **Anexo 1** encontra-se uma compilação de extratos provenientes dos documentos finais de diversas Assembleias Gerais e Congressos Consultivos que trataram do tema da colaboração.

- *preparação insuficiente*, tanto por parte de quem acolhe quanto de quem chega a uma nova jurisdição;
- *falta de clareza nas responsabilidades contratuais e nos compromissos recíprocos*;
- *colaborações motivadas quase exclusivamente por razões econômicas*;
- *intenções não retas por parte de alguns confrades que partem para uma colaboração*;
- *acolhida deficiente e, em alguns casos, abandono de confrades distantes do próprio país de origem*;
- *interrupção dos contratos com a mudança do Superior, sem continuidade nem critérios partilhados*;
- *resistências culturais por parte das realidades que recebem o colaborador*;
- *preconceitos que ferem a fraternidade e impedem uma autêntica comunhão*.

Mesmo **dentro das nossas entidades** – isto é, das diversas Províncias e Regiões – podem surgir as mesmas dificuldades, sobretudo quando convivem grupos com ideias, sensibilidades, etnias ou proveniências nacionais diferentes, e quando tais diferenças correm o risco de fechar as pessoas ao auxílio mútuo.

A soma desses fatores alimenta a tentação de renunciar, de fechar-se, de evitar novos riscos. **Mas será realmente esse o caminho?**

Pelas contribuições enviadas nos relatórios preparatórios, a resposta é clara: **há forte expectativa e desejo de colaboração**. Entre as sugestões apresentadas, destacam-se:

- Na nossa experiência regional, foi muito importante e de grande ajuda a intervenção do Conselho Geral no processo de colaboração. É importante manter esse serviço;

- Colaboração entre as Entidades para uma melhor compreensão entre elas;
- Ajudar a estabelecer contatos entre confrades de diferentes províncias que trabalham em um determinado país (isso serviria para fortalecer a identidade palotina, promover a integração e possibilitar apoio mútuo);
- Acreditamos que a cooperação internacional precisa ser melhor coordenada. Pode-se ter a impressão de que, principalmente e exclusivamente, fatores econômicos são a força motriz por trás do envio dos confrades;
- Propomos a criação de um programa internacional integrado de formação no âmbito dos estudos teológicos. Candidatos de diferentes Províncias deveriam ser formados juntos em casas comuns, favorecendo a unidade e a colaboração intercultural;
- Instituição de um Colégio Internacional (casa formativa comum) para a formação dos candidatos (filosofia/teologia) em Roma;
- A criação de um Fundo Internacional e de uma plataforma mundial favorece uma cultura de corresponsabilidade. Não se trataria apenas de um apoio financeiro ou organizacional, mas de uma expressão concreta da comunhão fraterna entre as diferentes entidades da Sociedade;
- Cooperação interjurisdicional: reforçar, acompanhar e apoiar o espírito de colaboração, promovendo e incentivando a presença de confrades provenientes de jurisdições com maior número de vocações nas regiões ou províncias com número reduzido de membros.

Para a nossa Sociedade, a colaboração é a urgência do presente e exigência vital do nosso carisma: **algo constitutivo da nossa identidade palotina**.

1.5 A dimensão institucional e prática dos contratos de colaboração

Para que a colaboração seja fecunda, precisa ser **institucionalizada**: estruturas claras, estáveis e transparentes; **vocabulário comum**; responsabilidades definidas. O Modelo de Convenção aprovado em 2010⁴ permanece pouco conhecido e já está superado. É necessário retomá-lo, atualizá-lo e rerepresentá-lo.

Hoje podemos pensar, por exemplo, que um novo **modelo de Convenção de Colaboração** entre jurisdições palotinas deveria incluir ao menos os seguintes elementos (trata-se apenas de um exemplo):

1. Clareza dos objetivos

- Por que existe esta colaboração?
- A que necessidade concreta responde?
- Quais frutos se esperam para ambas as partes?

2. Definição das responsabilidades

- Quais tarefas competem à jurisdição que envia?
- Quais tarefas competem à jurisdição que acolhe?
- Quais são os limites da ação do colaborador?

3. Critérios de escolha do colaborador

- Perfil humano, espiritual e pastoral adequado.
- Discernimento prévio e transparente.
- Motivação reta, clara e comprovada.

4. No **Anexo 2** encontram-se o Modelo de Convenção já existente desde 2010 e um percurso destinado a favorecer o discernimento, o diálogo e a construção partilhada de uma Convenção entre Províncias/Regiões, a partir da reflexão sobre a colaboração no contexto deste Congresso Consultivo.

4. Acompanhamento e avaliação

- Quem acompanha o colaborador?
- Com que periodicidade?
- De que modo se avalia o andamento da colaboração?

5. Tutela e cuidado recíproco

- Garantias de acolhida, alojamento, saúde, salários, integração cultural.
- Mecanismos para a resolução de conflitos.
- Procedimentos para um eventual retorno.

6. Duração e renovação

- Tempo determinado.
- Critérios para renovação ou conclusão.
- Evitar descontinuidades causadas por mudanças de governo.

7. Integração carismática

De que modo a colaboração expressa o carisma palotino?

Como favorece a missão comum?

Como reforça a União do Apostolado Católico?

8. Outros temas

- Apoio econômico à comunidade de origem.
- Contribuição às missões como forma de reciprocidade por parte do colaborador.
- Sensibilização e formação sobre a proteção de menores e pessoas vulneráveis.
- Outros aspectos.

Sem esses elementos – **pensados, refletidos, dialogados e acordados entre as partes envolvidas** – a colaboração corre o risco de transformar-se em improvisação, favor pessoal, solução de emergência ou, pior ainda, **fonte de sofrimento e frustração**.

Considerações finais

A arte do encontro, a arte da colaboração: por que insistir? Vale a pena insistir na colaboração?

À luz do Evangelho, da vida comunitária palotina e da experiência humana, a resposta é: **sim**. A colaboração exige esforço, paciência e clareza, mas ela vivifica, renova e abre ao futuro. O fechamento gera morte; a autossuficiência também.

Retomando a distinção inicial: **cooperação fala de tarefas; colaboração fala de co-criação**. Talvez seja hora de mudar a linguagem e pensar mais em colaboração, que traz em si a tensão fecunda do novo que nasce do encontro.

Dois poetas brasileiros iluminam este ponto:

Mário Quintana: *“A arte de viver é simplesmente a arte de conviver... simplesmente, eu disse? Mas como é difícil!”*

Vinicius de Moraes: *“A vida é a arte do encontro, embora haja tanto desencontro na vida.”*

Ambos falam de arte – e a arte exige disciplina, trabalho e dedicação.

A arte de viver é a arte de encontrar-se e conviver. E a colaboração, mais do que a cooperação, é exatamente isso: a arte de encontrar-se para que a vida

– pessoal, comunitária e missionária – possa florescer.

Sim, há uma opção pela vida. E, por isso, vale a pena abrir-se à **Colaboração!**

Referências bibliográficas

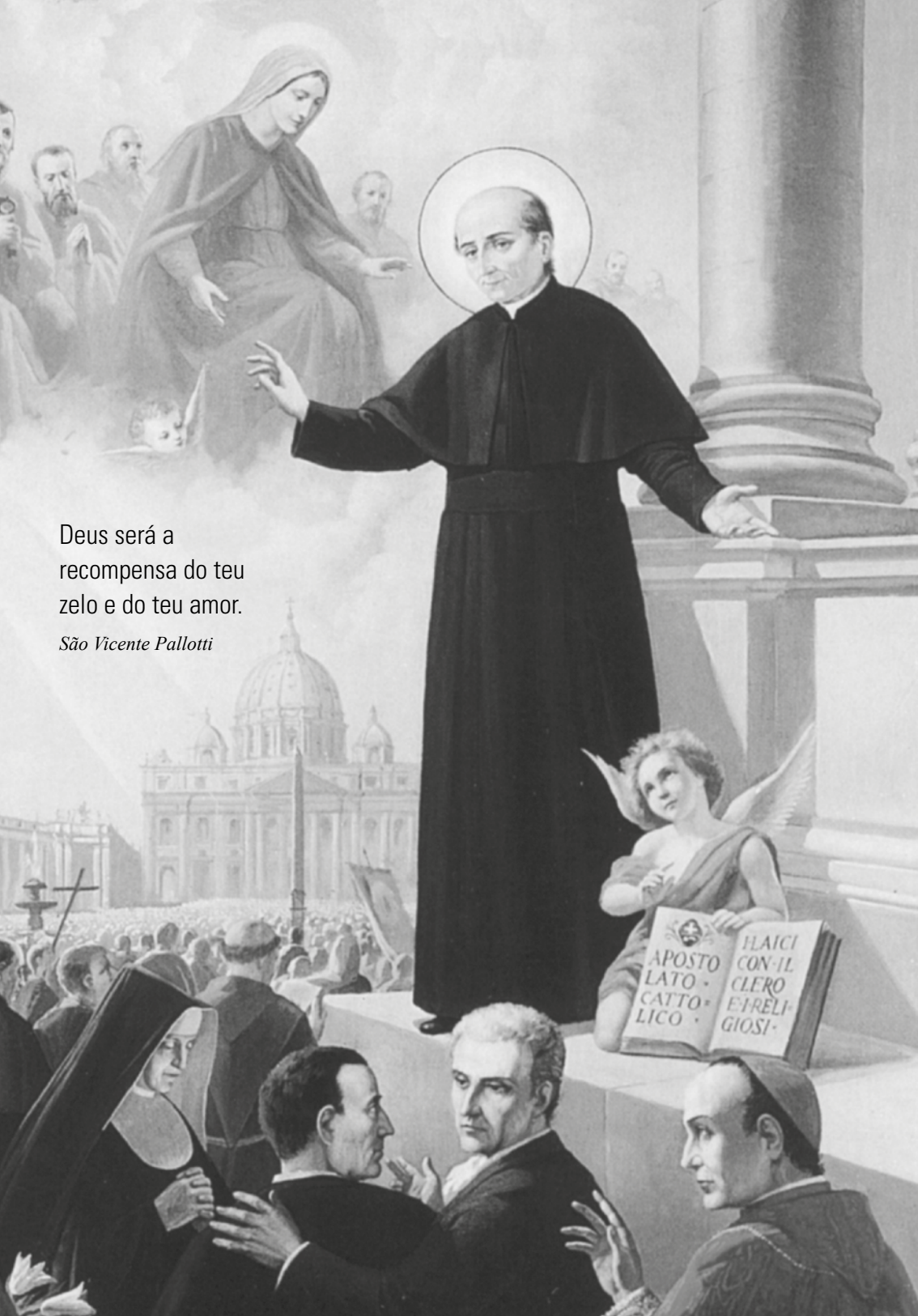
SCUOLA REPUBBLICA. **Collaborazione e cooperazione**. Roma: Gruppo Editoriale GEDI, 2021. Disponível em: <https://scuola.repubblica.it/static/scuola.repubblica.it/toscanafirenzelsilpontormo/index.html?p=12948.html>.

SHIFTON. **Collaborazione vs cooperazione**. Dubai: Shifton, 2025. Disponível em: <https://shifton.com/it/blog/collaborazionevscooperazione/mayo2026>.

MOURA, Maria Teresa Jaguaribe de; BACURY, Sarah Maria de Almeida; FERREIRA, Cristiane de Oliveira. Colaborar ou cooperar? Diz espelho meu. **Revista de Inovação e Alternância em Educação**, v. 25, n. 3, p. 1–18, 2019. Disponível em: http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-77352019000300014.

TRECCANI. Collaborare. In: **Vocabolario della lingua italiana**. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana Treccani, 2024. Disponível em: <https://www.treccani.it/vocabolario/collaborare/?search=collaborare>.

TRECCANI. Cooperare. In: **Vocabolario della lingua italiana**. Roma: Istituto della Enciclopedia Italiana Treccani, 2024. Disponível em: <https://www.treccani.it/vocabolario/cooperare/?search=cooperare>.



Deus será a
recompensa do teu
zelo e do teu amor.

São Vicente Pallotti



O PERFIL PALOTINO NO APOSTOLADO

Daniel Luz Rocchetti¹

Introdução

O fundamento mais profundo, a base para compreendermos um perfil palotino no apostolado, é a própria revelação de um Deus que vem ao encontro da humanidade (princípio missiológico) e de um Deus que é Amor Infinito (princípio bíblico-palotino). Desde o início, a espiritualidade palotina se enraíza em uma dupla experiência de Cristo como Apóstolo do Pai: primeiro a Sua vida e entrega revelam este Deus que sai de si, que se move, por causa de Sua essência como Amor Infinito; e segundo, porque a Sua vida e entrega revelam a vocação própria do ser humano, criado à imagem e semelhança do Amor Infinito. Portanto, a reflexão sobre o apostolado não pode ser reduzida a um conjunto de práticas ou atividades, mas deve ser compreendida como participação na própria vida e missão de Cristo, Apóstolo do Eterno Pai.

1. Padre Palotino. Doutor em Missiologia pela Pontifícia Universidade Urbaniana de Roma. Atualmente é membro do Conselho Geral da Sociedade do Apostolado Católico. Nesta responsabilidade, assumiu também a animação do Secretariado Geral para as Missões, além da Direção do Instituto Pallotti de Roma.

O Deus Infinito, o Deus Trinitário, o Deus Amor Misericordioso é infinitamente difusivo. Deus se comunica: “Meu Deus, Misericórdia minha infinita, Eterno, Imenso, Incompreensível, único e só Infinito, infinitamente comunicável” (OCCC X, 513). Esta comunicabilidade divina constitui uma força explosiva na espiritualidade do Fundador (*Ratio Institutionis*, 82).

Dito isto, acrescenta-se que o carisma de Vicente Pallotti apresenta uma intuição original e profundamente eclesial: todos são chamados ao apostolado. Essa perspectiva rompe com visões restritivas e clericalizadas, abrindo espaço para uma compreensão universal e dinâmica da missão. Assim, o apostolado torna-se expressão do ser cristão, vivido no cotidiano e nas múltiplas dimensões da vida.

1. Fundamento cristológico do apostolado

O fundamento cristológico do apóstolo segundo São Vicente Pallotti destaca que tudo nasce da experiência do amor de Deus revelado em Cristo. A partir dessa base, torna-se possível compreender que o dinamismo apostólico não é apenas uma resposta humana, mas uma participação na própria ação salvífica divina. É o que lemos nas Leis da Sociedade do Apostolado Católico:

O espírito no qual vivem todos os membros da nossa Sociedade bebe sempre novo ardor do amor que Cristo trouxe à terra. Apóstolo do Pai Eterno, Ele revelou ao mundo que Deus é o Amor Infinito e chama o ser humano – criado originalmente à imagem de Deus e regenerado pela graça através de sua morte – a doar-se sem reservas a Deus, ao serviço do próximo e a cooperar para a salvação dos irmãos e irmãs (LSAC 10).

Jesus Cristo é o coração pulsante e a fonte de todo o apostolado e de toda a missão. O impulso apostólico não é uma simples estratégia organizativa, mas um transbordamento da experiência de fé; é fruto daquele encontro pessoal com Ele e que impulsiona a compartilhar a Sua Boa Nova, tornando conhecido o Seu Amor e Sua Misericórdia (cfr. RM 4).

A imagem predominante de Jesus Cristo, como Apóstolo do Eterno Pai, confere a espiritualidade palotina, comum aos padres e aos irmãos, às irmãs e aos leigos uma marcante característica apostólica e um forte dinamismo. Estas reflexões levam a dois importantes resultados:

O seguimento de Jesus Cristo é inseparável da participação em sua missão de salvar os homens. Assim como todos são chamados ao seguimento, assim também todos recebem uma missão apostólica.

A concepção que Vicente Pallotti tem do apostolado jamais pode restringir-se à atividade pastoral. Antes, expressa-se no modo de viver palotino, que é um ‘estar para os outros’, isto é, uma ‘ex-sistência’, um existir aberto aos outros e para os outros, conforme a vida de Cristo, que não veio para ‘viver para si mesmo’, mas para dar sua vida por muitos. Com esta interpretação nosso Fundador uniu vida contemplativa e vida ativa, vida espiritual e apostolado (O Apostolado da Sociedade, 1989, par. 10).

A partir deste fundamento, compreende-se que o seguimento de Cristo não é uma experiência intimista ou isolada, mas necessariamente apostólica. Ao reconhecer Jesus como modelo e fonte de todo apostolado, compreende que aqueles que O seguem são também enviados. Esta é uma dimensão essencial do discípulo cristão: não existe separação entre ser discípulo e ser apóstolo. Ambos pertencem à mesma identidade, à mesma graça, ao mesmo movimento de Cristo que chama e envia.

Tal unidade exige uma verdadeira conversão de mentalidade: a vocação cristã deve ser percebida como intrinsecamente missionária, sempre orientada para a salvação e o bem dos outros. Assim como o seu Mestre e Salvador, o cristão é chamado a uma vida de pró-existência, uma existência que não se fecha em si, mas se abre generosamente ao outro.

O caminho espiritual palotino torna-se, então, um itinerário de passagem: do discípulo-que-recebe ao apóstolo-que-doa; daquele que aprende àquele que serve; daquele que acolhe a vida de Cristo àquele que a entrega, gastando-se por amor. É neste dinamismo que o seguimento se transforma em missão e a missão se torna expressão madura do seguimento.

1.1 Identidade apostólica palotina

Esse fundamento ilumina também a vida do fiel cristão pois, seguindo Cristo Apóstolo e participando de Sua vida apostólico-missionária, ele assume uma vida aberta e dedicada ao outro. Por isso, a participação no Apostolado Católico é possível a qualquer pessoa e todos são chamados a participar. A universalidade do apostolado reforça a dignidade e a responsabilidade de todos os batizados.

O Apostolado Católico é universal, isto é, um apostolado ao qual todos os batizados são chamados. Servindo-se da linguagem do seu tempo, Vicente Pallotti exprime do seguinte modo a sua intuição: “O Apostolado Católico, isto é, universal, porque comum a toda a classe de pessoas, é fazer quanto cada um pode e deve pela maior glória de Deus e pela salvação própria e dos outros”. Nesta concepção do apostolado, todos os batizados, sem nenhuma exceção, são chamados a colaborar para a missão salvífica da Igreja, em todas as circunstâncias da vida, seja no serviço imediato a Igreja seja estando no mundo (O Apostolado da Sociedade, 1989, par. 2).

Assim, a intuição carismática palotina permite afirmar com clareza que o apostolado não pertence primariamente à esfera do fazer, mas do ser. Antes de realizar alguma atividade apostólica, o palotino é um apóstolo no Apóstolo do Eterno Pai! Sua identidade nasce da participação batismal na própria vida de Jesus Cristo, tornando-o colaborador real da ação salvífica do Senhor. Por isso, o apostolado não é apenas um conjunto de obras, mas a expressão de uma existência configurada a Cristo. Essa visão tem importantes consequências práticas e pastorais, pois convida cada pessoa, independentemente de sua condição, a reconhecer-se como sujeito ativo na missão da Igreja.

1.2 Universalidade do apostolado

Essa perspectiva ainda abre um horizonte mais amplo e mais belo: se o apostolado brota do ser, então todos os batizados – e, numa visão ainda mais profunda, todo ser humano criado à imagem e semelhança do Deus Amor Infinito – podem participar do Apostolado Católico. A reflexão de Pallotti desloca o centro de gravidade do apostolado: não se trata de acumular tarefas, mas de deixar que a vida inteira se torne disponibilidade, comunhão e serviço.

Assim, o carisma palotino sintetiza sua identidade apostólica na primazia do ser sobre o fazer. Essa prioridade impede reducionismos funcionalistas e garante que cada ação apostólica seja fruto autêntico de uma vida unida a Cristo, e não mero ativismo. O apostolado torna-se, então, não um momento, mas uma forma de existir: uma presença que evangeliza, uma caridade que se expande, uma fé que se traduz em doação cotidiana.

1.3 Obras como mediações do carisma

Se, por um lado, o apostolado é antes de tudo um modo de ser, por outro, ele se concretiza historicamente em atividades e obras. É nesse ponto que a reflexão da LSAC introduz critérios importantes para orientar a prática sem perder a profundidade do fundamento espiritual:

A Sociedade, ao perseguir o seu fim, serve-se de todos os meios que possam ser úteis para propagar, defender e aprofundar a vida cristã. Para isso, dá preferência às obras que mais correspondem às suas tarefas e àquelas para as quais é mais qualificada enquanto comunidade de sacerdotes e irmãos. Além disso, na escolha das atividades apostólicas, dá prioridade às que são mais urgentes para as necessidades da Igreja ou que são sugeridas pelas situações concretas dos lugares e dos tempos (LSAC 3).

Ou seja, para que todos participem do Apostolado Católico e para que se tornem Apóstolos no Apóstolo do Eterno Pai, a Sociedade realiza atividades. Aqui, então, se pode afirmar que ela **faz** apostolado.

Na apresentação de uma variedade de iniciativas, não se trata apenas de uma simples enumeração de atividades, mas da expressão concreta da criatividade e da vitalidade do carisma palotino ao longo da história. Cada obra revela a tentativa de responder, com sensibilidade e audácia, às necessidades humanas e eclesiais de cada tempo.

A nossa história - e também a nossa atualidade - testemunha essa fecundidade. Hoje, em diversos países e contextos, os membros palotinos atuam em múltiplas frentes:

- *Educação*: escolas apostólicas, creches, instituições de ensino básico e superior (privadas e sociais), orfanatos, projetos de contraturno escolar, educação musical, educação rural, atuação como professores.
- *Saúde*: ambulatórios, postos de saúde, acompanhamento de idosos e pessoas com deficiência, centros de cuidados paliativos, capelanias hospitalares.
- *Alimentação*: produção e distribuição de alimentos para populações vulneráveis.
- *Ação social*: acompanhamento psicológico, apoio a dependentes químicos e alcoólicos, acompanhamento aos encarcerados, projetos de reinserção social.
- *Comunicação*: gráficas (livros, revistas), websites, web rádios, canais online, centros de formação e difusão cultural.
- *Pastoral*: paróquias, casas de retiro, pregadores de retiros, santuários, capelanias militares, acompanhamento de famílias, jovens, leigos e diversos grupos comunitários.
- *Formação*: noviciados, seminários e casas de formação para religiosos e leigos.
- *Arte*: escolas de artes, pintores, escultores e iniciativas culturais que evangelizam pela beleza.
- *Missão ad gentes*: envio a fronteiras geográficas e culturais onde o Evangelho ainda é pouco conhecido ou pouco anunciado.

A riqueza dessa diversidade confirma que o essencial não está na obra em si, mas no espírito que a anima. Por isso, é necessário garantir que todas as iniciativas permaneçam fiéis à identidade e à missão do carisma. As ações e obras apostólicas estão a serviço da formação de apóstolos, do despertar de consciências, envolvendo todos, e co-responsabilizando todos para que cada batizado participe da construção do Reino de Deus.

1.4 Critérios de discernimento

A lista apresentada confirma o texto da Lei SAC 3 posteriormente citado: há uma variedade de atividades apostólicas possíveis para que o carisma palotino se desenvolva. É importante recordar os critérios que o mesmo parágrafo apresenta para a decisão e a realização destas obras:

- Obras que correspondem às tarefas próprias da SAC e para as quais a Sociedade é particularmente qualificada enquanto comunidade de sacerdotes e irmãos.
- Obras que respondem às necessidades mais urgentes da Igreja, oferecendo presença, serviço e criatividade onde o Povo de Deus mais necessita.
- Obras sugeridas pelas situações concretas dos lugares e dos tempos, ou seja, iniciativas que nascem da leitura atenta da realidade e da escuta sensível dos desafios humanos e pastorais de cada contexto.

Se o apostolado nasce do ser, então as obras devem sempre estar a serviço do carisma, e não o contrário. Por isso, as obras palotinas, em si mesmas, não diferem de tantas outras que poderiam ser conduzidas por qualquer instituição ou pessoa. O que lhes confere identidade não é a obra em si, mas o modo palotino de animá-la e conduzi-la. O que define uma obra palotina é o estilo com que ela é conduzida e é realizada, de modo que todos possam participar conscientemente, cada um segundo sua vocação e possibilidades, na edificação do Reino de Deus.

Este é um ponto decisivo ao falarmos de um perfil palotino no apostolado: o que distingue o agir palotino não é o que se faz, mas o como se faz. Trata-se de um estilo que busca envolver, animar e responsabilizar todos na missão, mantendo vivo o horizonte da participação universal no apostolado. Assim, cada atividade e qualquer obra torna-se espaço de comunhão, de

despertar vocacional e de colaboração efetiva, fiel ao sonho de Pallotti de mobilizar todas as forças vivas da Igreja.

1.5 Desafios contemporâneos

Contudo, hoje enfrentam-se desafios que ameaçam essa visão e realidade. Diante do que foi apresentado é interessante conhecer dois desafios para a vida palotina e seu apostolado hoje. O primeiro questiona os membros da família palotina diante do próprio fundamento da vida apostólica, ou seja, o seguimento de Nosso Senhor Jesus Cristo; já o segundo, denuncia um modo de realizar o apostolado que acaba empobrecendo-o.

1. O fundador insistentemente exortava dizendo que a Vida de Nosso Senhor Jesus Cristo deveria ser a vida de um palotino. Ele ensinava que o Apostolado Católico era a vida mesmo de Nosso Senhor. Logo, os palotinos colaboram no Apostolado Católico participando na vida de Nosso Senhor. E ele até ensinou a Memória Prática Cotidiana como fonte de exercício e de espiritualidade: moldar-se e configurar-se a Jesus.

Ora, se Nosso Senhor caminhava tanto, escolhendo situações árduas, indo às fronteiras e encontrando-se com as pessoas lá onde estavam, não seria este um critério tão interessante para identificar onde os palotinos deveriam estar e trabalhar? Será que os membros da Sociedade não são chamados a mover-se e chegar e viver nas fronteiras do mundo, sejam elas geográficas ou existenciais? Será que os palotinos estão naqueles lugares especiais onde Cristo Apóstolo estaria revelando o Amor Infinito?

De fato, a imagem de Cristo, Apóstolo do Eterno Pai, que vai ao encontro das pessoas, oferece um critério

concreto para o discernimento apostólico atual. Ela orienta a missão para além das estruturas consolidadas, convidando a Sociedade e a Igreja a uma presença mais dinâmica e mais profética.

2. Há uma tendência de ‘paroquialização’ de nossas atividades. E por causa deste processo, há uma tendência à ‘diocesanaização’ da vida consagrada.

Ou seja, ao mesmo tempo que, pela necessidade das Igrejas Locais se estão assumindo paróquias em detrimento de novas obras apostólicas, aos poucos vai acontecendo um tipo de conformação à vida diocesana e ao seu plano pastoral. Em muitos casos, este plano não respeita e não acolhe a diversidade dos carismas religiosos. É frequente ouvir que ‘a diocese tem um plano pastoral e que todas as paróquias devem segui-lo’.

Este desafio aponta para dois riscos: o primeiro é o mais grave e é a perda da identidade carismática do membro consagrado palotino a serviço da paróquia, pois ele corre o risco de perder o vínculo comunitário (e aqui, corre-se o risco da perda do membro); e o segundo é uma consequência do primeiro, pois ao perder a identidade carismática diante de processos de uniformização pastoral, não se consegue criar um ambiente favorável paroquial para fazer florescer o ‘perfil palotino do apostolado’. E a paróquia, infelizmente, acaba se tornando uma como as outras.

1.6 Chamado à criatividade apostólica

Na história da Sociedade, as obras apostólicas cresceram e se diversificaram amplamente. De fato, tudo o que foi realizado

- e tudo o que ainda pode ser realizado - pode ser assumido pelo palotino, que se serve da obra apenas como meio para alcançar o fim carismático. Inclusive foi apresentada uma breve lista dessas iniciativas, bem como os critérios que orientam o discernimento para a realização dessas obras.

Como apenas acenado, ainda existem atualmente aqueles dois desafios significativos que interpelam a família palotina e que reduzem a liberdade carismática e dificultam a expressão concreta da própria identidade religiosa.

Diante disso, vale perguntar: o que permitiu que a Sociedade inaugurasse tantas obras apostólicas ao longo da história? E o que poderia ser hoje um remédio para estes desafios? A resposta pode ser chamada de ‘criatividade apostólica’. São João Paulo II já falava de uma verdadeira ‘fantasia da caridade’ (cfr. NMI 50). A criatividade apostólica é a capacidade de cultivar um olhar atento e inventivo, capaz de perceber as necessidades específicas das pessoas e dos grupos, e de gerar um impulso interior que mova o palotino a iniciar, justamente ali – naquela fronteira, naquele grupo, naquele ‘mundo’ - uma presença apostólica significativa.

Foi esta ‘criatividade apostólica’ que impulsionou gerações de palotinos a moverem-se pelo mundo, inaugurando novas atividades e obras. E será esta ‘criatividade apostólica’ que permitirá encontrar novos espaços apostólicos e alcançar novas pessoas em suas necessidades concretas, promovendo sua dignidade humana e batismal, sem depender exclusivamente das estruturas paroquiais.

Assim, a criatividade apostólica se apresenta como elemento indispensável para a fidelidade ao carisma. Não é mera inovação superficial, mas um verdadeiro discernimento espiritual, capaz de ler os sinais dos tempos e responder a eles com sensibilidade evangélica.

Considerações finais

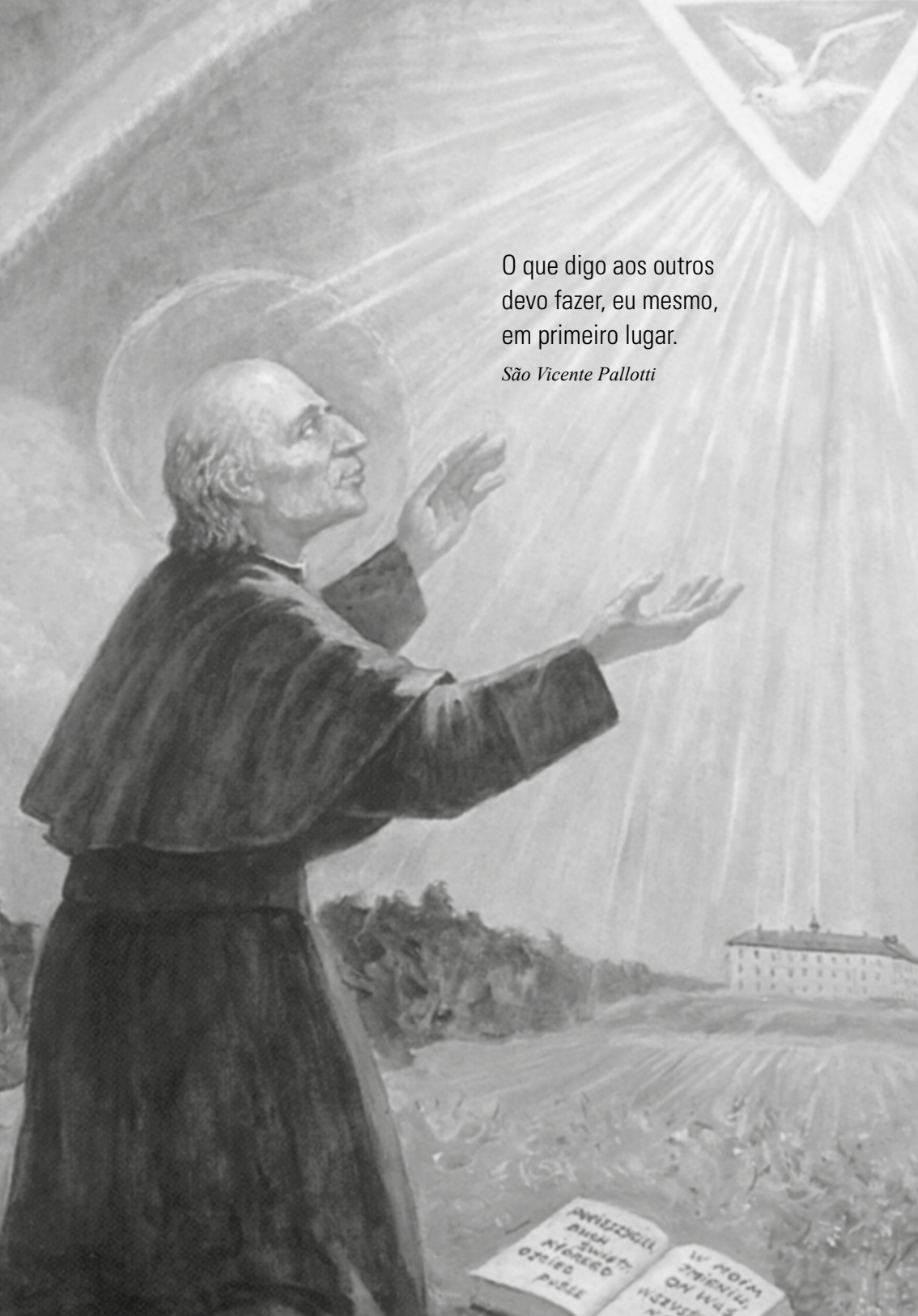
O Perfil Palotino no Apostolado nasce de uma fonte: a vida mesmo de Nosso Senhor Jesus Cristo, Apóstolo do Eterno Pai, revelação do Amor Infinito que se move em direção à humanidade. “A vida de Nosso Senhor Jesus Cristo seja a minha vida” escrevia constantemente o Santo Fundador. Não era apenas um desejo místico, mas uma perfeita conclusão de sua espiritualidade e inspiração carismática: desta fonte brota a identidade apostólica, marcada pela universalidade da vocação, pela primazia do ser sobre o fazer e por este estilo único que envolve, desperta e responsabilizar todos na missão.

Diante dos desafios contemporâneos - a perda de horizonte missionário e a tendência à paroquialização - torna-se ainda mais urgente recuperar a ousadia espiritual de Pallotti, que uniu contemplação e ação, interioridade e missão, fidelidade e criatividade. A criatividade apostólica, iluminada pelo discernimento e sustentada pela vida comunitária, aparece como caminho seguro para renovar a presença palotina nas fronteiras geográficas e existenciais onde Cristo continua a chamar.

Assim, o apostolado palotino permanece fiel ao seu carisma quando, mais do que multiplicar obras, criativamente vai formando apóstolos, animando consciências e despertando em cada batizado a alegria de colaborar na construção do Reino. O futuro do carisma dependerá sempre desta capacidade de deixar-se conduzir pelo Espírito, conformar-se a Nosso Senhor Jesus Cristo e com Seus olhos, ler os sinais dos tempos, e com Sua força, viver com coragem, humildade e amor.

Referências bibliográficas

- BÍBLIA. **Bíblia Sagrada**. Tradução da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Brasília, DF: CNBB, 2018.
- JOÃO PAULO II. **Redemptoris Missio: sobre a validade permanente do mandato missionário**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 1990.
- JOÃO PAULO II. **Novo Millennio Ineunte: carta apostólica ao episcopado, ao clero e aos fiéis no termo do Grande Jubileu do Ano 2000**. Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2001.
- PALLOTTI, Vicente. **Opere Complete di San Vincenzo Pallotti**. Roma: Procura Generale della Società dell'Apostolato Cattolico, v. 10.
- SOCIEDADE DO APOSTOLADO CATÓLICO. **Leis da Sociedade do Apostolado Católico (LSAC)**. Roma: Casa Generalizia della Società dell'Apostolato Cattolico.
- SOCIEDADE DO APOSTOLADO CATÓLICO. **O Apostolado da Sociedade**. Roma: Casa Generalizia della Società dell'Apostolato Cattolico, 1989.
- SOCIEDADE DO APOSTOLADO CATÓLICO. **Ratio Institutionis: formação para a vida e a missão na Sociedade do Apostolado Católico**. Roma: Casa Generalizia della Società dell'Apostolato Cattolico.



O que digo aos outros
devo fazer, eu mesmo,
em primeiro lugar.

São Vicente Pallotti



PALLOTTI 65 ANOS: O TEMPO QUE EDUCA, A HISTÓRIA QUE PERMANECE

Geonice Zago Tonini Hauschildt¹

Sérgio Lasta²

Mércio Cauduro³

Há escolas que ensinam. Há outras que marcam. E há aquelas que, silenciosamente, tornam-se parte da vida de gerações inteiras. O Colégio Pallotti- Antônio Alves Ramos, em Santa Maria, é uma dessas instituições.

Sessenta e cinco anos podem parecer apenas um número. Mas, quando olhados de perto, revelam muito mais: são milhares de passos apressados pelos corredores, incontáveis vozes nos recreios, cadernos cheios de sonhos, lágrimas discretas de superação e sorrisos largos de conquistas. São histórias que não cabem em arquivos, mas vivem na memória de quem passou por essa escola.

Tudo começou com um propósito simples e, ao mesmo tempo, grandioso: educar à luz de valores humanos e cristãos. Desde então, o Colégio Pallotti vem escrevendo sua trajetória com

1. Diretora Pedagógica do Pallotti do Colégio Antônio Alves Ramos.

2. Padre Palotino. Diretor.

3. Padre Palotino. Vice-diretor.

dedicação, fé e compromisso. Ao longo das décadas, viu o mundo mudar - e mudou com ele -, passou por uma pandemia, mas sem perder aquilo que o sustenta: a formação integral da pessoa.

Quem vive o Pallotti sabe: a escola não é feita apenas de salas e conteúdo, mas de relações. Está no “bom dia” da portaria, na atenção da secretaria, no cuidado da limpeza, na escuta dos professores, no olhar atento da coordenação pedagógica, da coordenação de turno e da orientação educacional; bem como no zelo da direção. Está nos pequenos gestos que, somados, constroem um ambiente de pertença.

E, para celebrar essa história, o Colégio se vestiu de festa.

A programação inicial foi no dia 11 de abril de 2026, com a missa em Ação de Graças, na paróquia Santo Antônio, às 18h30min, para juntamente com a comunidade, em um momento de fé e gratidão, agradecemos por tudo o que foi construído ao longo dessas décadas.

No dia 19 de abril, a comunidade se reuniu para a Corrida/Caminhada, um símbolo de movimento, de continuidade, de gente que segue junto. Não foi apenas percorrer um trajeto, mas celebrar o caminho já feito.

Já no dia 25 de abril, aconteceu o Jantar-Baile. Foi, realmente, um encontro de memórias e reencontros. Ex-alunos, professores de outras épocas, famílias e amigos se uniram para reviver histórias, relembrar momentos e brindar tudo aquilo que foi construído ao longo dos anos.

E, no dia 28 de abril, o coração da escola bateu mais forte. Neste ano para comemorar os 65 anos de legado do Pallotti – Colégio Antônio Alves Ramos, às 15h, nas dependências do Ginásio da escola, aconteceu a sessão solene da Câmara de Vereadores de Santa Maria de homenagem à Instituição pela trajetória na sociedade educacional da cidade. Além disso, as turmas se envolveram nas atividades comemorativas, montando varais de fotos, criando

paródias e resgatando lembranças. É o passado e o presente dialogando, como quem diz: “Nós fazemos parte disso”.

E são muitas as vozes que por meio de depoimentos contam lindamente essa história.

“Foi aqui que aprendi a ser mais do que aluno. Aprendi a ser pessoa”, diz um ex-aluno, hoje já adulto, com os olhos marejados ao lembrar dos tempos de escola.

“Cada turma deixa um pedaço de si e leva um pouco de nós também”, compartilha uma professora, que viu gerações crescerem diante de seus olhos.

“Confiei meu filho ao Pallotti e encontrei uma extensão da minha família”, afirma uma mãe, com a tranquilidade de quem se sente acolhida.

Talvez seja isso que explique a força desses 65 anos: o Pallotti - Colégio Antônio Alves Ramos não é apenas um lugar de passagem. É um lugar de construção.

E, como toda boa história, ela não termina aqui.

Os desafios continuam e são muitos. Educar nunca foi tarefa fácil. Mas há algo que sustenta esse caminho: a certeza de que cada esforço vale a pena quando se forma não apenas para o conhecimento, mas para a vida.

Sessenta e cinco anos depois, o Colégio Pallotti segue sendo aquilo que sempre se propôs a ser: um espaço onde se aprende, se convive, se cresce e sobretudo, se deixa marca.

Porque o tempo passa.

Mas aquilo que é vivido com propósito, permanece.

ATENEO SAN PATRICIO: EL TESTIMONIO DE UNA PARTICIPANTE

Griselda Diaz¹

Suplico a Deus a graça
de que em todas as minhas
ações brilhe uma elevada
perfeição e santidade.

São Vicente Pallotti

Yo conocí a la comunidad de Belgrano en 1971. En junio cumplí 15 años y en septiembre falleció mi papá. Muy joven para la familia, fue el primer gran golpe, y estábamos todos muy, muy desconsolados.

Un amigo, un vecino, me invita junto a su hermana, que éramos de la misma edad, a participar de un grupo juvenil que se estaba formando en la parroquia San Patricio de Belgrano (Buenos Aires, Argentina). Ni idea de dónde íbamos, pero conocíamos a varios de los que iban ahí, así que desaparecimos las dos y fuimos. Para nosotras fue mágico. El grupo lo dirigía Salvador, que tenía una forma muy especial de llegar a los jóvenes.

Salvador Barbeito, desde chico, tuvo muy clara su vocación. Su mamá contaba que él no jugaba con soldaditos, sino con estampitas.

1. Testimonio de una joven miembro del grupo juvenil Ateneo de la parroquia San Patricio, en Belgrano (Buenos Aires, Argentina), coordinado por el seminarista Salvador Barbeito, uno de los que murieron en la masacre. Su nombre aparece citado en el libro *Lo que he visto y oído de mis cinco hermanos palotinos*, del padre Rodolfo Capalozza (SAC), publicado en 2024 y revisado y reeditado en su segunda edición en 2026, con motivo de los 50 años de lo ocurrido.

Las primeras experiencias con el grupo fueron tardes de compartir, de charlar, de hablar. En esa época todos teníamos la ilusión de cambiar el mundo, de crear una nueva civilización. Era como un himno en las peregrinaciones: la nueva civilización del amor, con las manos tomadas, con toda la gente feliz. Y cómo lograrlo era tratar de hacer el cambio chiquito en cada día, donde estuviéramos. Así lo aprendí yo: dónde estás, que ese día sea mejor.

Hacíamos campamentos en los que participaba el grupo más fijo del Ateneo San Patricio, que así se llamaba, donde íbamos los primeros integrantes. Después hacíamos otros campamentos, ya más abiertos a jóvenes de alrededor de la parroquia o del Colegio donde Salvador era director, el Colegio San Marón, para compartir ese pequeño mundo que creábamos y que queríamos llevar hacia afuera.

Se hacían campamentos en Areco, en Pilar y en Bariloche. Teníamos las anécdotas del Pilar del Sol: un campamento al que fuimos y no había un árbol en un kilómetro a la redonda, y quedamos todos insolados, colorados, colorados. O el de la inundación, donde se vino el agua y tuvimos que salir corriendo y pedir refugio bastante lejos. Había que caminar, no sé, por lo menos unas 15 o 20 cuadras para llegar a un lugar de retiros espirituales y poder refugiarnos.

En el Colegio San Marón se aprendían muchas cosas, porque estaba el encargado de repartir los analgésicos para los que estaban doloridos, la crema para los que estaban quemados o el antigripal para los resfriados. Cada uno tenía una tarea, y la ropa seca que había se compartía. Era una comunidad.

También fuimos un par de veces a una escuela en Pichileufú, en Río Negro. La primera vez fuimos a conocer las necesidades de la escuela, ayudar a pintar el aula, sacarle los piojos a los chicos. Mi mamá nos enseñaba a coser, hacía cosas y arreglaba ropa. Ayudábamos en lo que hacía falta. Esas cosas nos llenaban el alma.

Al año siguiente se había donado un terreno, no sabíamos quién lo había asignado, y fuimos a comenzar con el armado de la estructura de la escuela, que era de hierro. Las paredes las vimos después de muchos años. Esa primera escuela nueva que se hizo se quemó, y después hicieron otra de material.

Para mi familia fue una experiencia muy especial. Mi padre era muy protector, y entonces estábamos muy perdidos. El apoyo de los sacerdotes a mi mamá, y del grupo a mí, y después a mis hermanos, que comenzaron a participar en una rama de chicos más chicos, fue fundamental.

Era descubrir que uno podía darle un sentido a ese momento de la vida que nos llevaba a un lugar que no conocíamos y que teníamos que descubrir: cuál era el proyecto, el proyecto de Dios, hacia dónde nos llevaba y dónde podíamos estar más al servicio.

Una vez, charlando con mi mamá, que me decía “¿por qué nos tocó esto o aquello?”, yo le decía que mi papá era tan protector que la familia estaba demasiado prendida a esa figura, y tuvimos que aprender a vivir más independientes. Y a su vez, entender que éramos parte de un proyecto mayor, que nosotros no sabíamos cuál era.

En otras etapas de la vida familiar también nos hemos encontrado, como yo le decía a mi madre, paseando mucho por los pasillos del Hospital Garrahan, que no hubiera conocido si no hubiera sido por la enfermedad de una de mis hijas. Y yo le decía: “¿Acá qué tenemos que hacer nosotros? Colaborar y mejorar lo que podamos”. Y eso lo aprendí, sin darme cuenta, en ese compartir del Ateneo.

A mí me lleva, no sé, una urgencia de hablar de ellos, de recordar que en ellos nunca hubo violencia. Nunca hubo una referencia a una reacción violenta ni a un enfrentamiento que no fuera desde el Evangelio.

Como digo, éramos muchos jóvenes. Realmente, si todos esos jóvenes que estábamos ahí, acercándonos a su evangelización, a su ejemplo y a su actitud frente a la vida, hubiéramos recibido un mensaje de enfrentamiento violento, habría sido un desastre. Porque si todos hubiéramos salido a reaccionar frente a esa violencia institucional, todo habría sido muy distinto.

Pero no fue así, porque no nos prepararon para otra cosa. Como decía la canción: no creo en la violencia de los hombres; creo en los niños, y mi fuerza está en Dios, no en otra cosa.

Ahí es donde veo la gran equivocación de quienes hicieron todo esto: no entendieron nada de su prédica. El Evangelio, cuando uno lo lee y lo intenta vivir, es profundamente cuestionador; interpela nuestras actitudes y posturas todo el tiempo. Pero nunca promueve la violencia.

Cuando en el monte le cortan la oreja al siervo del soldado, Jesús dice: “No lo hagan, no levanten la espada”. Él se entrega, se ofrece. Era su misión, sí, pero nunca dio un mensaje de violencia.

Cuando querían apedrear a la mujer, dijo: “El que esté libre de pecado, que tire la primera piedra”.

Si uno entiende eso, no tiene otra opción que ser pacífico y aprender a perdonar. Y cuando hablo de perdonar, muchas veces se malinterpreta: no significa justificar, sino aprender a soltar el rencor, incluso frente a quien se equivoca o agrede, en este caso, quienes cometieron esos crímenes.

No somos nosotros quienes debemos juzgar. Existen leyes y jueces que tienen esa responsabilidad. A veces sus decisiones no nos conforman, pero no está en nuestras manos. Y, si no, hay una justicia divina que sabrá poner las cosas en su lugar. Nosotros no somos dueños de la justicia.

LOS CINCO: SEMILLA DE VIDA PARA LA IGLESIA Y LA SOCIEDAD

Pablo Bocca¹

El próximo 4 de julio de 2026 celebraremos en la Argentina, como Comunidad Palotina, el 50.º aniversario del hecho más sangriento de la historia de la Iglesia en nuestro país: el asesinato de tres sacerdotes y dos seminaristas de nuestra comunidad en la casa parroquial de la Iglesia San Patricio, en el barrio de Belgrano, Ciudad de Buenos Aires.

Este acontecimiento marcó un antes y un después en la vida personal y comunitaria de todos nosotros como Delegación de la Provincia Irlandesa.

Como cada año, nos preparamos para conmemorar este nuevo aniversario. Comenzamos el 16 de mayo de 2026 con una tarde de reflexión organizada por el Padre Rodolfo Capalozza en el Centro de Espiritualidad Palotina, en Buenos Aires. En ese encuentro se reflexionó y trabajó sobre la “Entrega Martirial de Los Cinco” en el contexto de la Iglesia y de la sociedad argentina de la

1. Padre Palotino. Delegado Provincial de la Argentina de la Provincia Irlandesa y párroco de la Parroquia Nuestra Señora del Rosario de Suipacha, Arquidiócesis de Mercedes-Luján, Argentina.

década de 1970. Con esta jornada dimos inicio formal a las celebraciones del “4 de Julio”.

El próximo viernes 3 de julio de 2026 nos encontraremos en la Estación Echeverría/Mártires Palotinos de la Línea B del subte de la Ciudad de Buenos Aires. Desde allí partiremos en procesión hacia la Parroquia San Patricio para compartir un momento de oración y vigilia, preparándonos espiritualmente para la celebración eucarística del día siguiente.

El sábado 4 de julio de 2026, como se viene realizando desde 1976, participaremos de la celebración de la Santa Misa a las 19 horas en la Parroquia San Patricio de Belgrano, acto central de las conmemoraciones del 50.º aniversario. La Eucaristía será presidida por el Arzobispo de Buenos Aires, Monseñor Jorge Ignacio García Cuerva, y contará con la presencia de otros obispos cercanos a nuestra comunidad, sacerdotes, religiosas y representantes de las distintas comunidades palotinas del país.

Este año tendremos además la presencia del Rector General de la Sociedad del Apostolado Católico (SAC), acompañado por miembros del Consejo General. Participarán también el Rector Provincial de la Provincia Irlandesa y miembros de su Consejo Provincial, así como Superiores Provinciales y Regionales de otras jurisdicciones de la SAC.

El lunes 6 de julio de 2026, fecha en la que recordamos el 50.º aniversario de la Misa funeral y sepultura de “Los Cinco”, se celebrará una Eucaristía en la Parroquia San Patricio de Mercedes, primera fundación palotina en la Argentina. Allí nos reuniremos nuevamente para compartir la celebración y, posteriormente, nos trasladaremos al cementerio local para ofrecer una oración y una ofrenda floral.

Asimismo, como cada año, las distintas comunidades locales, después de participar en la celebración central de Bel-

grano el día 4, realizarán conmemoraciones en sus respectivas parroquias, capillas y colegios.

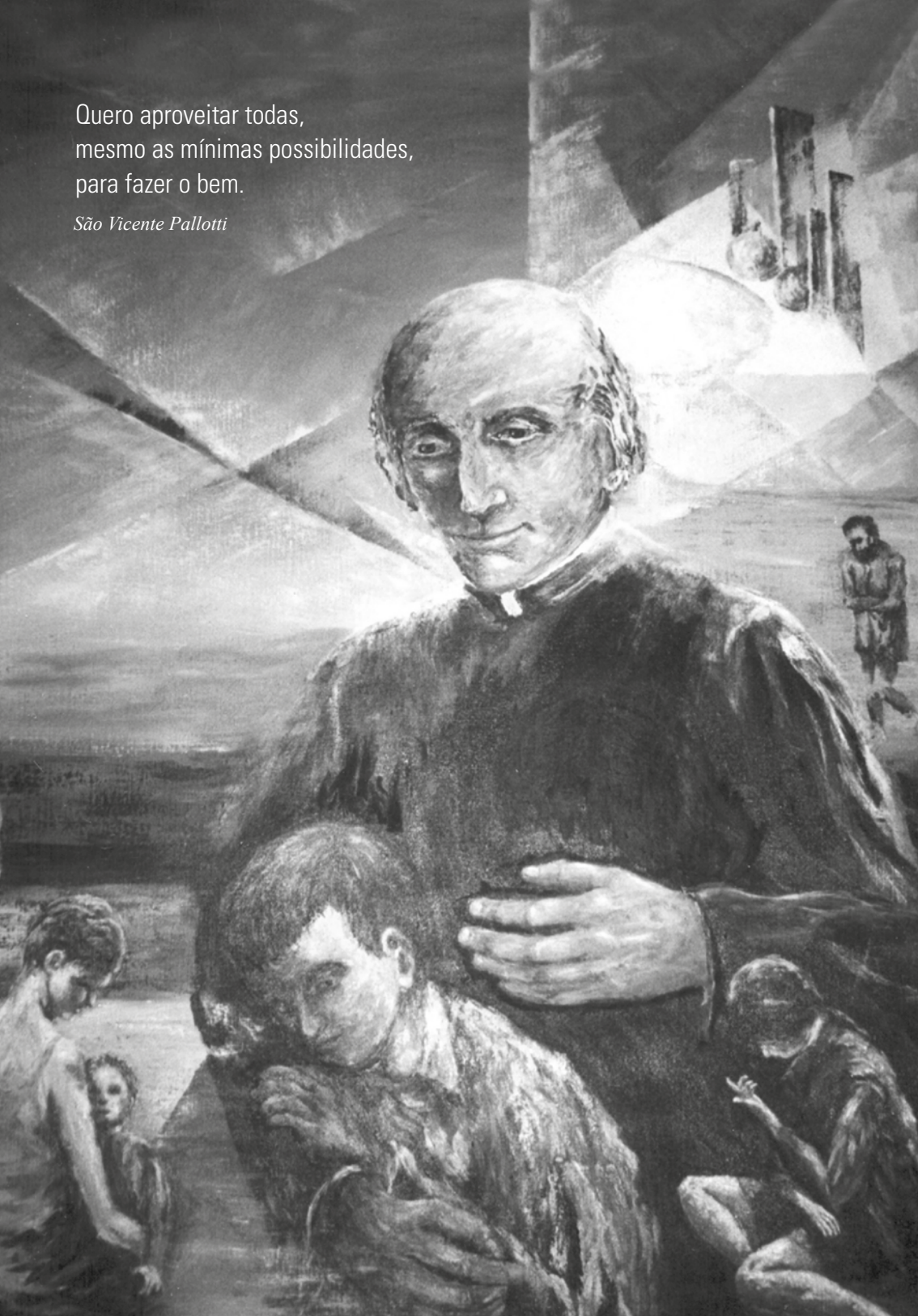
A fines de agosto tendrá lugar el Segundo Encuentro de Educadores Palotinos, que reunirá a representantes de los ocho colegios palotinos de la Argentina, pertenecientes tanto a los Padres y Hermanos Palotinos como a las Hermanas Palotinas. Este año el encuentro se desarrollará en la ciudad de Mercedes, en el marco de los 140 años de presencia palotina en el país y de los 50 años de la Entrega Martirial de “Los Cinco”.

Desde el primer momento hemos comprendido la Entrega Martirial de “Los Cinco” como una ofrenda a Jesucristo y a su Iglesia, con la certeza de que esa sangre derramada es semilla de vida para nuestra comunidad y para toda la sociedad.

Nos unimos una vez más para dar gracias a Dios y pedirle, con un corazón agradecido, que la memoria de “Los Cinco”, que siguen siendo hoy Luz y Vida, continúe sosteniendo e inspirando la vida y el apostolado de nuestra Comunidad.

Quero aproveitar todas,
mesmo as mínimas possibilidades,
para fazer o bem.

São Vicente Pallotti



NUESTROS CINCO HERMANOS PALOTINOS HOY SON LUZ Y VIDA PARA CADA UNO DE NOSOTROS

Rodolfo Pedro Capalozza¹

El 24 de marzo de 1976, de madrugada, mientras muchos argentinos nos preparábamos para iniciar nuestras tareas cotidianas, recibíamos la noticia de que las fuerzas armadas habían realizado un golpe de estado. No fue una sorpresa. En el país se vivía un clima que hacía predecir una nueva toma del poder por parte de los militares. Este golpe dio inicio a la más sangrienta y cruel dictadura de toda nuestra historia. Además de la interrupción de la vida democrática y la apropiación del poder, se hicieron dueños de la vida de cada uno de nosotros, dejando un tendal de muertos, desaparecidos y torturados; sin dejar de mencionar la apropiación de niños nacidos en los lugares de detención y tortura. Se instauró un sistema económico que llevó al país a un fuerte aumento de su deuda externa. Fue un tiempo de represión manifestado en el control absoluto de los medios de comunicación y del pensamiento de cada ciudadano. El actuar de la Junta militar se inspiró en

1. Padre Palotino. Miembro de la Región Nuestra Señora de Luján (Argentina).

la Doctrina de la Seguridad Nacional, condenada por los Obispos latinoamericanos en la III Conferencia del Episcopado Latinoamericano en Puebla en 1979 (Cf.: 49 y 314).

En ese contexto y a causa del terrorismo de estado ejercido por la junta militar que gobernaba el país, fueron asesinados, en la sala de comunidad de la Parroquia San Patricio, en la madrugada del 4 de julio de ese año, cinco palotinos (tres sacerdotes y dos seminaristas). Nunca antes se había registrado en la Argentina un hecho de esa naturaleza, en donde la violencia ejercida por el mismo Estado asesinaba a todos los integrantes de una comunidad religiosa.

1. ¿Por qué hacemos memoria de este acontecimiento?

La memoria es válida para aprender del pasado, beber sabiduría, no para quedarse esclavo del pasado. Como varios lo han dicho, pienso que más importante de lo vivido, es que hacemos con lo vivido. Los cristianos hacemos una lectura creyente de la historia: ver el paso de Dios en la búsqueda, la entrega y el compromiso de tantas hermanas y hermanos nuestros; ver los desafíos y sus respuestas. Dejar que la realidad del pasado ilumine nuestro presente. La memoria nos lleva a la verdad. *Y solo la verdad nos hará libres.*

La memoria nos permite hacer justicia. Una justicia que, al sancionar el mal, preserva a la sociedad de seguir cometiendo ese mal. Sin justicia no se construye una sociedad. Justicia que no es venganza. Que llega a su expresión cristiana cuando está movida por el amor, por la búsqueda del bien de todos.

La memoria nos permite sanar y perdonar y, por eso, encontrar caminos de reconciliación y de amistad social. Necesitamos, hoy, volver a la amistad social. Un perdón que, gracias a la memoria, la verdad y la justicia, no se torna impunidad. No es un

“nada pasó”, un “dar vuelta la hoja”, sino un elaborar aquello que pasó desde la honda y encarnada experiencia de la fe.

Toda violencia es condenable, incompatible con el evangelio. El terrorismo de estado es la mayor de las violencias. Frente a él no queda otra opción institucional para defenderse. El estado tiene que cuidar la vida.

En los años de la dictadura militar se vivieron atrocidades: detenciones y desapariciones forzadas, torturas atroces, personas vivas arrojadas al mar, apropiación de niños nacidos en cautiverios, asesinatos simulados de enfrentamientos, control en las iglesias y en los institutos educativos, falsas denuncias motivadas por rencores personales... Podemos recoger innumerables testimonios de mucho dolor.

Las palabras valientes y proféticas del P. Roberto Favre (vicepresidente de la Conferencia Argentina de Religiosos), pronunciadas ante representantes de la junta militar y ministros del gobierno nacional, en la misa de exequias el cinco de julio, a solo tres meses del golpe militar, nos muestra en parte lo que se estaba viviendo:

Estas muertes vienen a sumarse a otras de todos los días y a los innumerables desaparecidos que nadie sabe dar razón. Son hechos que injurian a Dios y a la humanidad. No puede haber voces discordantes en la reprobación de estos hechos. Tenemos necesidad de buscar más que nunca la justicia, la verdad y el amor para ponerlas al servicio de la paz... Hay que rogar a Dios no sólo por los muertos, sino también por las innumerables desapariciones que se conocen día a día...

En este momento debemos reclamar a todos aquellos que tienen alguna responsabilidad, que realicen todos los esfuerzos posibles para que se retorne al Estado de Derecho que requiere todo pueblo civilizado.

2. ¿Quiénes eran nuestros cinco hermanos palotinos?

- El **P. Alfredo Leaden**, delegado, en Argentina, del rector de la Provincia Irlandesa, hoy llamada Madre del Divino Amor. Tenía 57 años.
- El **P. Alfie Kelly**, párroco, formador, responsable del colegio en ese momento, director de un seminario de catequesis de la Arquidiócesis de Buenos Aires. Tenía 43 años.
- El **P. Pedro Dufau**, párroco y responsable del colegio en períodos anteriores, vicario parroquial. Tenía 67 años.
- **Salvador Barbeito**, aspirante al sacerdocio. Había hecho su profesión, consagrándose en la Sociedad del Apostolado Católico. Era rector de un colegio secundario de la ciudad de Buenos Aires. Tenía 29 años.
- **Emilio Barletti**, aspirante al sacerdocio. Postulante. Tenía 23 años.

Todos nacieron en Argentina, excepción de Salvador que nació en España y vino de muy pequeño a nuestro país; tenía ciudadanía argentina.

Vivíamos en comunidad, propio de nuestra vida de sacerdotes y hermanos palotinos. Era una comunidad de formación y de animación pastoral de la parroquia y el colegio; muy integrada a la pastoral arquidiocesana.

Además de los cinco, participábamos de la comunidad: Roberto Kilmeatte, quien había realizado su consagración en nuestra comunidad. No se encontraba en el país porque estaba realizando un curso de formación catequística en Medellín, Colombia, organizado por la Conferencia Episcopal Latinoamericana.

Jorge Kelly, también había realizado su consagración en la comunidad palotina. No se encontraba ese fin de semana porque estaba acompañando un retiro de sus alumnas de catequesis junto a otro integrante de la comunidad: **Miguel Robledo**, postulante.

Yo, **Rodolfo Pedro Capalozza** que fui con Salvador y Emilio al cine en esa noche, pensando regresar con ellos finalizado el filme. Teníamos durante la semana un ritmo intenso marcado por el trabajo laboral, la pastoral, los compromisos comunitarios, nuestra vida de oración. Los fines de semana yo quería aprovecharlo para descansar. Ese sábado yo organicé la salida, lo cual no era frecuente en mí. Luego de la misa vespertina del sábado y de la cena (de la cual soy el único sobreviviente) salimos en dirección al cine. Llegamos tarde y decidimos esperar a la próxima y última función. Se hizo muy tarde. Ese domingo yo iba a ir a almorzar a la casa de mis padres que vivían relativamente cerca del cine. Por eso al finalizar la película (ya era la primera hora del domingo) decidí ir directamente a la casa de mis padres. La parroquia no quedaba cerca de ese lugar y, a esa hora, no era tan fácil viajar. No lo podía haber hecho si no llevaba conmigo las llaves de la casa de mis padres porque por las características de la vivienda no podía acceder sin ellas. Providencialmente esa tarde saqué las llaves de donde las tenía guardada y las uní al llavero que siempre llevaba conmigo. Por eso no regresé con ellos. Los asesinos esperaron a que ellos llegaran para reunirlos en la sala de comunidad y ametrallarlos impunemente.

3. El camino de la comunidad

Como comunidad intentábamos seguir el camino de la Iglesia en ese momento histórico, señalado por el magisterio y expresado en el Concilio Vaticano II (1962-1965); en los Documentos finales de la II Conferencia del Episcopado Latinoameri-

cano en Medellín (1968), en donde los obispos latinoamericanos leyeron el Concilio a la luz de América Latina; y en el Documento de San Miguel de la Conferencia Episcopal Argentina (1969), el cual orienta a la Iglesia Argentina a la luz del Concilio y Medellín. También nos animaba las orientaciones de la Conferencia Latinoamericana de Religiosos y de la Conferencia Argentina de Religiosos. El caminar de la comunidad era el caminar de la Iglesia en los años posconciliares, asumiendo opciones proféticas y sirviendo al Reino de Dios desde el carisma, la misión y la espiritualidad palotina.

Fue un tiempo de sueños e ideales; de discusiones apasionadas y de respuestas diversas. Fue un tiempo de compromiso social. Al llegar a San Patricio esa tarde del cuatro de julio experimenté un doble duelo: la ausencia de ellos y la muerte de un sueño.

4. El sueño que nos animaba en esa década de 1970

En los años sesenta la palabra clave que animaba la vida política y eclesial era: DESARROLLO. Se hablaba de países desarrollados y subdesarrollados, que luego se los llamó: en vías de desarrollo. El papa Pablo VI publicó una Encíclica sobre el tema del desarrollo de los pueblos, *Populorum Progressio* (1967). En varios de nuestros países tuvimos gobiernos orientados por lo que se conocía como la economía desarrollista. Se constituye la Alianza para el Progreso (1961-1970. John F. Kennedy), para el desarrollo de las economías.

En la década de 1970 se reflexiona que nuestra América Latina no es un continente pobre sino empobrecido a causa de las dependencias políticas – económicas. El sub desarrollo tenía su origen en estructuras de dependencia económicas y políticas. Por eso, la palabra clave de esta década va a ser: LIBERACIÓN.

Se discutía mucho sobre la relación entre la liberación política, económica y la propuesta por Jesús, se hablaba de la dimensión política de la Fe (compromiso de construcción del Reino de Dios en el aquí y ahora). Nace la Teología de la liberación con Gustavo Gutiérrez. Se conformaron partidos y alianzas políticas en torno a la liberación. Nacen, en esta década) movimientos sacerdotales orientados en esta línea. Discutíamos mucho sobre el papel de los cristianos en las transformaciones socio políticas que se vivían.

A partir del Concilio, el pueblo de Dios toma un contacto más profundo con la palabra de Dios presente en la Biblia y en la historia (Palabra encarnada). Se lee la Palabra desde la realidad, se intenta descubrir la Palabra presente en la realidad e iluminar la realidad con la Palabra.

Se busca ver la presencia de Dios en el caminar de nuestro pueblo, sobre todo en los que más sufren. Más tarde se va a hablar del pobre como lugar teológico (Cf. Mt 25).

Nos animaba la teología llamada “del pueblo” o “de la cultura”. Una mirada de la teología de la liberación, fuertemente desarrollada en Argentina, por la cual se contemplaba el actuar de Dios en el camino histórico de nuestro pueblo. Animaban nuestro camino las reflexiones del teólogo argentino Lucio Gera y los aportes pastorales del P. Rafael Tello; la iluminación desde la perspectiva cultural del P. Juan Carlos Scannone. Enriquecía nuestra espiritualidad los escritos del Beato Eduardo Pironio, entre otros. Encontrábamos en la religiosidad popular una fuente que alimentaba nuestro camino hacia la consagración. El pueblo es el sujeto histórico en el que Dios realiza su historia de salvación.

La vida consagrada volvió a las fuentes del Evangelio y de los carismas fundacionales. De la observancia disciplinar de la ley a la inspiración del Evangelio.

Esto fue generando nuevas formas de hacer oración. Una espiritualidad encarnada e integrada. Nuestra manera de rezar,

como comunidad, tenía mucho de esta centralidad de la Palabra y de la realidad histórica en la que ella se manifestaba.

La Iglesia y la vida consagrada, dentro de ella, fue desarrollando una cercanía a los más pobres de la sociedad. Y esta cercanía no ya solo del asistencialismo sino alentando la promoción humana y el compromiso por superar las situaciones de injusticia que daban origen a la pobreza. Muchos cristianos se fueron insertando en los barrios populares, en las periferias, en las zonas más abandonadas del interior del país hasta madurar en la opción preferencial por los pobres y las periferias existenciales. Se buscó en esto un camino de santificación.

Como comunidad intentábamos hacer una experiencia fuerte de fraternidad y de comunión de bienes. Los formandos teníamos una actividad laboral remunerada (lo que no era común en ese tiempo). Poníamos nuestros sueldos, nuestros libros y nuestras pertenencias en común. Tomábamos decisiones consensuadas en el uso de los bienes. Todos teníamos un compromiso pastoral.

La Iglesia asumió una relación de colaboración con las instancias civiles, insertándose en las organizaciones de nuestro pueblo. Hubo un despertar del ecumenismo y el diálogo interreligioso. Más tarde se hablará de nueva eclesialidad. La comunidad de San Patricio participaba activamente del movimiento ecuménico y de los encuentros interreligiosos. Tenía un claro compromiso misionero. Fue marcante la participación en la primera peregrinación juvenil a Luján, expresión de la pastoral popular.

Se comienza a reflexionar sobre la misión de las comunidades de consagrados compartida con los laicos y del carisma y la espiritualidad compartida. El mismo carisma, vivido desde diferentes vocaciones específicas. Esto toca la raíz de nuestra identidad palotina. Cuando conocí San Patricio, me impactó ver esto reflejado con mucha fuerza. Encontré una Iglesia familia, con fuerte participación de los laicos en las decisiones. Hoy hablaríamos de

la Iglesia sinodal.

En comunión con la vida consagrada, la comunidad mártir, asumió su misión profética: anuncio- denuncia- compromiso.

5. ¿Por qué pienso que son verdaderos mártires, testigos de la fe?

El lunes anterior a la masacre, tuvimos nuestra reunión semanal de comunidad. En ella, el P. Alfie comentó que, en el país, se estaba viviendo una situación muy difícil. Se empezaba a saber de personas que eran secuestradas y desaparecidas; ya se hablaba de lugares de tortura y cárceles clandestinas; familiares, sobre todo las madres, comenzaban a buscar a sus seres queridos, a sus hijos. Se empezaba a vivir un tiempo en que defender la vida constituía un riesgo.

Ante esta situación, el P. Alfie Kelly, nuestro rector y párroco, nos preguntó: ¿qué tenemos que hacer? Nos preguntamos en esa noche: ¿Será el tiempo de callar, de no decir nada, de una predicación más “espiritualista”? ¿Tenemos que modificar nuestras opciones? ¿Abandonar el camino de una vida consagrada profética? La respuesta fue, en síntesis y luego de un largo diálogo en actitud de discernimiento: tenemos que ser fieles a Dios antes que a los poderosos de este mundo.

Esta es la motivación última: la búsqueda de la fidelidad a Jesucristo como respuesta a un contexto histórico concreto. Y desde este compromiso fundante con el Reino, anunciar la justicia y el respeto a la vida como valores fundamentales en la promoción de la dignidad humana. No nos unía una ideología partidaria; todos nosotros teníamos diferentes miradas en este ámbito. Nos unía el servir al evangelio encarnado en la historia de la humanidad.

Ciertamente nadie puede afirmar si al morir explicitaron que lo hacían por Jesús, pero todos los que los conocimos pode-

mos decir que murieron por fidelidad a Jesucristo desde la encarnación del Evangelio en ese momento histórico. Si sólo se considera mártir al que explicita que muere por Jesucristo, hoy San Juan Bautista no podría ser considerado como tal.

Dice, sobre Juan Bautista, San Beda el Venerable, en sus Homilias (Homilía 23): *No debemos poner en duda que san Juan sufrió la cárcel y las cadenas y dio su vida en testimonio de nuestro Redentor, de quien fue precursor, ya que, si bien su perseguidor no lo forzó a que negara a Cristo, sí trató de obligarlo a que callara la verdad; ello es suficiente para afirmar que murió por Cristo. Cristo, en efecto, dice: Yo soy la verdad; por consiguiente, si Juan derramó su sangre por la verdad, la derramó por Cristo; y él, que precedió a Cristo en su nacimiento, en su predicación y en su bautismo, anunció también con su martirio, anterior al de Cristo, la pasión futura del Señor.*

Es interesante leer las páginas del diario del P. Alfie Kelly, que figura en el apéndice del libro que escribí como testimonio de lo que he vivido con ellos: *LO QUE HE VISTO Y OIDO SOBRE MIS CINCO HERMANOS PALOTINOS*.² Alfie Le entregó su vida al Señor y para que la gracia de Dios fuera fuente de vida para muchos.

6. ¿qué nos dice hoy la vida y la entrega de nuestros cinco hermanos?

Este artículo es apenas un semblante del tiempo histórico y de las opciones comunitarias. En el libro intento dar con más amplitud mi testimonio que hoy los convierte en luz y vida para el presente.

2. CAPALLOZZA, Rodolfo Pedro. *Lo que he visto y oído sobre mis cinco hermanos palotinos*. Buenos Aires: Centro de Espiritualidad Palotina, 2024. Esta obra fue traducida al portugués y publicada por la Editora Rainha, de Porto Alegre (RS).

Ellos fueron un signo de compromiso con el otro. Concibieron la vida en clave de comunión. *Juntos vivieron, juntos murieron*. Esa comunión la vivieron en la intimidad de la vida comunitaria, en el compromiso con el pueblo herido y doliente, en la proclamación de un Evangelio que nos hace hermanos, hermanos de verdad.

Ellos hoy nos dicen que no podemos renunciar a la dimensión comunitaria de nuestra vida y nuestra fe. No somos individualidades yuxtapuestas en búsqueda de una realización personal que niega la profunda vincularidad con los demás. La exaltación de una subjetividad individualista nos lleva a negar al otro como alteridad, sin cuya reciprocidad no nos realizamos como personas. La entrega de ellos nos habla de un seguimiento de Jesús que no es real si no se manifiesta en un compromiso con los sufrientes de la sociedad y con la superación de todo aquello que causa exclusión social.

Ellos, sus vidas y su entrega final, nos invita a ser una Iglesia que asuma la misión profética al lado de los excluidos de la sociedad, cuidando la vida de todos.

Hoy nos invitan a:

- Humanizar la vida política. La economía está al servicio de la persona y de todas las personas. Ninguna exclusión del acceso a los bienes fundamentales de la vida se justifica en función del crecimiento de la macro economía.
- Comprometernos a erradicar toda forma de corrupción. Ella atraviesa la vida política de nuestros pueblos
- Superar el pragmatismo: volver a los valores, a los ideales, a aquellas cosas que dan sentido a la vida. Hoy decidimos en función a lo políticamente correcto, a lo eficaz, a lo que resulta.
- Trabajar por la amistad social, sin la cual nuestros pueblos sucumben.

Que la entrega de ellos nos dé la libertad profética para anunciar el Evangelio de la vida; denunciar lo que deshumaniza, estigmatiza, excluye personas, atenta contra la dignidad de cada ser humano.

Que la entrega de ellos nos lleve a experimentar la alegría de vivir y testimoniar el Reino de la justicia, la paz y la verdad; el Reino de la fraternidad universal.

Que la entrega de ellos, como decía San Vicente Pallotti, sea para la infinita gloria de Dios y para la salvación de los hombres. La gloria de Dios es que el hombre viva, dice San Ireneo.

Pienso que es el momento de derribar las trincheras ideológicas para buscar juntos el camino que nos permite construir una sociedad más humana y, por eso, más divina.

Ellos hoy nos invitan a ser partícipes y hacedores del sueño de Jesús: Padre, que todos sean uno, como Tú y yo somos uno. Sin ninguna exclusión.

DISCURSO DO PADRE HELTON LUIZ WACHHOLZ DE SOUZA AO RECEBER O TÍTULO DE CIDADÃO HONORÁRIO DE MANAUS - AMAZONAS

Helton Luiz Wachholz de Souza¹

Excelentíssimos Senhores Deputados, autoridades civis, militares e religiosas aqui presentes, queridos irmãos e irmãs. Quero iniciar cumprimentando e agradecendo a todos os membros desta mesa, que hoje me honram com este tão significativo título.

Cumprimento com profundo amor meus pais, aqui presentes: Mauro Aparecido de Souza e Isoldi Wachholz de Souza. Junto deles, meus irmãos, minha família, que são o alicerce da minha vida e da minha vocação.

Cumprimento também minha família religiosa da Província Nossa Senhora Conquistadora, dos Padres e Irmãos Palotinos, que me formaram, me acolheram e me ensinaram a viver a missão com entrega e fidelidade.

1. Padre Palotino. Atualmente é pároco do Santuário Nossa Senhora de Fátima, em Manaus-AM.

Cumprimento minha comunidade, meus amigos, convidados aqui presentes e, de modo muito especial, todo o povo amazonense, ao qual Deus me concedeu a graça de servir, doando minha vida, assim como Cristo fez.

Receber o título de Cidadão Amazonense toca profundamente o meu coração. Hoje, não recebo apenas uma homenagem. Recebo um abraço desta terra. Um abraço deste povo que aprendi a amar, admirar e servir.

Nasci em Cascavel, no Paraná, no ano de 1992. Sou o terceiro filho de uma família simples, humilde e profundamente religiosa. E posso afirmar, sem medo de errar, que a maior herança que recebi dos meus pais não foi material. Foi a fé e o amor.

A fé me ensinou que, quando colocamos nossa vida nas mãos de Deus, o impossível se torna caminho. E o amor me ensinou que viver só faz sentido quando aprendemos a servir. E nós amamos. Na minha casa, aprendi que tudo era “nosso”. Até mesmo um simples saquinho de pipoca doce era dividido. Porque meus pais nos ensinaram, sem grandes discursos, que amar é partilhar.

Meu pai, eletricitista. Minha mãe, dona de casa. Sem diplomas universitários, mas com uma sabedoria que nenhuma faculdade é capaz de ensinar. Aprendi com eles que a vida não é feita apenas de sonhos pessoais, mas também da capacidade de renunciar por amor, de ajudar a realizar o sonho do outro e fazer disso também o nosso sonho.

Quantas vezes vi meus pais trabalhando sem descanso, lutando em silêncio, sacrificando-se pelos filhos. E foi observando a vida deles que compreendi o significado da palavra vocação. Eles não apenas me ajudaram a chegar até aqui. Foram eles que me trouxeram até aqui. A maior homilia que já escutei não foi pregada em um altar. Foi vivida dentro da minha casa, através do amor, do respeito e da fidelidade que meus pais sempre tiveram um

pelo outro. Foi dentro da minha família que nasceu minha vocação sacerdotal. Lembro como se fosse hoje quando, ainda jovem, ouvi uma pergunta simples: “Qual de vocês será padre?” Aquilo despertou algo que já existia silenciosamente dentro de mim. E jamais esqueço o dia em que decidi seguir este caminho. Havia medo, dúvidas e inseguranças. Mas, no olhar da minha mãe, sentado naquele canto da mesa, encontrei um olhar parecido com o de Maria: um olhar que me convidava a confiar em Deus.

Entreí no seminário no ano de 2010. Foram anos de formação, aprendizado, amadurecimento e entrega. E no ano de 2021 fui ordenado presbítero da Igreja. Sou profundamente grato à Província dos Padres e Irmãos Palotinos, que me formou não apenas para exercer um ministério, mas para viver uma missão.

Hoje, recebo este honroso título não apenas como um reconhecimento ao meu trabalho pessoal. Não por coincidência, mas providência, neste mesmo dia em que celebramos os 52 anos da presença Palotina no Amazonas, subo acompanhado espiritualmente de todos os padres e irmãos palotinos que vieram antes de mim.

Homens que deixaram suas terras, seus sonhos e suas famílias para dedicar suas vidas a esta missão. Missionários que escreveram páginas marcantes nesta terra amazonense, amando, servindo e cuidando de cada pessoa, de cada comunidade e da própria criação que Deus nos confiou.

Neste momento, é impossível não recordar o querido Padre Celestino, que viveu 44 anos de seu sacerdócio neste Estado. E eu me pergunto: quem não conheceu ou ouviu falar desse grande missionário? Sua vida tornou-se um testemunho vivo de dedicação, simplicidade e amor ao povo de Deus.

Ele não teve a oportunidade de receber esta honraria em vida. Por isso, hoje a recebo também em seu nome, para honrar

sua memória e reconhecer o legado de todos aqueles que vieram antes de mim, semeando a fé, a esperança e a caridade nesta terra tão amada.

Dois dias após minha ordenação, recebi meu envio missionário para Manaus. Era 23 de março de 2021. Eu trazia no coração apenas uma certeza: servir.

Meu primeiro trabalho foi na Paróquia Nossa Senhora Rainha dos Apóstolos, no bairro Dom Pedro. E cheguei justamente em um dos momentos mais difíceis da história desta cidade. Manaus chorava. A pandemia deixava marcas profundas. O sofrimento era visível. O medo tomava conta das famílias. A falta de oxigênio sufocava vidas e corações. E foi no meio daquela dor que Deus me colocou aqui. Não para assistir de longe. Mas para sofrer junto. Para caminhar junto. Para segurar mãos feridas. Para rezar com quem já não tinha forças para rezar. Quantas visitas às famílias enlutadas. Quantas bênçãos nas ruas e nas casas. Quantos velórios. Quantas lágrimas compartilhadas. Naquele momento, compreendi ainda mais profundamente que amar não é apenas sentir. Amar é permanecer. Amar é escolher ficar ao lado mesmo quando tudo dói.

Depois dessa missão, a Igreja me confiou outra grande responsabilidade: ser Reitor e Pároco do Santuário Nossa Senhora de Fátima, na histórica Praça 14 de Janeiro. E ali encontrei mais uma vez a beleza do povo amazonense. Um povo marcado pela diversidade cultural, pela força das tradições, pela riqueza da fé e pela resistência da sua história. A Praça 14 carrega em suas raízes a presença do samba, do boi-bumbá, da cultura afro-brasileira, das famílias portuguesas, dos trabalhadores, dos mais simples, dos esquecidos e dos sonhadores. E no meio dessa riqueza humana e cultural, o Santuário de Fátima permanece como casa de acolhida, oração e esperança. Foi nesta terra amazônica que Deus escreveu uma das páginas mais importantes da minha vida.

O Amazonas me acolheu não como estrangeiro, mas como filho. Aqui encontrei pessoas simples e fortes. Pessoas de fé profunda. Pessoas que, mesmo diante das dificuldades, nunca perderam a esperança.

O Amazonas ensina. Ensina através dos rios, que seguem seu curso sem desistir.

Ensina através da floresta, que a diversidade e a cooperação se tornam vida.

Ensina através do seu povo, que continua acreditando na vida apesar de tantas lutas.

Como sacerdote, aprendi que evangelizar é caminhar com o povo. É carregar suas dores. É celebrar suas conquistas. É nunca perder a capacidade de amar. E foi exatamente isso que encontrei aqui: um povo que transforma missão em família. Cada comunidade visitada. Cada celebração. Cada procissão. Cada criança abençoada. Cada idoso ouvido. Cada família acolhida. Tudo isso moldou quem eu sou hoje.

O Amazonas não foi apenas o lugar onde exerci meu ministério. O Amazonas tornou-se minha casa espiritual.

Recebo este título com humildade, mas também com profunda responsabilidade. Porque ser chamado cidadão amazonense significa assumir ainda mais o compromisso de amar esta terra, defender sua dignidade, respeitar sua cultura, valorizar seu povo e continuar servindo com todo o meu coração.

Quero agradecer a Deus, fonte de toda vocação e missão. Agradeço à Igreja que confiou em mim. Agradeço ao povo amazonense, que me evangelizou com sua generosidade, sua fé e seu amor. Agradeço aos amigos, irmãos sacerdotes, comunidades, pastorais, movimentos e famílias que caminham comigo nesta missão. E hoje, emocionado, posso dizer: O Amazonas não está apenas no lugar onde moro. O Amazonas mora dentro de mim.

E se um dia perguntarem o que significa receber este título, responderei com toda sinceridade: Significa que o amor de servir, criou raízes.

Muito obrigado.

Que Deus abençoe o Amazonas, seu povo e suas famílias. E que Nossa Senhora de Fátima e São Vicente Pallotti continuem intercedendo por todos nós.

Manaus, 12 de maio de 2026.



DISCURSO DO PADRE JOSÉ BATTISTI AO RECEBER O TÍTULO DE CIDADÃO HONORÁRIO DE PALOTINA - PARANÁ

José Battisti¹

Queridos amigos e amigas aqui presentes,

E, de modo muito especial, minha família, meus irmãos e, com destaque carinhoso, a presença do meu irmão, Dom Anuar Battisti, Padres Palotinos e demais presentes.

Recebo esta homenagem com muita simplicidade, humildade e profunda gratidão. Confesso que este reconhecimento toca profundamente o meu coração, porque vem de uma terra e de um povo que aprendi a amar e a servir ao longo dos anos.

Ser declarado Cidadão Honorário de Palotina não significa apenas receber um título. Significa fortalecer ainda mais os laços de pertencimento, carinho e compromisso com esta comunidade que tanto contribuiu para a minha caminhada sacerdotal e humana.

Ao longo dessa história, procurei sempre estar presente na vida do município, não apenas dentro da Igreja, mas também junto à sociedade civil organizada. Busquei participar da vida

1. Padre Palotino. Atualmente é vigário paroquial na Paróquia São Vicente Pallotti, em Palotina-PR.

das pessoas, das entidades, das famílias, dos idosos, da juventude, dos movimentos e das instituições. Estive presente junto ao Rotary Club, à Sociedade Rural, ao CTG, ao Clube do Vovô, aos grupos da melhor idade e em tantas outras iniciativas da nossa comunidade.

Sem distinção de pessoas, procurei fazer do sacerdócio uma presença de proximidade, acolhimento e serviço.

Permitam-me recordar, com humildade, duas contribuições que considero importantes para a história e a identidade deste município.

A primeira aconteceu em 2018, durante uma homenagem aos pioneiros. Na ocasião, tomei conhecimento do brasão do município e observei a frase em latim: *Caritas Christi Urget Nos*. Ao perguntar às pessoas sobre o significado da expressão, percebi que praticamente ninguém sabia traduzir aquelas palavras.

Procurei, então, a vereadora Rose Delay e sugeri que fosse estudada a possibilidade de traduzir oficialmente aquela frase para a língua portuguesa, para que o povo pudesse compreender o que estava escrito no coração simbólico do município.

Após consulta jurídica, verificou-se que isso era possível. O projeto foi encaminhado à Câmara Municipal e aprovado por unanimidade. Assim, aquela expressão passou a ser compreendida por todos: “A caridade de Cristo nos impele” ou, numa linguagem ainda mais simples e próxima do povo, “O amor de Cristo nos impulsiona”.

Isso possui um significado muito profundo, porque a religiosidade faz parte da origem e da história de Palotina desde os seus primeiros passos, com a presença marcante dos padres palotinos e das famílias pioneiras que aqui chegaram movidas pela fé, pelo trabalho e pela esperança.

A segunda contribuição que gostaria de recordar foi a influência que tive na denominação do Caminho da Fé Padre

Hermogênio Burim, estrada que conduz ao Santuário Nossa Senhora da Salette. Foi uma homenagem justa e merecida ao primeiro pioneiro desta cidade, alguém que deixou marcas profundas na história de Palotina.

Mas, acima de tudo, quero dizer que nunca fiz nada buscando reconhecimento. Sempre procurei apenas servir. E, quando servimos com sinceridade, quem cresce não é a pessoa, mas a comunidade.

Por isso, encerro esta fala renovando minha gratidão a todos vocês: gratidão ao povo de Palotina, gratidão às autoridades, gratidão aos amigos, gratidão à Igreja e gratidão a Deus, que conduz a nossa caminhada.

Que possamos continuar construindo uma sociedade mais humana, mais fraterna e mais solidária.

E deixo, para concluir, justamente aquela frase que hoje está gravada na história deste município e que resume também o sentido da minha missão sacerdotal:

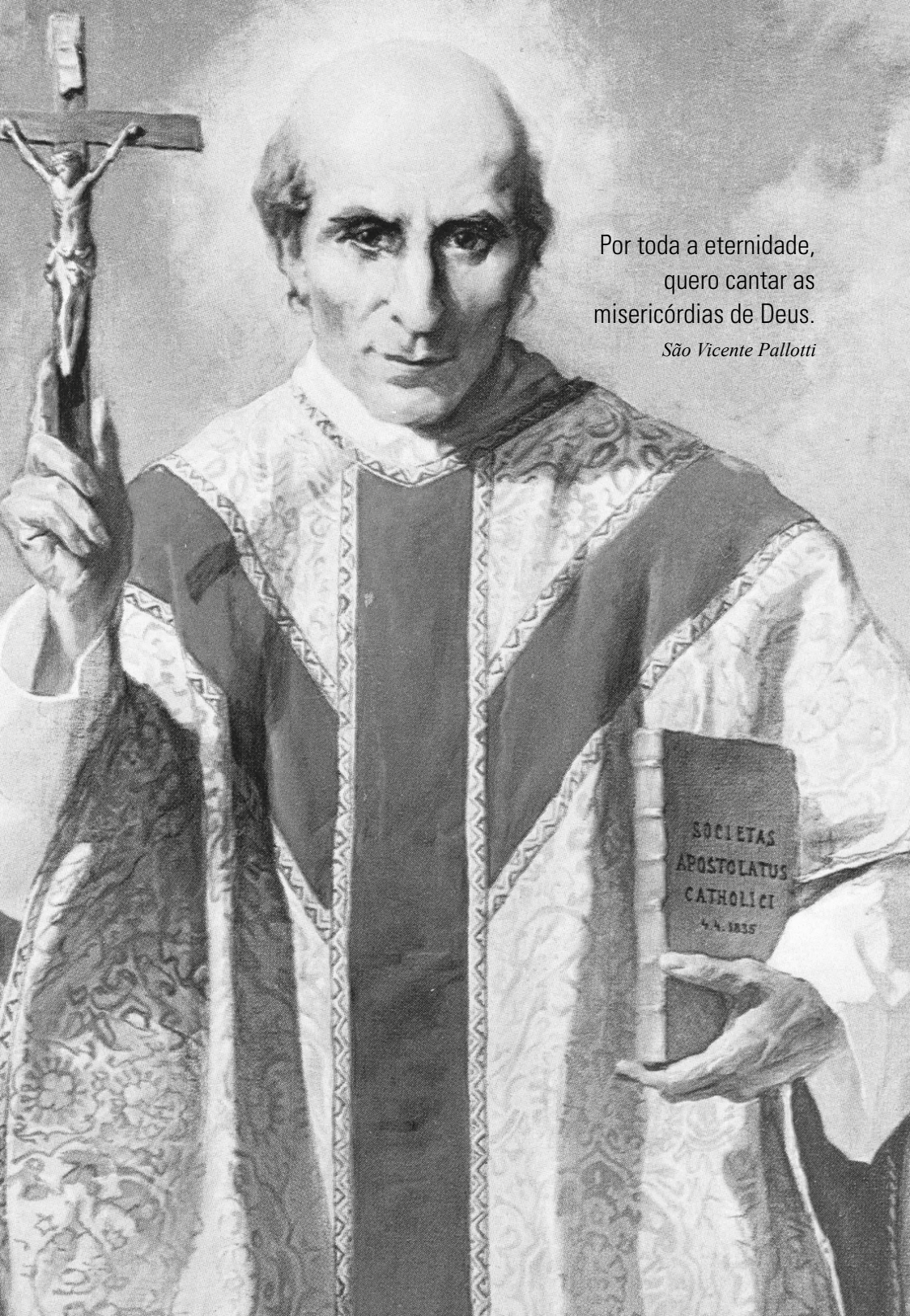
“A caridade de Cristo nos impele.”

Ou, numa linguagem simples e profundamente humana:

“O amor de Cristo nos impulsiona.”

Muito obrigado.

Palotina, 29 de maio de 2026.



Por toda a eternidade,
quero cantar as
misericórdias de Deus.

São Vicente Pallotti



NOTÍCIAS QUE ALARMAM

Rodolfo Pedro Capalozza, SAC¹

Nestes dias temos recebido notícias, nacionais e internacionais, que nos alarmam e entristecem. Em Comodoro Rivadavia, Argentina, uma criança de quatro anos morreu em consequência dos golpes recebidos, supostamente, por sua mãe ou pelo companheiro dela. Uma adolescente, deixando várias cartas de despedida, tirou a própria vida. Um jovem que disparou com uma arma em uma escola secundária deixou um colega morto e outros feridos; pertencia, presumivelmente, a uma rede internacional que promove essas ações. Alerta em várias escolas por ameaças de alunos relacionadas a esse tema. O horror das guerras, com milhares de mortos, revela, naqueles que têm a responsabilidade de zelar pela justiça e pelo bem comum, uma trama de espírito de domínio, mentiras e interesses econômicos. Ouvimos cotidianamente palavras ferinas, insultantes, ameaçadoras, vindas de presidentes de nações e autoridades civis eleitas por seu povo. Palavras e atitudes violentas em pessoas que, por seu lugar social, tornam-se referências para nossas crianças, adolescentes e jovens.

¹Padre palotino. Membro da Região Nossa Senhora de Luján, na Argentina. Atualmente, diretor do Centro de Espiritualidade Palotina, em Buenos Aires, na Argentina.

É preocupante o aumento de doenças psiquiátricas e o crescimento dos suicídios após a experiência e o isolamento da pandemia. Esta nos levou a nos fecharmos em nossas casas e em nossos computadores, gerando o “sintoma da caverna”. Medos inconscientes nos paralisam e temos dificuldade em deixar nossas zonas de conforto para ir ao encontro dos outros. Horas de confinamento nas redes envolvidas da internet.

Há vidas em risco e pessoas agredidas e assassinadas. Há muitos agredidos! Mas, hoje, o grande golpe que dá origem a tanta violência é a indiferença.

Indiferença dos pais em relação aos filhos, que não criam oportunidades de diálogo acolhedor. A televisão e as redes sociais ocupam esses espaços que, em outro tempo, eram destinados à conversa à mesa, ao café ou ao mate compartilhado. Pais e mães adolescentes que temem perder a estima dos filhos e, por isso, não sabem estabelecer limites com firmeza e ternura ao mesmo tempo; mais preocupados em serem queridos do que em amar verdadeiramente. Nossas crianças e jovens experimentam uma solidão muito grande, que procuram preencher nos espaços das redes sociais, onde os adultos, que deveriam cuidar de suas vidas, não conseguem entrar.

Indiferença entre vizinhos de um mesmo bairro ou de uma mesma cidade. Perdemos os espaços comunitários e sociais de comunicação, ajuda e solidariedade. Caminhamos pelas ruas de nosso entorno sem nos olharmos nem nos cumprimentarmos. A calçada deixou de ser espaço de encontro para se tornar uma via de passagem, onde circulam pessoas sempre apressadas, que jamais olham nos olhos de quem passa ao seu lado. Não há tempo para o encontro. Perdemos o clube do bairro como espaço de socialização; a paróquia como segunda casa; a escola como continuidade do ambiente familiar. Encontramos docentes e pais,

diretores e professores, em trincheiras que agredem e não dialogam; ferem e não curam.

Um Estado cruelmente indiferente diante de aposentados que morrem porque, diante de uma doença grave ou terminal, não conseguem uma consulta ou não podem acessar a medicação necessária. Um setor marcado por deficiências especiais que não encontra o acolhimento necessário. Um Estado que não cumpre sua primeira obrigação: cuidar da vida. Porque ser pró-vida não é apenas condenar o aborto; é também condenar a inoperância, a corrupção, a impunidade que gera morte.

Fomos criados à imagem e semelhança de um Deus que é comunhão de pessoas. Só somos pessoas quando somos comunidade, família, nação, bairro.

A crescente mentalidade individualista está gerando morte. A concepção da sociedade como uma soma de individualidades, na qual o único vínculo existente é respeitar os direitos dos outros e nada mais, não nos permite ser aquilo para o qual fomos chamados à vida. A concepção de um Estado e de uma nação em que não existe a construção do bem comum, o compromisso com o cuidado da vida, onde posso fazer o que quero e sinto, sem dimensão de compromisso social, é sempre geradora de violência, porque leva à perda do sentido da própria existência.

Uma concepção de liberdade divorciada da fraternidade social torna-se sempre autoritarismo. Os proclamadores de um ultraliberalismo acabam sendo dominadores, violentos e autoritários.

Por ser a pessoa um ser social, somos mais pessoa quanto mais vivemos a comunhão. Ao mesmo tempo, somos mais comunidade quanto mais crescemos como pessoas. Os extremos ideológicos – a exaltação da individualidade sem dimensão social e a concepção social que anula a liberdade pessoal – são sempre caminhos para a violência.

Quando nossas crianças, adolescentes e jovens não encontram os necessários espaços sociais (família, amigos, escola, bairro, clubes, igrejas, espaços esportivos e sociais, lugares que geram arte e criatividade em grupo), vão buscá-los nos espaços que as redes sociais oferecem, muitas vezes perigosos. Só superaremos o vício nas redes e a dependência química gerando espaços acolhedores, solidários, inclusivos, plurais, que gerem confiança, respeitem o caminho escolhido pelo outro e, ao mesmo tempo, sejam sinceros no compartilhamento do nosso pensar e sentir. Mas, sobretudo, comprometidos com a vida; com o cuidado de nossas vidas e das vidas dos outros.

O caminho para superar os vícios e as violências passa por despertar o desejo de uma vida compartilhada em dimensão de universalidade e não de gueto social. Se queres construir um barco, não comeces por mandar os homens buscar madeira, distribuir o trabalho e dar ordens. Em vez disso, ensina-lhes a desejar o vasto e imenso mar. Quando esse desejo tiver sido despertado, então é hora de começar a trabalhar para construir o barco (Antoine de Saint-Exupéry).

Quando não se desperta o anseio por uma vida que se realiza na entrega aos outros, no acolhimento do próximo, na escuta empática e no compromisso com o bem comum, estamos gerando um mundo em que a vida perde o sentido. Diante disso, surge o niilismo (experiência existencial do nada, da falta de sentido, da ausência de motivação) ou a violência.

Quanto bem nos faz recordar que a oração final de Jesus foi: “Que todos sejam um; como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, que também eles estejam em nós” (Jo 17,21).

POESIA DESPEDIDA DE PADRE JADIR ZARO DA COMUNIDADE LOCAL PADRE CAETANO PAGHIUCA

1
Pois hoje é dia especial
De tristeza e de alegria
Mas também eu lhes diria
É dia de gratidão,
Mescla de bons sentimentos
Que iluminam os momentos
Quando fala o coração.

2
O companheiro que parte
Rumo a outra missão
Vai morar noutro rincão
Em residência especial.
Fica no Bairro Dores
E esta casa, meus senhores,
É a Casa Provincial.

3

Pois lhes digo que o colega
Que amanhã vai partir
É o nosso Padre Jadir,
Um padre muito legal...
Devido à sua competência
Mudará de residência
– Porque é nosso Provincial.

4

O Jadir, caros confrades,
Onde quer que ele esteja
É presença benfazeja
Porque ele irradia
Bom astral, grandeza de alma
Muita paz e muita calma
E vulções de simpatia.

5

O Jadir, falo a verdade,
Nesta nossa residência
Teve bonita vivência
Na missa e no sermão...
Nas discussões não se afoba
E graças à gororoba
Enfrenta qualquer tirão.

6

De manhã sempre aparece
Na hora do chimarrão
Trazendo satisfação,
Entra logo em nosso papo

Tem ideias de conceito
Pois é formado em Direito
E na trela é muito guapo.

7

Meu companheiro Jadir,
Siga seu rumo especial
Como bravo Provincial
Atendendo toda a gente.
Carrega nesta mudança
A metafísica e biodança
E o Dorli como gerente.

8

Quando as coisas lá complicam
E o problema é um baita grilo
Peça conselho ao Danilo
Que é o rei da Filosofia.
Mas se o caso tem mutreta
Pega o Gervásio Pivetta
Pra não cair numa fria.

9

Se, porém, no seu ofício
O desencanto lhe dói
Fale ao nosso Dom Elói,
Nosso bispo aqui caseiro...
Mas se houver algum fuxico
Apele para o Irmão Chico
Que ele resolve ligeiro.

10

Se o causo é psicologia
O Lasta é quem se preza,
Mas se precisar de reza
O Gervásio quebra o galho...
Se quiser se divertir,
Meu caro amigo Jadir,
Então vem jogar canastra.

11

Se alguém lhe deixar chateado
Pega um rebenque gaúcho
Dá no cara um bom repuxo,
Mas não bata de fivela,
Depois guarda o seu relho
Dá pro cara um bom conselho
E uma reza na capela.

12

Mas isso é só brincadeira
Porque aqui nesta casa
Todos são anjos sem asa
Independente de idade...
Todos vivem como santos
Rezando pelos recantos
Em odor de santidade.

13

Mas chega de brincadeira,
Que é hora de despedida
E eu vou dizer em seguida
Um verso de gratidão
Ao Jadir aqui do lado:
Leve o nosso obrigado

14

Na cuia de chimarrão.
Nesta sua nova empreitada
Brandura e paz sempre adote,
Tenha as bênçãos de Pallotti,
Tenha a Luz de Jesus Cristo.
E o amor de Nossa Senhora
Seja feliz como agora
E será sempre benquisto.

Autoria: Pe. Lauro Trevisan, SAC

POESIA EM HOMENAGEM AOS 103 ANOS DA REVISTA RAINHA DOS APÓSTOLOS

Antes de repousar, não te
esqueças de uma coisa:
examina tua consciência.

São Vicente Pallotti

Há 103 anos, uma chama foi acesa,
pequena como semente,
ardente como missão.

Do coração missionário de Vicente Pallotti
brotou o sonho que encontrou voz
nas mãos dedicadas do Padre Rafael Iop:
evangelizar também é comunicar,
anunciar Cristo também é escrever esperança.

E assim, em 23 de abril de 1923, em Vale Vêneto,
nasceu a Revista Rainha dos Apóstolos,
humilde tipografia, grande missão.
De páginas simples a mensageira fiel,
entrou nos lares, formou famílias,
fortaleceu vocações, reacendeu a fé
e fez da caridade um compromisso vivo.

São 103 anos evangelizando gerações,
caminhando com o tempo
sem perder a essência;
dialogando com o mundo
sem silenciar o Evangelho.
Mais que tinta e papel, é um legado.

Mais que história, é presença.
Mais que memória, é missão viva,
sonho de Pallotti que atravessa o tempo
no “sim” generoso de tantos corações.

Hoje não celebramos apenas o passado.
Celebramos o presente que pulsa
e o futuro que chama.
Porque enquanto houver
uma alma sedenta de Deus,
haverá Palavra a ser anunciada.
E enquanto houver
um coração disposto a dizer “sim”,
a chama continua acesa.

Obrigado, leitor, colaborador, missionário, benfeitor.
Esta história também é sua.
Celebre conosco.
A missão continua.

Autoria: Pe. Judinei Vanzeto, SAC

